este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1971 N.º 17 331 ANO 50.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág 16 pode encontrar uma ajuda...

DIÁLOGO GOVERNO – SECTOR PRIVADO COM VISTA À INTEGRAÇÃO EUROPEIA

Enquanto explora o terreno para o estabelecimento de relações com o Mercado Comum, o Governo português procura agora obter uma colaboração mais íntima do sector privado, como meio de facilitar a franca discussão e o estudo dos problemas da cooperação económica internacional.

Tal é, segundo fontes governamentais, o significado da convocação, para esta tarde, nas instalações da Associação Industrial Portuguesa, de uma reunião das corporações e das associações económicas por-

(Continua na ultima página)

Um novo modelo de telefone público portátil, fabricado por uma empresa britânica. Além de poder ser utilizado em locais de passagem — mesas de restaurantes e hotéis, estações de serviço, aeroportos, balcões de armazéns, etc. — tem a vantagem de substituir o disco vulgar por teclas, o que reduz a margem de erro

Destituído o presidente Levingstone da Argentina (Pág. 13)

Alterações tarifárias introduzidas pela TAP (Pág. 8)

O túnel da Mancha: inauguração em 1978 (Pág. 13)

Atacada por sabotadores a base de Khe Sanh (Pág. 14)

LEIA HOJE EM Exclusivo

RENOVAÇÃO E REVOLUÇÃO

ARTIGO ESCRITO PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO DO GOVERNO FRANCÊS

VICKI MICHELLE tem 20 anos e deram-lhe recentemente o papel principal do filme «Bruxas e virgens». Vicki é uma das bruxas, aliás muito pouco convincente: repare-se no seu ar seráfico e luminoso.

AGUARDE 24 horas

PEDIMOS ONTEM AOS NOSSOS LEITORES PARA FIXAREM A DATA DE SETE DE ABRIL, AFIRMANDO QUE LHES RESERVÁVAMOS UMA SURPRESA PARA ESSE NÚMERO.

Celebra este jornal o seu primeiro cinquentenário a sete de Abril, o que explica a razão que nos levou a escolher essa data para anunciar uma surpresa destinada aos nossos leitores. Entende-se a nossa decisão, como se entende que, reconsiderando-a tenhamos resolvido modificá-la em atenção ao interesse que a mesma despertou e ao número de pessoas que se nos dirigiram nas últimas horas pedindo esclarecimentos e informações acerca das nossas intenções. Se a sete de Abril iamos celebrar, em termos que apesar dos nossos esforços teremos de classificar de «íntimos», um aniversário de que todos nos orgulhamos, justo era que nesse mesmo dia a nossa «festa» abrangesse todos os que a tornaram possível, dando ao «Diário de Lisboa» a projecção que ele actualmente tem na vida portuguesa. Integrava-se, aliás, esta atitude numa orientação a que ontem nos referimos e que pode definir-se em duas palavras: iniciar um novo tipo de relações com os nossos leitores. Queremos, por

(Continua na página seguinte)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
(LER NA PAG. 20)

HOJE 32 PÁGS.
VISADO PELA CENSURA

Ao inaugurar a delegação em Viseu do Banco de Fomento Nacional

o vice-governador dr. Almeida Cotta proferiu importantes declarações

Efectuou-se ontem, em Viseu, a cerimónia solene da inauguração oficial da delegação do Banco de Fomento Nacional naquela cidade, na Avenida Calouste Gulbenkian, 335, com a presença das mais altas individualidades locais, entre as quais o governador civil do distrito, o presidente da Câmara Municipal, o presidente da zona centro do Planeamento Económico, o representante do bispo da diocese, o presidente da Acção Nacional Popular do distrito, diversos deputados, o comandante militar, o presidente do Tribunal Militar e os comandantes da P. S. P., da G. N. R. e da Legião Portuguesa.

Receberam os convidados e acompanharam-nos na visita às instalações os srs. drs. Almeida Cotta e José Luís Sapateiro, respectivamente vice-governador e administrador daquele estabelecimento de crédito, os directores drs. Júlio César Gonçalves, Noel Loureiro e Varela Pinto e o eng.º José Coelho Jordão, delegado do Banco na zona centro.

Secundar o esforço do Governo em tudo o que respeita ao desenvolvimento regional

Durante a cerimónia, o sr. dr. Almeida Cotta pronunciou um importante discurso, começando por afirmar:

«Esta é a quinta das delegações abertas pelo Banco de Fomento Nacional no território do Continente. Procedemos, haverá um mês, á inauguração da de Aveiro, em pleno litoral e estamos agora, no interior do País, entre serras e serras, a abrir outra filial, numa cerimónia que, se desejámos simples, queremos também cheia de significado não só para o próprio Banco, mas também, e acima de tudo, para este distrito.

Encontro-me hoje aqui com o meu ilustre colega, dr. Luís Sapateiro e com alguns dos mais qualificados técnicos do Banco de Fomento Nacional, para inaugurar oficialmente as suas instalações nesta antiga e bela cidade de Viseu. Esta missão é a vários títulos do meu maior agrado, pois se a formação moral e intelectual é tributária, em grande parte, da terra onde se nasce, por força da decisiva influência que mestres e amigos de infância e da adolescência imprimem ao carácter, isso permite-me confessar com toda a sinceridade, sem lisonja que a mim e a vós, causaria ofensa, a minha gratidão áqueles que tão generosamente me dispensaram amizade, ensinamentos, conselhos e exemplos. Por graça de Deus nunca os esqueci.

De outro lado, consente também, de algum modo, alimentar a esperança de reduzir a dívida contraída ao mostrar que a despeito da sorte do destino me ter afastado da intimidade da terra e das suas gentes, continuo bem perto delas pela compreensão dos seus anseios, e volto sempre que posso ao seu convívio, como o menino que regressa á casa paterna. Posto isto, Minhas Senhoras e Meus Senhores, vou fazer algumas considerações directamente dirigidas ao significado deste acto e também á situação actual da economia do distrito de Viseu e das suas perspectivas de evolução.»

E o dr. Almeida Cotta acentuou:

«O Banco de Fomento, na linha recta desta orientação essencial, entendeu que se lhe impunha, sem hesitações nem demoras, secundar activamente o esforço do Governo em tudo quanto respeita ao desenvolvimento regional da economia portuguesa. Tal é, na raiz das coisas, a mais relevante de todas as razões que nos levam a abrir, por esse País fora, as nossas delegações.

Na verdade, e como disse em Braga, o governador do Banco de Fomento e meu querido amigo prof. Daniel Barbosa, «a rede de delegações do Banco tem... também fundamentalmente em vista permitir-lhe colaborar, de uma forma mais consistente e mais dinâmica, com as entidades locais e com o Governo na análise dos problemas basilares que o desenvolvimento regional levanta, bem como na execução dos esquemas e no apoio das iniciativas que nesse âmbito se estabeleçam e surjam.»

O isolacionismo empresarial tem os seus dias contados

E mais adiante:

«A tarefa de desenvolvimento económico, nacional e regional, em que todos nos empenhamos, só poderá realizar-se se soubermos detectar e encarar de frente as numerosíssimas dificuldades que esse processo envolve e se, através de um intercâmbio constante de opiniões e de experiência, no quadro dos interesses gerais que nos ligam, estivermos dispostos a trabalhar em conjunto. É cada vez mais densa a teia de relações existentes entre as várias empresas de cada sector e entre os diversos sectores da economia. A medida que esta se desenvolve, a estrutura vai-se tornando, por assim dizer, mais orgânica; e de modo tal que a mínima acção que se exerça num ponto qualquer do sistema tende a propagar-se a todos os demais, por uma cadeia progressivamente mais complexa de efeitos inevitáveis.

O isolacionismo empresarial tem, assim, os seus dias contados. A empresa que se encerra nas paredes limitadas da sua fábrica, cega e surda ao mundo que a envolve, condena-se a si própria, em prazo curto, á desactualização e ao fracasso. E á mesma consequência acabaria por conduzi-la o esquecimento do crescente tecnicismo da vida económica em todos os seus aspectos. Já se não pode improvisar: o tecido das ligações e dos interesses é tão espesso, as inter-relações dos fenómenos tão pronunciadas, que a decisão que se queira segura não pode prescindir do técnico, não apenas do ponto de vista macroeconómico, mas também do ponto de vista microeconómico.

Aí está, portanto, a razão basilar do tipo de relações que o Banco de Fomento tem em vista. Pretende ele, através de um contacto fácil e paritário, coadjuvar directamente as empresas na resolução dos seus problemas específicos. Mas pretende também colaborar com as actividades e as entidades locais no exame aprofundado da economia e das potencialidades de cada região, a fim de, com base em estudos tanto quanto possível exaustivos, se traçarem, na esfera das orientações superiormente estabelecidas, as concretas linhas de rumo a seguir.

É também para isso que a delegação do Banco de Fomento Nacional em Viseu foi aberta. Desejaríamos que viesse sempre nela um dos pontos de apoio para a análise e solução dos verdadeiros problemas económicos do distrito e das empresas que exercem aqui a sua actividade.

E a propósito congratulo-me por poder informar V. Exas. de que já passámos das palavras aos actos. Há-de realizar-se, muito em breve, num dos distritos do continente, um encontro entre os nossos técnicos e as entidades e empresas locais, a fim de, a partir de estudos aprofundados que no Banco se realizarem sobre a respectiva economia, se debaterem e formularem conclusões objectivas que permitam transitar desde logo para acções concretas de promoção económica.»

Descentralizar sim, mas com prudência

Noutra passagem do seu discurso, o vice-governador do Banco de Fomento Nacional declarou:

«O segundo ponto que desejava abordar é o da descentralização. Só a vivência *local* dos problemas permite ter deles uma ideia suficientemente correcta, com o matiz particular que o enquadramento específico da região lhes confere. Daí que o Banco, longe de pretender espalhar pelo País vagas e desvirilizadas filiais, tenha como propósito firme dar ás suas delegações condições que lhes permitam afirmar uma presença cada vez mais activa, capaz de intervenções adequadas e dinâmicas onde quer que se tornem necessárias. E isso pressupõe um certo grau de descentralização.

Descentralizar, porém, exige método e prudência. As precipitações, neste domínio, como noutros, pagam-se, em regra, extremamente caro e acabam por não aproveitar a ninguém. A progressiva integração das delegações no meio em que se instalem e a pressão das necessidades a satisfazer é que darão a justa medida e o tipo de descentralização a estabelecer em cada caso. Nesse sentido se pretende caminhar, naturalmente dentro dos limites que a economia e o realismo institucional das soluções não pode deixar de impor.

Significa tudo isto que a delegação do Banco de Fomento Nacional em Viseu se deseja que pertença efectivamente a Viseu, pelas suas finalidades e pelo seu espírito, embora sem esquecer jamais, como é óbvio, a necessária inserção da sua actividade na linha condutora dos superiores interesses nacionais.»

A emigração e as condições em que decorre a vida económica no distrito de Viseu

Enunciados alguns dos objectivos e métodos de trabalho que presidem ao alargamento da nossa rede de delegações, tentaremos, para finalizar, fazer alguns comentários sobre a actividade económica do distrito. Em síntese, pode dizer-se que apresenta características que traduzem um condicionalismo de desenvolvimento regional insuficiente, quer do ponto de vista da sua estrutura económica, quer no que se refere á dinâmica das suas actividades produtivas.

Com efeito, factores demográficamente favoráveis, como são a densidade populacional superior á da média do Continente e uma taxa de excedentes de vida mais alta do que a encontrada no País, aparecem contrabalançados por fortíssima taxa de emigração que, de modo algum, poderemos deixar de relacionar com as condições em que, no presente, decorre a vida económica distrital. Já elevada em 1950, a emigração veio, de facto, a aumentar com grande intensidade nos dois decénios seguintes, e de forma tão continuada, que, actualmente, deparamos com o fenómeno económica e socialmente nocivo da diminuição, em termos absolutos, dos contingentes da população activa do distrito.

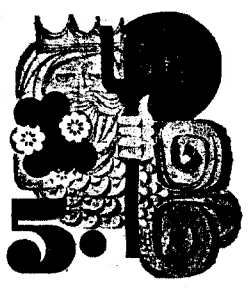
É neste facto, manifestamente lesivo das potencialidades regionais de desenvolvimento, que se filia o cabimento da inclusão de Viseu nas zonas de «repulsão demográfica» do Continente, repulsão que, de resto, se ligará a duas circunstâncias que nos permitimos salientar neste momento por, de certo modo, constituirem como que uma introdução ao enunciado de características económicas que a todos nós importa ver superadas o mais brevemente possível. Queremos referir-nos á excessiva percentagem que a população activa agrícola atinge neste distrito (cerca de 70% do total), e ao exagerado relevo, pouco saudável para a coesão e estabilidade sócio-demográfica local, atingido pelos assalariados».

E, mais adiante, afirmou:

«Notaremos que para a formação do produto distrital continua a contribuir fundamentalmente o sector primário (com cerca de 45%), surgindo depois os sectores de serviços (com cerca de 35%) e só por último as actividades industriais, cuja participação julgamos não exceder actualmente os 20%.

Ora, se tivermos presente, no atinente ao sector agrícola, que a pecuária, a horticultura e a fruticultura — actividades que permitem maiores rendimentos monetários — se encontram insuficientemente representadas em relação aos nossos padrões médios, que a silvicultura não supera ainda os 16% do Produto Bruto Agrícola local e que, no conjunto do sector, das 83 000 explorações existentes cerca de 96% não reunem condições adequadas ao exercício de uma actividade agrícola moderna e competitiva, não custará aceitar que é na crise latente da agricultura e pecuária viseense que se alimenta todo o processo de estagnação que, com algu-

(Continua na 18.ª página)



NAUTICAMPO

AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM EQUIPAMENTO PARA FÉRIAS AO AR LIVRE

HORÁRIO:
Hoje e amanhã — das 17 às 24 horas

até 28 de MARÇO na FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

entrada 5$00

Aguarde 24 horas

(Continuação da pág. anterior)

outras palavras, que os Leitores do «Diário de Lisboa» sintam que o seu jornal é mais do que um órgão informativo, — que é como que um elo de ligação entre todos os que pretendem enriquecer a sua vida tanto pelo acesso à informação como pelo acesso aos bens e aos serviços que o progresso pôs ao alcance do homem moderno. O que não previamos — nem podíamos prever — era que o nosso artigo de ontem provocasse tanto interesse e despertasse tanta curiosidade. Foi precisamente devido a este interesse e a esta curiosidade que resolvemos alterar os nossos planos iniciais e pedir aos nossos leitores que aguardem mais vinte e quatro horas até que lhes revelemos a surpresa a que ontem nos referimos. Haverá, certamente, quem não compreenda que, tendo modificado os nossos planos, não revelemos imediatamente o conteúdo desta surpresa. Porquê esta espera de vinte e quatro horas, quando podíamos, hoje mesmo, dar a conhecer a natureza desta nossa nova iniciativa? Porque não satisfazemos, já, a curiosidade que a nossa informação de ontem despertou?

Gostaríamos de estar em condições de não ter de pedir mais esta espera de vinte e quatro horas que nos desagrada tanto quanto desagrada aos nossos leitores, mas a verdade é que não podemos fazê-lo. A extrema complexidade dos serviços inerentes à nova iniciativa e, por outro lado, a necessidade de satisfazer as necessidades legais a que a mesma dá origem impedem-nos de o fazer.

O prazo que pedimos tem, assim, a sua razão de ser e atendendo a que, apesar de tudo é relativamente curto, julgamo-nos no direito de pedir, aos nossos leitores que o concedam a um jornal que nunca prometeu sem cumprir e que nunca desiludiu os seus leitores no que se refere à dimensão e ao interesse das iniciativas que promove.

Vinte e quatro horas — não pedimos mais.

I FSTIVAL DE CINEMA BRASILEIRO (5)

«O Cinema Novo é como que o espírito universal da cultura brasileira»

—diz o ausente Carlos Diegues

«O cinema brasileiro deixou de ser um «pastiche» e passou a adoptar uma visão antropológica de homem brasileiro. Eu acho, de facto, que o Cinema Novo não se integra na cultura brasileira; eu acho que, neste momento, o Cinema Novo é como que o espírito universal da cultura brasileira, é aquele instrumento cultural que detém hoje o maior índice de representatividade de uma antropologia brasileira». Assim afirmava, tranquilamente, Carlos Diegues, já lá vão cinco anos. Na verdade, em pouco tempo, o espírito do Cinema Novo tomara conta do Cinema brasileiro, transformando-o qualitativamente.

Carlos Diegues (Cácá Diegues no trato familiar e amigo) é um dos fundadores e pilares mais fortes do Cinema Novo.

Dele não chegámos a ver, neste festival, «Os Herdeiros», seu filme mais recente, um fresco magnífico sobre o poder político no Brasil, através das relações entre duas famílias — uma de fazendeiros, outra de industriais — desde 1930 (a crise do café) até aos nossos dias. (Getulio Vargas — a sua aparição e ascensão na cena política, o seu «Estado Novo», a sua ditadura, os acontecimentos que o levaram ao exílio, e, depois, ao regresso ao poder, eleito presidente, e à sua desaparição pelo suicídio —, tudo nos traz «Os Herdeiros», reerguendo toda a história do Brasil dessa época até aos nossos dias, bem mais próximos, de Juscelino Kubitschek, Janio Quadros e João Goulart; da revolução militar, do general Castelo Branco e do marechal Costa e Silva. Datas que são marcos desses anos: 1930, 1937, 1945, 1950, 1954, 1955, 1960, 1961, 1964, 1967 e 13 de Dezembro de 1968).

Diegues recorda:

— *Quando começámos a fazer filmes, quase não havia cinema brasileiro, podemos dizê-lo. O Brasil produzia uma dezena de filmes por ano, muito maus, e o mercado estava saturado de filmes americanos e europeus, alguns de boa qualidade, sem dúvida, mas na sua grande maioria, extremamente alienantes.*

«Em menos de dez anos, impusemos o nosso cinema. De início, o público mostrou-se surpreendido, desorientado com esta ofensiva contra o cinema tal como sempre tinha sido definido: «Westerns», vedetas «made in U. S. A.» e europeias, etc.

«Pouco a pouco, fizemo-nos compreender e hoje, filmes como «Antônio das Mortes» ou «Macunaíma» rendem quase tanto, nas bilheterias (vocês dizem bilheteiras) como os maiores êxitos estrangeiros. Ora isto diz alguma coisa...

«Fizemos frente ao cinema estrangeiro, às fórmulas coloniais, nas salas onde reinavam até aí sem adversários; e tivemos de batalhar até ao fim. Não basta conquistar o público com velhas fórmulas. É preciso levantar o seu entusiasmo por um cinema novo, feito a partir do próprio povo e para o povo.

«Este progresso supõe, naturalmente, uma liberdade de expressão tal que cada realizador possa encontrar o seu próprio caminho sem criar uma «escola», uma academia de estilo. Para nós, a política de autor não é senão um início. Quer dizer que é preciso ser um autor com a sua personalidade própria para se chegar a dizer o que pensamos e a escolher a maneira de o dizer.»

Quem é Carlos Diegues

Nasceu em Macelo, Alagoas, pequeno Estado do Nordeste, entre Pernambuco e a Baía, em 19 de Maio de 1940, filho de um professor de Sociologia. De 1957 a 1961, frequentou a Universidade Católica do Rio. Interessa-se pelo Cinema, ingressa em cineclubes (o da sua Universidade reuniu al-

(Continua na 18.ª página)

Uma cena de «Os Herdeiros», de Carlos Diegues

por OLIVEIRA PINTO

NOTA do dia

QUAL UNIVERSIDADE

FOI AMPLIADO O PRAZO marcado para a discussão pública do projecto de reforma da estrutura geral do ensino. Mais um mês. Não é possível nesta altura formular um juízo sobre o merecimento das discussões travadas, das dúvidas formuladas, das sugestões oferecidas, mas é fora de dúvida que têm sido numerosas as iniciativas tomadas no sentido de aproveitar a aberta que o actual ministro da Educação ofereceu. E, se alguma crítica for de formular ao conjunto das críticas que têm sido expressas, o que não se poderá dizer é que o assunto não despertou uma medida de interesse à altura da sua verdadeira importância.

Seria injusto dizer que toda a gente se tem metido a discutir um assunto que é apenas para estar ao alcance de quem o possa entender, desde que com isto se pretenda dizer que para tal entendimento é precisa especial preparação. Uma reforma do ensino, com efeito, está longe de ser matéria que se considere apenas do alcance de iniciados, quer dizer, daqueles que a si próprios se considerem a «élite», pois é difícil encontrar assunto que tão longe vá condicionar o futuro de todo um povo. E daí o entender-se qual a verdadeira extensão desse interesse. Cada um toma dele a sua parte, a que lhe diz respeito a si, a que diz respeito aos seus filhos.

Pode bem dizer-se que nessa fixação do destino da reforma está todo o seu verdadeiro sentido. Quem são os destinatários da reforma? A quem se destina o ensino? A quem se destina a Universidade? Parece que o próprio projecto, tal como o ministro o propõe, contém em si mesmo o princípio capaz de orientar a resposta a tais interrogações, ao admitir que possa a Universidade vir a aliar-se a pessoas que, embora não tenham o «curriculum» escolar julgado convencionalmente bastante para essa admissão, disponham contudo de uma preparação e de um amadurecimento de ideias que possam suprir aquela insuficiência. Quantos estarão em condições? De momento, isso não importa. O que importa é o princípio.

Quer isto significar que a Universidade, tal como a concebe o projecto, deixa de ser a «turris eburnea» destinada apenas a alguns, mais privilegiados de facilidades materiais do que de aptidão intelectual, para aceitar o passo que a transforme no instrumento de valorização dos mais dotados para se operar a mobilização das inteligências. Se se quiser encontrar uma fórmula que diga alguma coisa, isso poderá talvez ser a universalização da Universidade. Quem aprende? Toda a gente capaz de aprender. Quem ensina? Toda a gente que tiver capacidade para ensinar. Em que escolas ou faculdades? Em toda a parte onde o ensino for possível, eficientemente possível.

Porque essa será o primeiro grande preconceito a eliminar, o da escola formal, ali só é escola e a escola só é ali. Pelo contrário, a escola deverá estar em toda a parte onde se dispuser de meios que a tornem viável, pessoas que ensinem, locais onde para o ensino se disponha de condições que o tornem possível, onde a experiência permanente possa ser recolhida e transmitida, onde o trabalho profissional possa converter-se em lição para administrar, o estímulo contínuo e recíproco do estudo e do trabalho, do pensamento e da acção. Ensinar e aprender o quê? Tudo quanto cada vez mais se torna necessário e urgente, a preparação ininterrupta de tudo quanto constitua resposta às interrogações do mundo de hoje. Porque essas, todos temos consciência disso, são cada vez mais numerosas e mais complexas.

PRÉMIOS DA IMPRENSA
MÚSICA LIGEIRA

No momento da consagração pública
dos "Prémios da Imprensa" 1970 (Música Ligeira),
uma palavra de estímulo
e um aplauso muito sincero para os intérpretes
Rui Mingas, Teresa Paula Brito, Paulo de Carvalho,
José Manuel Osório, José Afonso,
para o orquestrador Thilo Krassman
e para o instrumentista Vítor Santos

Equipa
meporlo play

Teresa Paula Brito, José Manuel Osório e Paulo de Carvalho são intérpretes do elenco "Meloplay"

Caramba
LUBRIFICANTE
E DISSOLVENTE
DA FERRUGEM
COFERTEL — Rua da Boavista, 180-1.º
Telefone 69 09 57 — LISBOA-2

TEATRO ABC
Empresa teatral JOSÉ MIGUEL, LD.ª tel. 36 67 45
ADULTOS
VÁ VER HOJE AS 20.45 H. AS 23 HORAS
A REVISTA DO ANO!
Frangas na Grelha
Uma produção de HUMBERTO CUNHA interpretada por um cartaz de ouro
IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO
ÓSCAR ACÚRCIO
ANABELA • LUÍS HORTA • MARIA TAVARES
e a participação especial de TONY DE MATOS
☆ AMANHÃ: REPOUSO DA COMPANHIA ☆
ANITA «O fado»

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 HORAS
5.ª SEMANA DE ÊXITO
DEPOIS DA QUEDA
AFTER THE FALL
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
Peça de ARTHUR MILLER
com LURDES NORBERTO e ROGÉRIO PAULO

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

LUSTRES
de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno) Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

8.ª Secção de Actividade:

«INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do n.º 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios integrados nesta Secção do Sindicato a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 7 de Abril de 1971, às 21 horas, nas instalações da Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório da Comissão Directiva, relativo ao Ano de 1970

Se, à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia-hora depois com qualquer número.

Lisboa, 20 de Março de 1971

A COMISSÃO DIRECTIVA

CINEMA BRASILEIRO

«JULIANA DO AMOR PERDIDO»

(SÉRGIO RICARDO)

Sérgio Ricardo, o realizador de *Juliana do Amor Perdido* disse do seu filme: «*A parte linear da história foi tirada de um facto policial ocorrido em Santos e que um tio meu me contou. Roberto Santos, a quem chamei para ajudar no guião, ficou entusiasmado, achando que poderíamos fazer o primeiro filme lírico do cinema brasileiro*». E mais adiante: «*O filme tem uma série de coisas que considero realizadas e importantes, como, por exemplo, fazer-se um sincretismo religioso e ao mesmo tempo condená-lo, dentro de uma estrutura não panfletária, mas como decorrência da própria história*».

O equívoco de Sérgio Ricardo residiu unicamente num aspecto: pensar que para se fazer um filme lírico era necessário transformar a realidade, rebuscando a imagem, exteriorizando a emoção. Isso tem a ver também com crenças mais graves: Ricardo não acreditou na força *interior* dos seus personagens, nem no lirismo que se desprende das situações em si. Esta falta de confiança na pureza do olhar, foi ele procurar colmatar com toda uma bagagem técnica arrevezado e infatigável. A sua trágica história de amor, acaba por se perder no meio da tumultuosidade das desfocagens das teleobjectivas dos *zoons*, das «câmaras lentas» e etc. Juliana ama e morre embrulhada em papel celofane e a tragédia chega higienizada ao espectador. Quando afinal, a nobreza de um rosto olhado de frente, ou o vigor de uma situação vista por uma lente normal é indiscutivelmente muito mais intenso do que qualquer rebuscamento. Rebuscamento esse que poderá ser aceite em Hollywood ou Paris, mas resulta desprorado no Nordeste ou na favela. Donde se conclui que começando-se a falar de teécnica, cedo se chega à moral.

De resto, *Juliana do Amor Perdido* poderia ter sido um filme sedutor e importante, se não quizesse ser *bonito* à força. A história é relativamente linear: numa pequena ilha do litoral brasileiro, Juliana é considerada «santa» e assim utilizada pelo pai (que a afasta da cobiça dos homens) e pelo patrão da pesca (que faz da «Santa» um desvio de atenção para os seus pescadores). Juliana apaixona-se pelo maquinista de um comboio que, um dia a leva consigo. Organizada a *batida* pelo pai e pelos pescadores, Juliana morre. Crendice e alienação são os temas. Para os condenar, Sérgio Ricardo serve-se de muito folclore, que a falta de força transforma em «folclorismo». Perdida a chance, restariam as boas intenções. Mas, mesmo aqui prevalece o equívoco.

LAURO ANTÓNIO

QUEM É SÉRGIO RICARDO

Nasceu a 18 de Junho de 1932, em Marília, São Paulo. Cantor e compositor. Irmão do fotógrafo Dib Lufti, que tem sido colaborador directo em quase todos os seus trabalhos cinematográficos.

Filmes que dirigiu:

1962 — «O menino das calças brancas» (curta-metragem);

1965 — «O pássaro da aldeia» (curta-metragem dirigida por encomenda do Governo sírio);

1965 — «Esse mundo é meu»;

1969 — «Juliana do amor perdido».

«PANORAMA DO CINEMA BRASILEIRO»

Com produção do Instituto Nacional do Cinema do Brasil, planificação e realização de Jurandyr Passos Noronha e supervisão do crítico António Moniz Vianna, «Panorama do Cinema Brasileiro» (1968) tenta o balanço histórico do que tem sido até hoje o cinema brasileiro, traçando para tanto o seu perfil a partir do ano de 1898, altura em que *nasce* o cinema no Brasil com a filmagem de algumas cenas da Baía de Guanabara.

Preocupando-se sobretudo com o lado documental e técnico do cinema, este *Panorama* peca pela ausência de uma perspectiva crítica suficientemente explícita que possibilitasse ao espectador um olhar advertido e lúcido sobre o passado, presente e futuro da cinematografia brasileira.

Principiando por apresentar algumas fotografias de vários filmes (hoje inexistentes) dos primórdios do cinema brasileiro, o *Panorama* prossegue o seu itinerário passando pelo que chama os «*ciclos regionais*» (filmes de José Silva, Centenaro Kerrigan, Gentil Roiz, Libero Luxardo, Humberto Mauro e José Medina, respectivamente, de Belo Horizonte, Porto Alegre, Pernambuco, Mato Grosso, Cataguases e São Paulo). A seguir surgem «*os percursores*» («O Caçador de Diamantes», de Vilorio Capellaro, 1932; «O Tesouro Perdido», de Humberto Mauro, 1926; e «Barro Humano», de Adhemar Gonzaga, 1928), «*o som*» («Acabaram-se os Otários», de Luís de Barros, primeiro filme sonoro brasileiro de 1929; «Cousas Nossas», de Wallace Donney, 1931, e «Macaco Feio, Macaco Bonito», desenhos animados, de Luís Seel, 1933), «*o filme de Carnaval*» («Allô, Allô, Carnaval», de Adhemar Gonzaga, 1936), não esquecendo de mencionar três clássicos daquela cinematografia («Ganga Bruta», de Humberto Mauro, 1933; «Limite», filme vanguardista de Mário Peixote, de 1930, e que permanece ainda hoje quase inédito, e «São Paulo, Sinfonia de Metrópole», de Adalberto Kemeny e Rodolfo Lustig, 1929, que põe em termos paulistas a experiência berlinense de Walter Ruttman).

Um «*período de transição*» (testemunhado por «Bonequinha de Seda», de Oduvaldo Viana, 1935; «Argila», de Humberto Mauro, 1940; «Pureza», de Chianca de Garcia, 1940; «Romance Proibido», de Adhemar Gonzaga, 1940, antecede o período caracterizado pela produtora Vera Cruz, de São Paulo («Caiçara», de Adolfo Celi, 1950; «Simão, o Caolho», de Alberto Cavalcanti, 1952; «O Cangaceiro», de

(Continua na página seguinte)

TRINDADE
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
(Adultos)
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
O original de Bernardo Santareno
O DUELO
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Sábado e Domingo
Tarde ás 16 horas

TEATRO CAPITÓLIO
TEL. 327493
HOJE: ÀS 21.45 H.
VASCO MORGADO APRESENTA
LAURA ALVES
A QUERIDA MAMA
"LA MAMMA"
DOMINGO: à tarde, às 16 h. (Adultos)

TEATRO MONUMENTAL
TEL. 55 51 33
HOJE: ÀS 21.45 H.
(Maiores de 17 anos)
SÓ ATÉ DOMINGO
VASCO MORGADO APRESENTA
Em 5.º mês
A Casa das Cabras
com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
Entradas gratuitas é Colónia Espanhola

TEATRO LAURA ALVES
TEL. 864756
HOJE: ÀS 21.45 H.
M/12 ANOS
Santo da Porca
de ARIANO SUASSUNA

TEATRO VARIEDADES
TEL. 326037
HOJE: ÀS 21.45 H.
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Francis Veber
O Contrato
(Adultos)
com RIBEIRINHO • HENRIQUE SANTANA • e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA NICHOLSON
4.ª-FEIRA: Descanso da C.ª

Teatro MONUMENTAL
BREVEMENTE
VASCO MORGADO apresenta
QUARENTA QUILATES
Uma comédia de Barillet & Grédy
Tradução de Jerónimo Bragança

ESTE CINEMA ENCONTRA-SE SITUADO NO EDIFÍCIO DO MONUMENTAL
NUMA NOVA SALA DE CINEMA UM ÊXITO QUE SE CONFIRMA DEFINITIVAMENTE
1.º MÊS — 4 SEMANAS — 92 SESSÕES
«PORTUGAL DE MIL CORES» — uma produção de

coisas da vida
MAIORES 17 ANOS
REAL.: CLAUDE SAUTET
(«LES CHOSES DE LA VIE») EASTMANCOLOR
MICHEL PICCOLI · ROMY SCHNEIDER · GÉRARD LARTIGAU · LEA MASSARI
Filme selecionado para representar a França no Festival de Cannes de 1970 — prémio LOUIS DELLUC
5.ª SEMANA no SATÉLITE
SEMANA — 3 SESSÕES: 15.30 — 18.30 — 21.45
SÁB. E DOM. — 4 SESSÕES: 15 — 17 — 19 — 21.45
10 ANOS
EM COMPLEMENTO:
«EU QUERO A LUA» — desenhos animados, uma produção da Telecine-Moro.
«SPORTUGAL DE MIL CORES» — uma produção de Miguel Spiguel.

DECLARAÇÃO

O signatário, Pompeu António Pais da Cunha e Sousa Pinto, foi gerente da Sociedade Industrial Agro-Reparadora, Lda., desde Julho de 1958 a Setembro de 1970, altura em que decidiu renunciar ao respectivo cargo. Os motivos desta renuncia constam de ACTA NOTARIAL.

Durante todos estes anos, o crédito e prestígio daquela Sociedade foram aumentando de forma sempre crescente e merecida, quer no Mercado Nacional, quer nos Mercados Internacionais, tendo o signatário recebido sempre as maiores provas de confiança e de apreço da LAVOURA NACIONAL, BANCA COMERCIAL PORTUGUESA, FORNECEDORES NACIONAIS, FORNECEDORES ESTRANGEIROS e ENTIDADES OFICIAIS com as quais trabalhou em estreita e leal colaboração, dentro das normas de apoio ao fomento da Motomecanização promulgado pelo Governo.

Por todas as deferências recebidas, manifesta o seu reconhecimento.

Ultimamente, deu-se conta o signatário, de certos rumores caluniosos postos entretanto a circular, a coberto dum seu longo afastamento por motivos de saúde. Uma das fontes de origem destes rumores foi já localizada, estando em curso o esclarecimento de pormenores e respectivas responsabilidades.

Assim e por esta forma, deseja o signatário pôr de sobreaviso os seus Amigos, Clientes, Fornecedores, etc. e prosseguir no apuramento da extensão da manobra caluniosa que se vinha desenvolvendo e, se for caso disso, fará recurso aos meios que a Lei faculta, para defesa do seu bom nome e reputação.

POMPEU ANTÓNIO PAIS DA CUNHA E SOUSA PINTO
Segue reconhecimento

FAYE DUNAWAY COM RENÉ CLEMENT

PARIS, 23 — (A. N. I.) — «A casa sob as árvores» é o próximo filme do realizador René Clement. Faye Dunaway e Frank Langella interpretam os principais papéis desta película em que vivem o drama de um casal a quem raptam os filhos.

«Beau Masque»

JANE FONDA HEROÍNA DE VAILLAND

PARIS, 23 — (A. N. I.) — A actriz Jane Fonda encontra-se em Paris para assinar um contrato com o realizador Bernard Paul, segundo o qual será a protagonista de «Bean Masque», película extraída do romance homónimo de Roger Vailland, que começará a ser rodada no próximo mês de Junho.

Este romance, escrito em 1953, «evoca as relações entre os operário e, as entidades patronais e é, ao mesmo tempo, uma excepcional história de amor» — declarou Bernard Paul.

HOJE NO COLISEU: «MÚSICA NOVA»

O festival desta noite no Coliseu dos Recreios é um acontecimento. «Música Nova», promoção oportuna da Casa da Imprensa, reune no palco daquela sala de espectáculos alguns dos nomes mais em foco da renovação musical operada entre nós nos anos sessenta.

Veja-se o elenco: José Afonso, Rui Mingas, Paulo de Carvalho, Francisco Fanhais, Fernando Tordo, Duarte Mendes, José Jorge Letria, Hugo Maia de Loureiro, José Manuel Osório, Teresa Paula Brito, Daphne, Nuno Filipe, Fausto e «Ete 5». Quanto a conjuntos, teremos o Quarteto 1111, Pedro Osório e Sindicato. Surpresa de última hora: Carlos Paredes.

O festival, para o qual restam poucos bilhetes, constituirá também uma homenagem aos intérpretes e autores galardoados com os «Prémios da Imprensa», que receberão no palco os respectivos troféus: Rui Mingas, José Afonso, Paulo de Carvalho, Tereza Paula Brito, José Manuel Osório, o saxofonista Vítor Santos e o orquestrador Thilo Krassman.

UM AUTÊNTICO «CONCERTO EM DIÁLOGO»

Desta vez a sessão musical, razoàvelmente matutina, no Teatro Maria Matos, constituiu, de facto, um «concerto em diálogo» digno desse nome. Quer dizer: houve concerto, e excelente — pois ouviu-se (excelente) música de Mozart, (excelentemente) tocada pelo (excelente) conjunto que é o Quarteto do Porto; mas houve também diálogo, isto que nem sempre tem acontecido... António Vitorino de Almeida (pianista, compositor e crítico) foi o comentador-moderador. E teve, entre outros méritos, o (essencial numa iniciativa desta ordem) de não se limitar a uma exposição mais ou menos longa, mais ou menos desenvolvida ou interessante, sobre tal ou tal ponto sugerido pela obra (ou obras) em programa — no caso presente o *Quarteto em si bemol maior K. 458* de Mozart, conhecido mais geralmente pela designação de Quarteto «A Caça». Vitorino de Almeida optou, muito acertadamente, e logo de início, pelo diálogo. Soube fomentá-lo, provocou-o mesmo, não receou descer até à plateia em sua busca. E fê-lo sem ares empertigados nem falsamente descontraídos, com naturalidade comunicativa e com bom humor. Vários foram os intervenientes (interpelados pelo comentador, que pediram a palavra ou que não dispensaram um à-parte); pessoas mais ou menos em destaque no nosso meio musical, vozes emergindo do público genérico (cujas opiniões se torna cada vez mais imperioso auscultar e conhecer) e os próprios intérpretes no palco. De diversa ordem foram igualmente as questões postas ou debatidas. Mas algumas, sobretudo, polarizaram as atenções.

Assim: a necessidade ou a utilidade de uma cultura especificamente musical, ou o grau que ela deverá atingir, para uma conveniente e eficiente percepção ou usufruição da música por parte do público não especializado. Outros problemas ventilados ainda: a função do crítico musical e as suas responsabilidades; critérios a seguir na educação ou no ensino musical, na formação do simples amador de música. Por exemplo: deverá começar-se pela música moderna ou pela música antiga? Quanto a este último ponto, parece ter prevalecido a opinião de que há que, de preferência, pôr o ouvinte ou o educando, logo de início, e mesmo de chofre, em face da música, a toda a linha da sua evolução — perante a música antiga, a romântica, a moderna ou dos contemporâneos. Ficando implícito nisto — conforme acentuou o compositor Jorge Peixinho — os aspectos mais recuados no tempo e as correntes mais recentes ou vanguardistas, as culturas exóticas ou certas formas especiais como o «free jazz», por exemplo. Só assim se poderá evitar (ou lutar contra) o dirigismo, qualquer que seja o seu matiz, ou a deformação em matéria de gosto musical.

A respeito da obra de Mozart que se ouviu, do trabalho de preparação que exigiu dos intérpretes, e também da experiência que o Quarteto do Porto vem tendo no que diz respeito ao fomento da cultura e do gosto musical entre a gente nova e a população escolar, os componentes do conjunto referiram pormenores interessantes. E, quanto à interpretação das páginas mozartianas, importa realçar a superior qualidade de que se revestiu. Foi uma versão extremamente articulada, bem construída, e dútil, no capítulo do fraseado e de cambiantes coloristicos e de volume sonoro. Triunfo do profissionalismo e de uma inteligente e sensível compreensão do estilo. Temos, na realidade, um quarteto de cordas de nível internacional. E é de inteira justiça citar os nomes dos seus componentes, todos, aliás, primeiras estantes da Orquestra Sinfónica do Porto: Carlos Fontes, António Cunha e Silva (violinos), José Luís Duarte (viola) e Carlos Figueiredo (violoncelo).

NUNO BARREIROS

CINEMA BRASILEIRO

(Continuação de pág. anterior)

Lima Barreto, 1953; «Sinhá Moça», de Tom Payne, 1953, e «Uma Pulga na Balança», de Luciano Salce, 1953).

Em 1955, «Rio, Quarenta Graus», de Nelson Pereira dos Santos, abre o caminho a um cinema inspiração neo-realista, que irá antecipar o cinema novo e as «novas tendências» que o *Panorama* documenta projectando excertos das seguintes películas: «Estranho Encontro», de Walter Hugo Khouri, 1958! «Ravina», de Ruben Biáfora, 1958; «Mulheres e Milhões», de Jorge Ileli, 1961; «Assalto ao Trem Pagador», de Roberto Farias, 1962; «Os Cafagestes», de Ruy Guerra, 1962; «O Beijo», de Flávio Tambellini, 1965; «Noite Vazia», de Khouri, 1964; «Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos, 1963: «Menino de Engenho», de Walter Lima Junior, 1965; «Deus e o Diabo na Terra do Sol», de Glauber Rocha, 1964; «A Grande Cidade», de Carlos Diegues, 1966; «O Padre e a Moça», de Joaquim Pedro de Andrade, 1966; «São Paulo, S. A.», de Luís Sérgio Person, 1965; «O Corpo Ardente», de Khouri, 1966; «A Hora e a Vez de Augusto Matraca», de Roberto Santos, 1966, e «Pagador de Promessas», de Anselmo Duarte, 1962.

De salientar os excertos dos filmes de Glauber Rocha, Carlos Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Ruy Guerra ou Roberto Santos e de referir o facto deste *Panorama* terminar (porquê?) com uma sequência de «O Pagador de Promessas», de 1962, quando, depois dele muita água correu e muito cinema se fez. Ou terá sido para o *Panorama do Cinema Brasileiro* se terminar por uma referência vagamente crisã, que lhe inspirasse o futuro?

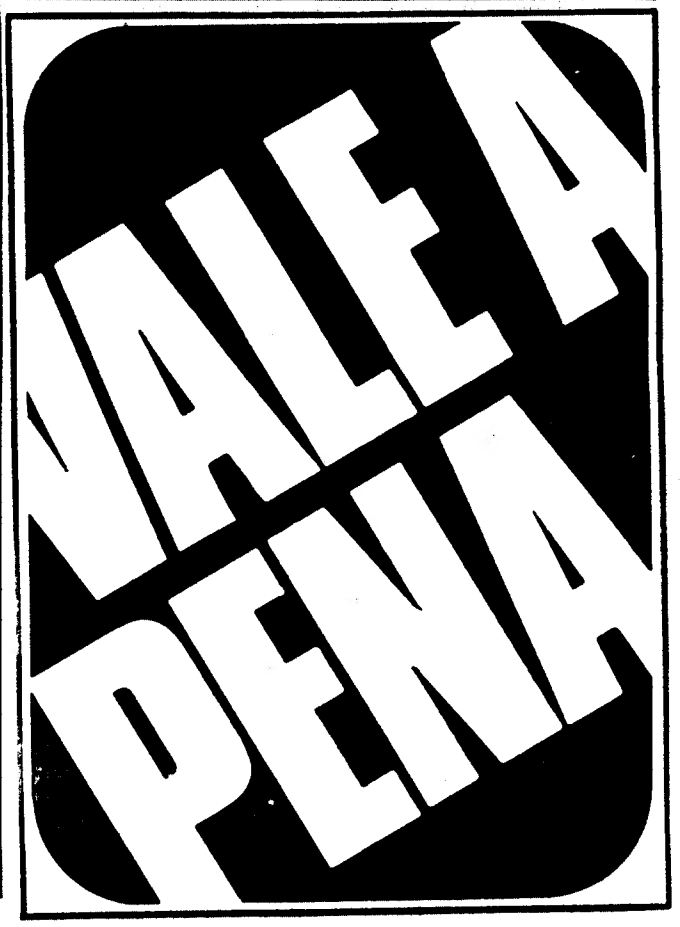
LAURO ANTÓNIO

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Todas as noites, às 21.30
Domingo, às 16 e 21.30
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos
Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de Gombrowicz

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
SÓ 8 DIAS
ÚLTIMOS E DEFINITIVOS DE UM GRANDE ÊXITO (M/ 17 anos)
ATÉ 31 DE MARÇO TODAS AS NOITES ÀS 21.45
DE 1 A 11 DE ABRIL CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
O Inocente
as irmãzinhas grupo 4

VENDE-SE
COCKER SPANIEL
Registados Nulbade
Telef. 84 76 34

ESCRITÓRIO
Aluga-se, 6 div. soalh., na R. Presidente Wilson, 6-r/c. (à Pç.ª de Londres). Renda 8 contos. Telef. 320430.



CONDIÇÕES DEFICIENTES DE FUNCIONAMENTO DOS MERCADOS DE LEIRIA

LEIRIA, 23 — A falta de espaço no principal recinto onde funcionam (em deficientes condições, como já foi dito) os mercados semanais, não tem permitido concentrar os diversos artigos e produtos na zona do «Mercado Fechado», em Leiria. Por esse motivo, houve necessidade de promover o seu desdobramento por outros recintos da cidade.

Acontece, porém, que esses recintos se localizam a consideráveis distancias o que dificulta o seu acesso e traz descontentes os vendedores e os compradores. Os primeiros, porque não fazem o negócio que desejariam, dado o reduzido numero de pessoas que se dispõem a vencer tais distancias; os segundos, porque não podem desperdiçar o tempo para tais caminhadas, independentemente da falta de comodidade que a situação representa.

Assim, os mercados desdobrados — o dos cereais a funcionar no Largo Camilo Castelo Branco, e o de plantas, quinquilharias, roupas, algibebes etc., transferido para o recinto da Feira dos Oito a levante da cidade — denotam a falta de publico que lhe dariam vida, se não subsistisse o problema da distancia que os separa entre si e do principal.

As lamentações sucedem-se de parte a parte, mas, ate agora, não foi possivel resolver o problema apesar das transferências constantes a que têm estado sujeitos os ditos mercados que funcionam ás terças-feiras e sábados. A cidade vai perdendo, assim, a pouco e pouco, as caracteristicas do seu proprio regionalismo, numa época em que se caminha apressadamente para as sociedades de consumo e os supermercados proliferam no burgo, criando hábitos e facilitando a vida a muita gente afadigada com outros problemas.

E enquanto não fôr solucionado o tão falado assunto da construção do novo mercado numa zona da cidade, como já foi projectado, os inconvenientes sucedem-se e agravam-se cada vez mais. Até quando? Isso gostaria a cidade de saber — para quanto mais não fosse para substituir a descrença e o pessimismo que se gerou no espírito de muitos leirienses, que aguardam, há muitos anos, que seja resolvida a inadiável necessidade — M. J. P.

Aspecto parcial do mercado dos cereais a funcionar em local improvisado

Exposição de filumenismo no Porto

PORTO, 23 — Com a presença do dr. Manuel Seabra, presidente da Câmara de Matosinhos, foi inaugurada, no orfeão daquela vila, a «III Exposição Internacional de Filumenismo de Matosinhos».

Expõem 65 concorrentes, trinta dos quais estrangeiros, nomeadamente da Bélgica, Alemanhas Oriental e Ocidental, França e Checoslováquia.

Para comemorar a exposição foi mandada cunhar uma medalha.

Dois novos professores de Direito em Coimbra

COIMBRA, 23 — A Faculdade de Direito tem agora mais dois catedráticos, os srs. profs. drs. Rogério Guilherme Ehrhardt Soares (3.º Grupo — Ciências Politicas) e Francisco Manuel Pereira Coelho (4.º Grupo — Ciências Jurídicas).

As provas decorreram na Sala Grande dos Actos da Universidade e presidiu a vice-reitora, sr.ª prof. dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira. Os juris eram constituídos por todos os professores catedráticos daquela Faculdade e pelo prof., jubilado, sr. dr José Carlos Moreira e ainda pelos srs. profs. drs. André Gonçalves Pereira e Adelino Palma Carlos, da Faculdade de Direito de Lisboa, nos juris para as provas dos srs. profs. drs. Rogério Soares e Pereira Coelho, respectivamente.

As provas constaram de lições com pontos tirados á sorte, por cada um dos candidatos, cujos temas foram: para o sr. prof. dr. Rogério Soares, «O poder constituinte», e para o sr prof. dr. Pereira Coelho, «Da filiação ilegítima em Direito Internacional Privado». Foram comentadores, respectivamente, os srs. profs. drs. Afonso Rodrigues Queiró e Ferrer Correia.

As lições foram dadas na cátedra, armada na sala, onde havia grande assistência, constituída por professores, assistentes e estudantes universitários, entre os quais muitas senhoras, que seguiram com grande interesse as exposições dos candidatos, que foram brilhantes.

No final de cada lição, o juri reuniu-se no Instituto Jurídico e aprovou por unanimidade, os candidatos que receberam cumprimentos dos seus novos colegas, dos seus amigos e admiradores.

Antes das provas terminarem, a vice-reitora sr.ª prof.ª dr.ª D Maria Helena da Rocha Pereira agradeceu aos professores de Lisboa a sua colaboração naquele acto académico.

Comunicado do S. I. P.

Morreu em combate na província da Guiné o soldado n.º 82139769, Meta Camará, do recrutamento da província.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

QUINTA-FEIRA: ÚLTIMO DIA PARA REMETER O CUPÃO-DUPLO

Os retardatários dispõem apenas de dois dias para remeter os cupões-duplos de identificação (se ainda o não fizeram, evidentemente). O prazo de recepção não será alterado para não fazer adiar a data marcada para a realização do sorteio.

Os cartões de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» continuam a ser enviados. Não se surpreendam os participantes com a demora na recepção que é apenas provocada pela grande aglomeração de correspondência registada nos nossos serviços e pela consequente morosidade de classificação, por ordem alfabética e numérica dos muitos milhares de cupões-duplos dos participantes na iniciativa com que abrimos o ciclo das comemorações do cinquentenário do nosso jornal.

Tranquilizem-se, porém, os que ainda não receberam os cartões de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa»: os cartões chegarão a suas casas antes da data marcada para a realização do sorteio.

VIAGENS À ESCANDINÁVIA PARA OS PREMIADOS COM FRIGORÍFICOS «PHILIPS»

Os premiados com frigoríficos «Philips» na iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» estão ainda habilitados ao sorteio de seis viagens duplas á Escandinávia, prémios do concurso «Viagem ao Sol da Meia-Noite», que a Philips Portuguesa está a promover com êxito assinalável, envolvendo uma semana cheia de surpresas, movimento e alegria: visitas guiadas ás capitais da Noruega, Suécia e Dinamarca, excursões de autocarro e de barco a locais de excepcional beleza; espectáculos de folclore e o exotismo da cozinha nórdica. Todo um itinerário pelas diversas singularidades da alma escandinava.

Portanto, os premiados na nossa iniciativa com frigoríficos «Philips», se a sorte os voltar a beneficiar, serão convidados da Philips Portuguesa para realizar, com um dos seus familiares, uma viagem á Escandinávia, vivendo o dia-a-dia intenso de umas férias inesquecíveis. A majestade dos «fjords» e das montanhas, a beleza e o encanto dos lagos e florestas da Escandinávia e o espectáculo único do Sol da Meia-Noite constituem, por si só, fortes motivos de interesse a que qualquer pessoa não poderá ficar indiferente. Os prémios que a «Philips» instituiu incluem passagens, estadia, excursões, etc. Quatro dos contemplados no sorteio da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» ficarão habilitados a outro sorteio de prémios aliciantes, que lhes permitirá (quem sabe?) uma semana de férias grátis na Escandinávia.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

- RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA» -

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

- RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA» -

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

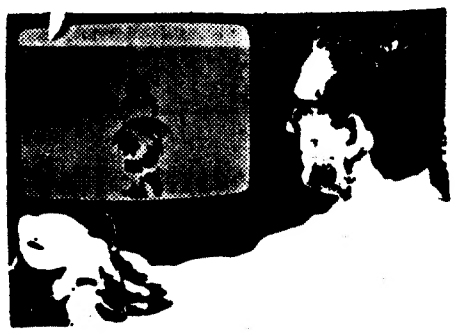
_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SAO ESTES OS DOIS CUPOES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERA DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUIDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTAO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIARIO DE LISBOA», DEVERA JUNTAR UM SELO DE 1$00



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

EM RESUMO: MAL, A GINÁSTICA DE APARELHO; MUITO MAL, O APARELHO DE GINÁSTICA

A ginástica, sabemos: a base. A basezinha. Sem isso, nada feito. Ora a ginástica não nasce por geração espontânea. A ginástica é uma flor de estufa social. Diz-me a sociedade em que vives, dir-te-ei a ginástica que fazes. Diz-me a ginástica que fazes, dirte-ei a sociedade em que vives. Não é segredo para ninguém que na sociedade portuguesa a ginástica não foi nunca ua dama muito bem vista, relacionada, como estava, com uma certa civilização nórdica ou coisa assim, onde a educação física denuncia um culto pela alegria de viver que, em certos meios, se poderia ter como pecaminosa. Ainda se a ginástica se pudesse praticar com vestidos até aos pés, capotes alentejanos, couraça, etc.... Mas não. De maneira que por estas e por outras é que o nosso País se foi deixando ficar para trás nos domínios da ginástica.

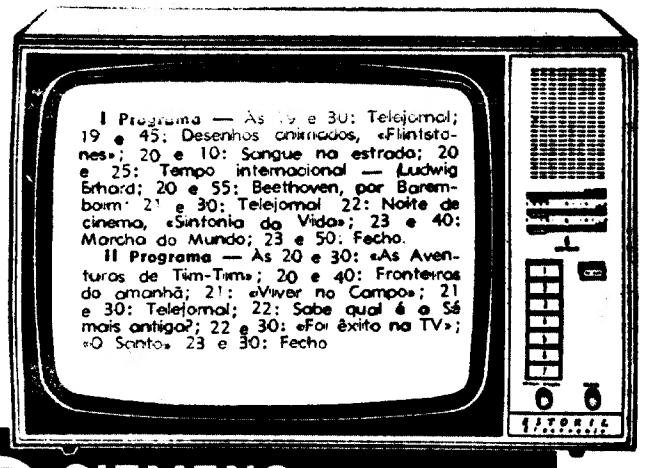
O **Momento Desportivo** lançou-se, como se sabe, na tarefa da discussão de alguns problemas do desporto nacional. A iniciativa não pode deixar de ser aplaudida. As objecções principais residem na escolha das personalidades, na forma aguacolónica que caracteriza estas «discussões» e na fluidez da conversa, a qual, muitas vezes, não passa disso mesmo: de conversa.

A mesa de ontem foi dedicada aos problemas da ginástica. Para tanto convocaram-se Garcia Alvarez, presidente da Federação de Ginástica, há pouco regressado da Guiné, Jenny Candeias e João Mariano, professores de Educação Física, e João Filipe de Abreu, praticante, campeão de Portugal, olímpico. A conversa... bem, talvez lhe possamos melhor chamar desconversa, tão caótica foi, lançada em mil e uma direcções e não se fixando em direcção nenhuma, como acontece aos amigos que se encontram ao fim de longa ausência e desejam esvaziar o saco em pouco tempo. Atacou-se o I. N. E. F. (prof. João Mariano) por não dedicar nenhuma atenção á ginástica desportiva. Falou-se nos diplomados pelo I. N. E. F. e da sua situação na docência liceal. Mencionou-se a primazia dada pelas colectividades á ginástica educativa, em detrimento da ginástica aplicada (João Filipe de Abreu). E mais: os professores de ginástica educativa não encaminhavam os alunos

(Continua na página)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46; Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», com Diahn Carol e Marc Copage; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Conversas diversas; 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 30: Convergência, programa de actualidades literárias; 21 e 5: Protecção da Natureza; 21 e 30: Telejornal; 22: Concerto — A nova geração de artistas: Adriano Jordão, piano; 22 e 40: «A Família Forsyte»; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Júlia»; 21 e 30: Telejornal; 22: Documentário, «A Ilha da Promissão» (Porto Rico), e Mercado Central de Los Ângeles; 22 e 30: Concerto para jovens, e23 e 30: Fecho.

TUDOR pilhas para força motriz

ESTUDANTES! IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO CISNE RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 71

peças FIAT

CARLOS EDUARDO TROVÃO, LDA.

Av. João XXI, 68-A - 68-C Telefs 771014 - 770265 Lisboa-1

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — MF 1 (95,7 mc/s.) — Às 6: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Estante: «Ivanhoe», de Walter Scott, Programa de Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: James Taylor; 18 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Melanie Safka e Ramsey Lewis; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: Apresentação do Folhetim «Ben-Hur», de Lewis Wallace, numa adaptação de Figueiredo de Barros; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro 22 e 10: Vamos ouvir... Madalena Iglésias; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s.—Às 16: Uma obra... Duas interpretações; O concerto em mi menor de Mendelsshon interpretado sucessivamente pelos violinistas Henryk Szeryng e David Oistrakh; 16 e 56: Duas marchas características em dó maior op. 121 para piano a quatro mãos (Schubert), pelos pianistas, Ingrid Haebler e Ludwig Hoffmann; 17 e 15: Curiosidades musicais (gravações cedidas pela RAI); 17 e 47: Festival d'Avignon de 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa); Parte de um concerto pelo conjunto instrumental de música contemporânea de Paris, sob a direcção de Konstantin Simonavitch, com a colaboração do pianista Yuji Takabashi; 18 e 15: Passacaglia para orquestra de cordas (Alfredo Keiler), pela Orquestra do Rádio de Beromünster, sob a direcção de Erich Schmid; 18 e 30: Gravações Históricas; 19: Dança e Ballet, pelo Dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Escolar (Auditório Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violista Guy Tudy, na interpretação de sua autoria — Romance Irlandaise — Danse pour un fest-moz — Berceuse a Fanchon; 20 e 30: O Conjunto de Sopro Holandês dirigido por Edo de Waart — Serenata n.º 12, em dó menor K. 388 (W. A. Mozart); 21: Canções da Velha Russia, pelo Coro Os Cossacos do Don, sob a direcção de Serve Jaroff; 21 e 20: Tempo Literário — 21 e 45 — Recital de órgão por Isabel Ferrão e Gertrud Mersiovsky; 22 e 15: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 21 e 45: Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Rudolf Kempe — Encantamento de Sexta-Feira Santa, da ópera «Parsifal» (Wagner); 22 e 58: Fecho.

Programa Estereofónico — MF ? — Às 21: Comédias musicais: Selecção de «Man of la mancha» e «Fiddler on the Roof»; 21 e 21: Parte do gravação de um «show» de Gilbert Bécaud no Olympia; 21 e 40: Melodias dos Beatles por Cyril Stapleton, coro orquestra; 22: Festival no Brasil; 22 e 23: Jazz com Erroll Garner; 22 e 40: Vamos ouvir .. Rui de Mascarenhas; 23: Dois Duetos de Beethoven, para clarinete e fagote, por Jacques Lancelot e Paul Hongne — N.º 2, em fá maior — N.º 3, em si bemol maior; 23 e 25: O soprano Edith Mathis, acompanhado por um Conjunto de Instrumentos Barrocos — Quatro canções alemãs (Haendel); 23 e 50: As Grandes Sinfonias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 15: Portugal Além da Europa; 20 e 30: Semana 7 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 388,6 m — 762 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: ...Dirige o ritmo; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Placard desportivo; 21 e 35: Diálogo; 21 e 40: A Voz de...; 21 e 45: Mensagens bíblicas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: O caminho da vida; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: O Arauto da Verdade; 23 e 18: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentograma; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

VALE A PENA Continuar a Ser

Regressou do Brasil o dr. Azeredo Perdigão

Regressou esta manhã a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. José de Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, após a sua visita ao Brasil, onde teve ocasião de visitar as instituições portuguesas e de presidir á inauguração da Escola Calouste Gulbenkian, no Rio de Janeiro.

No aeroporto, o sr. dr. Azeredo Perdigão e esposa foram cumprimentados pelo Embaixador do Brasil em Lisboa, prof. Gama e Silva; governador civil de Braga e outras individualidades.

Falando aos órgãos de informação, o sr. dr. Azeredo Perdigão acentuou o facto de, durante os 15 dias que passou no Brasil, ter ouvido das mais altas personalidades, palavras de apreço por Portugal. Lamentou que uma perturbação de saude o tivesse impedido de visitar Brasília. E a concluir, afirmou:

— *Desejo manifestar a minha maior admiração pela obra de engrandecimento que, em todos os domínios, se está operando aceleradamente no Brasil.*

«Stella Vitae» na Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Com trechos musicais baseados em temas alusivos á presente quadra liturgica, o Coral «Stella Vitae» apresenta-se, no próximo dia 27, ás 21 e 30, na igreja do Sagrado Coração de Jesus. O grupo «Stella Vitae», dirigido por Jorge Manzoni, é formado por antigos alunos dos seminários católicos e já completou 25 anos de existência, tendo-se dedicado á total divulgação da musica sacra, desde o canto gregoriano á polifonia.

HOMENAGEM A LUÍS TEIXEIRA

Na sexta-feira, ás 21 horas, no Hotel Embaixador, efectua-se um jantar de homenagem ao nosso prezado camarada na Imprensa Luís Teixeira, o que completa agora 47 anos de profissão. Promove o um grupo de colegas e da comissão de honra fazem parte os directores de todos os jornais diários. A partir de hoje e até quinta-feira, ás 21 horas, estão abertas as inscrições a todos os seus amigos que queiram associar-se à homenagem, nas delegações do «Diário de Notícias» (Rossio e Chiado), de «O Século» (Rossio) e do «Diário Popular» (Largo de São Domingos).

COLÓQUIO SOBRE FERNÃO DE MAGALHÃES

Está marcada para amanhã, ás 17 e 30, nas instalações do Museu de Marinha, em Belém, a reunião da secção de História Marítima, para a qual foram convidados todos os membros do Centro de Estudos de Marinha.

A reunião consistirá num colóquio sobre Fernão de Magalhães, orientado pelo comandante Teixeira da Mota.

Dois modelos durante a passagem das colecções Primavera-Verão nos estabelecimentos de pronto-a-vestir Eduardo Martins. Além de criações nacionais, que mereceram o aplauso de numerosa assistência, desfilaram modelos estrangeiros de nomeada, tais como Hicki Reed, David, Rome, St. Michael, Wendry Dress, Carnegie e outros

Alterações tarifárias introduzidas pela TAP

Reduções na Linha de Africa:

A partir do próximo dia 1 de Abril entrará em vigor nova tarifa de excursão de 45 dias aplicável durante todo o ano entre a Metrópole, Angola e Moçambique, cujas reduções, em relação á correspondente tarifa actual, oscilam entre 670$00 e 1840$00, consoante o período do ano em que a viagem se efectua. No período de Verão, esta nova tarifa apresenta, relativamente á tarifa de excursão de 90 dias, que se mantém, diferenças que variam entre 1110$00 nos meses de Abril e Maio e 2880$00, nos meses Junho, Julho, Agosto e Setembro. Além disso, os grupos de estudantes, com idades não superiores a 28 anos, quando em viagem de estudo, beneficiarão de uma redução de 40% sobre a tarifa normal. Este desconto será aplicável durante todo o ano e duas vezes por ano para cada escola, em viagens que não excedam um mês e em grupos de 15 a 25 estudantes, podendo incluir entre 2 e 3 professores.

Aumentos nas linhas do Porto e Faro:

A partir da mesma data, as actuais tarifas ue vigoram, desde 1964 para o Porto e desde 1965 para Faro, são corrigidas para 400$00 e 380$00, respectivamente.

Com início da operação da TAP nas linhas Lisboa-S. Miguel e Lisboa-Terceira, as ligações entre o Continente e os Açores terão três pontos de entrada naquele Arquipélago, servidas por quatro rotas diferentes. Este facto conduziu á necessidade de rever o esquema tarifário no sentido de ter em conta as novas ligações referidas.

Novas rotas para os Açores:

A par das tarifas existentes, com ligeiros ajustamentos aplicáveis a unica rota hoje utilizada, Lisboa-Santa Maria, introduziram-se novas tarifas para as viagens Lisboa-S. Miguel, quer directas, quer via Funchal e directas á Terceira. Essas tarifas serão de 2500$00 para viagens simples e de 3450$00 para bilhetes de excursão de ida e volta, com validade de 120 dias, e mínimo de estadia de 6 dias, mínimo aplicável qualquer que seja a rota utilizada.

Os passageiros que utilizem os serviços aéreos internos do Arquipélago beneficiarão agora da franquia de bagagem de 20 quilos em lugar dos 15 que actualmente lhes são facultados.

Assaltou a pastelaria e tratou-se no hospital mas o sangue traiu-o

Esta madrugada, um homem, muito ferido nas mãos e nos braços, apareceu no Banco do Hospital de S. José, a fim de receber tratamento. Disse chamar-se José Manuel Pires e residir na Avenida de Moscavide, 36, 1.º. O seu estado despertou suspeitas ao guarda ali em serviço, sr. José Nunes, que o pôs «debaixo de olho».

Nada de especial teria acontecido, porém, ao suposto José Manuel Pires (nome que depois se verificou não ser o seu) se esta manhã não tivesse aparecido no hospital o sr. Joaquim Gilberto Pereira, proprietário da «Leitaria Progresso», na Avenida Alexandre Herculano, a indagar se ali não teria entrado um indivíduo muito ferido nas mãos e nos braços.

É que, ao chegar ao estabelecimento, deparara-se-lhe o quadro da casa assaltada, com a montra partida a punho e manchas de sangue por todo o lado. Foi-se a ver e o assaltante era o tal «José Manuel Pires», cujo nome verdadeiro é José Carlos Canejo Pires, de 31 anos, casado, vendedor de electrodomésticos, morador na Rua de Marvila, 34, Pátio do Coleginho, 36, 1.º, e natural de Fronteira.

Não acaba aqui, porém, a história. É que o tal José Manuel Pires existe. Trata-se do empregado da pastelaria assaltada, que há dias pedir dispensa ao patrão, para ir a Braga, onde, segundo disse na altura, lhe morrera o pai. Será cumplice no assalto?

A CLÁSSICA DO IMPÉRIO

Encerra-se com a sessão clássica de amanhã, no Império, o pequeno ciclo sobre a obra da Carl Theodor Dreyer. Será projectado o filme «A Palavra» («Ordet»), que lhe valeu o Grande Prémio da Bienal de Veneza.

Obra implacável, e ao mesmo tempo de uma delicadeza extraordinária, «A Palavra» é daqueles filmes só aconselháveis a quem pode apreciar integralmente uma grande obra cinematográfica, densa e invulgar como tudo o que traz a assinatura de Carl Dreyer.

Sessão ás 18 e 30, como habitualmente.

Fournisseur Breveté de S.A.S. La Princesse Grace de Monaco

De novo em Portugal

LANCASTER

"LE TRAITEMENT DE BEAUTÉ QUI ARRÊTE LA MARCHE DU TEMPS"

tem o prazer de anunciar que de 23 a 31 do corrente, no PRONTO A VESTIR

EDUARDO MARTINS & Ca. Lda.

estará a «esthéticienne» da LANCASTER, Sra. D. Maria Teresa, para aconselhar tratamentos e «maquillage» desta famosa marca em que será apresentado pela primeira vez o revolucionário creme ULTRA MINCE.

BOM APETITE

MAIA
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente da origem

restaurante arameiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 ■ TELEFONE 79 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(M/15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI

Manhã na praça

O TEMPORAL E O PEIXE

O peixe rareava no Mercado do Matadouro, «por causa do temporal», segundo nos disse uma peixeira. O «temporal tem sido muito», ainda segundo as suas palavras e, por isso, não aparece pescada branca nem linguado. O resto era o que se via, isto é, pouco.

Na realidade, não vimos nem um unico exemplar de pescada branca e o linguado também brilhava pela ausência.

Aliás, há já muito tempo que, apesar de presente, se pode considerá-lo ausente. Quem chega ao linguado a mais de 50$00, por vezes a 80$00?

Os efeitos do temporal fazem-se sentir por todo o país. Ontem, no Porto, foi-nos dito que não havia pescada. A que aparece atinge tal preço que a torna proibitiva. Uma posta fica por média 28$00, 30$00. Observaram-nos: «Está a ver: uma família de quatro pessoas tem de gastar 120$00 só em pescada!»

Claro que a grande maioria das famílias portuguesas não pode despender esse dinheiro em peixe para uma refeição. E como está tudo caro, as donas de casa têm razão para se queixar, como hoje ouvimos no Mercado do Matadouro:

— A gente já nem sabe o que há-de fazer!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da azeitona a 8$00, 9$00, 10$00, 11$00 e 12$00; do tremoço, a 3$50; dos alhos, a 30$00; da batata, a 1$80; das cebolas, a 3$00; das cenouras, a 4$00 e 5$00; da ervilha de grão, a 10$; do tomate, a 10$00, 12$ e 20$00; e das favas, a 7$00.

O molho dos rabanetes estava a 4$00; da beterraba, a 5$00 e 7$00; dos agriões, a 1$50 e dois 2$50; dos espinafres, a 5$00; dos grelos, a 5$00; das nabiças a 5$00 e dos bróculos, a 20$00.

A alface vendia-se a 2$00 e 2$50; a couve portuguesa, a 1$00 e 5$; a lombarda, a 5$ e 15$; a cabeça do nabo, a 1$; o alho francês, a 2$50; e a couve-flor, a 8$00, 10$ e 15$00.

PEIXE

O quilo do chicharro custava 7$90; do pargo mulato, a 12$00; da pescadinha de rabo na boca, a 14$50 e 28$00; da taínha, a 12$00; da lula, a 34$ e 35$; dos chocos, a 24$; da dourada, a 12$; da pescada, a 14$; das rabetas, a 15$00; da palma, a 22$00; das gambas, a 65$00; dos carabineiros, a 80$; da lampreia, a 50$00 e 55$00; da pescada negra, a 24$; do robalo, a 60$ e 65$; do tamboril, a 15$00; da caldeirada, a 16$00; das cartas, a 40$00; do rodovalho, a 40$00; do peixe-espada, a 15$00; do cachucho, a 19$00; do camarão, a 40$, 60$ e 80$; da garoupa, a 44$ e 48$; do linguado, a 72$00; da amêijoa, a 40$00; da sardinha, a 12$00; e do carapau, a 18$00.

FRUTA

Na secção da fruta deparámos com o quilo das laranjas a 6$, 6$50, 7$, 7$80, 8$50, 9$80 e 10$40; do pêro «Golden», a 13$, 14$ e 15$00; das bananas, a 11$50, 11$80 e 12$; do ananás, a 24$00; das peras, a 10$00; da maçã reineta, a 11$00, 12$00 e 16$90; e das tangerinas, a 6$50.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia dos ovos registava os seguintes preços: 11$40, 12$20, 12$60 e 13$20.

Vimos o quilo do frango limpo a 30$00 e 31$; do coelho vivo, a 28$00; e da galinha morta e depenada, a 23$00. O pombo vendia-se a 16$00.

DONA DE CASA

O relatório e contas da Companhia de Seguros «A Mundial»

Está convocada para o dia 25 a assembleia geral da Companhia de Seguros A Mundial. A ordem do dia é discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, relativos a 1970.

No relatório que já foi distribuído aos accionistas se diz que «a indústria de seguros em Portugal continuou a evoluir dificilmente, no passado exercício, para se manter a pendência da totalidade dos problemas-base, cuja expectativa de solução já havíamos manifestado no nosso relatório de 1960».

Refere-se á proposta de lei da Indústria de Seguros e á próxima entrada em vigor do novo regime de responsabilidade por acidentes de trabalho. Depois acentua-se que «o exercício de 1970 foi para a Mundial o início da concretização dos frutos da política de expansão iniciada em 1968» Acentua-se o aumento da receita dos seguros directos que se processou «na realidade á taxa de 17,8 %, a qual não só é muito superior á taxa média a que o mercado vem crescendo como atinge até valor quase duplo da anterior taxa média de crescimento da Companhia».

Os lucros registados em 1970 foram de 10 543 contos, dos quais se propõem 525 contos para fundo de reserva legal e 9 mil para fundos de reserva livres. À disposição da assembleia ficam 1016 contos.

Preside á asembleia geral o dr. Tito Arantes.

Prevenção rodoviária

A Prevenção Rodoviária Portuguesa promove a IX Taça Escolar Internacional, que tem o objectivo de estimular nos jovens, que, por gosto ou necessidade, utilizam uma bicicleta, as qualidades de destreza e atenção que, conjuntamente com o conhecimento das regras de transito e do Código da Estrada, se tornam imprescindíveis para circular evitando perigos e não os provocando para os outros. Das suas duas fases, a primeira desenvolve-se a ambito nacional e nela podem tomar parte todos os estudantes dos 12 aos 14 anos completos em 29 de Maio próximo. A inscrição é feita na Escola que frequentarem e nela ou em lugar adequado da sua localidade demonstrarão se têm conhecimentos que os habilitem a apresentarem-se na capital do distrito onde serão escolhidos os participantes da prova final do País, a realizar este ano em Évora, no dia 22 de Maio.

Os quatro primeiros classificados dessa prova irão depois á final internacional, em representação do nosso País.

DINA TRINDADE: TEMPO DE FOLCLORE

Depois duma longa digressão (com êxito) pelos Estados Unidos onde realizou cerca de quarenta espectáculos especialmente dedicados a portugueses e luso-americanos, Dina Trindade participou num programa de TV a cores gravado em New Bedford. Afastada dos elencos dos elencos dos restaurantes típicos a jovem intérprete de fado decidiu remodelar o repertório e está agora integrada no «show» internacional do Casino Estoril. «O fado nem sempre é triste» — diz ela. «Apresento canções-marchas (que agradam aos turistas) e fados sem travo de saudade. Sinto-me, assim, mais de acordo com o programa que o Casino elaborou — acrescentou.

Mantém contrato com a «Telectra» para a gravação de mais discos (já foram dois «45» editados por aquela etiqueta). Mas agora Dina Trindade vai surgir em nova faceta. Ela conta: «Os responsáveis pelo departamento musical da «Telectra» propuseram-me uma tentativa a que vou corresponder com entusiasmo: a interpretação de trechos de folclore de várias provincias portuguesas para um novo «45» a gravar muito brevemente. A selecção dos trechos está já a promover-se e a gravação do disco deve realizar-se já no próximo mês de Abril.

O facto de gravar um disco de folclore pressupõe o afastamento do fado. Ela não hesita: «De modo algum. Trata-se apenas duma experiência e embora tudo me disponha a fazer para atingir a qualidade pretendida não quero admitir a gravação deste próximo disco senão como um pequeno interregno na minha carreira de intérprete de fado. É afinal no fado que julgo encontrar a minha verdadeira expressão» — sublinha.

Dina Trindade

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO.

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons mín. 50$00. R. do Barroco, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.ªs feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoêdo, Ivete Pessoa Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Canavarro Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boîte com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes 64-66 ✲ Telefone 667264

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30 horas.**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53446 56149

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

BARBARELA

Rua do Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPOTAMO

Av. Ant Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

Ana Maria Anjos desempregou-se para funcionar como futebolista no estrangeiro. O ter deixado de ganhar, criou problemas em casa. A mãe, «ralada e sem dinheiro», recusou-se a ser fotografada junto da filha

FUTEBOL: ATENÇÃO MENINAS (3)

«ABANDONEM OS VOSSOS TRAB E VENHAM JOGAR A BOLA LÁ

Muitas foram as jovens que, na verdade, responderam ao anúncio (inserto num matutino) a solicitar candidatas para a constituição de quatro equipas femininas de futebol destinadas a deslocações ao estrangeiro. O pequeno rectângulo de caracteres redondos tinha, aliás, um título sugestivo: ATENÇÃO MENINAS.

As cartas, dia após dia, foram caindo no receptáculo postal da vivenda isolada de Fernão Ferro, Amora, á estrada de Sesimbra. Recebia-as Julia Maria, moça morena de cabelo preto, exercendo as funções de secretária num Centro de Línguas e Traduções localizado no segundo andar de um prédio da Rua Pinheiro Chagas, centro explorado por um casal francês: Jacques Duvanchelle e Anne Marie Grund...

Ora acontece (como já tivemos oportunidade de dizer) que a organização das equipas compete, precisamente, ao referido casal francês, e não á jovem Julia Maria como o anuncio podia levar a supor. Desfeitas várias hesitações, apurou-se que, em princípio, a ideia do futebol feminino tinha sido da Julia Maria, *«mas depois a coisa foi estruturada por Jacques Duvanchelle e por um orientador técnico português de nome Acácio Martins»*.

Estruturada como? Bem havia que treinar as raparigas, arranjar passaportes, promover encontros e... subsidiar as deslocações pelo País e ao estrangeiro. Era, em suma, uma tarefa complexa.

— *Pois deve ser, deve* — disse o repórter. — *A propósito: quem paga as viagens, as deslocações, etc?*

Jacques Duvanchelle é claro na resposta:

— *Quem paga? Quem paga sou eu!*

Em entrevista concedida ao «Mundo Desportivo» (17 de Março de 1971), Jacques Duvanchelle, a propósito de alguns objectivos em vista, afirmou:

«De imediato, procuramos formar um numero maior de equipas. Depois pensamos, e as primeiras «démarches» já foram efectuadas, fazer o mesmo que se está a fazer lá fora: formar uma Associação ou Federação, ou então, se isso estiver dentro das leis dos organismos já oficialmente inscritos, criar um Departamento Feminino de Futebol».

Na realidade, porém, quem são as moças seleccionadas pela Aliança Franco Portuguesa Futebol Feminino de que é presidente (segundo o «Mundo Desportivo») Jacques Duvanchelle?

● Protesto da mãe de uma futebolista

Travessa da Giesta, 9, á Ajuda, foi um dos endereços que Jacques Duvanchelle proporcionou ao repórter.

— *Querem ver que é por causa da futebolista?* — exclamam duas vizinhas no soalheiro das 11 da manhã quando o carro do jornal estacionou no empedrado pobre.

— *Nem mais* — apressa-se o repórter a confirmar — *Ela está em casa?*

Ela é Ana Maria Vieira dos Anjos, de 20 anos, doméstica, na opinião da secretária do Centro de Línguas e Traduções da Rua Pinheiro Chagas.

Qual doméstica, qual carapuça! — vocifera, subitamente uma mulher dos seus 50 anos aparecida na Travessa com um garotito pela mão.

Reportagem de PEDRO ALVIM

— *Doméstica agora, de braços cruzados, sem fazer nada por causa desse maldito futebol! Sou mãe dela, sabe? Mãe ralada e sem dinheiro... Que ela, quando trabalhava, ajudava a casa. Mas agora quem manda é o francês, ele é que sabe, e vai daí a menina mandou o emprego á fava para ser futebolista! E ela, coitada, que é doente, saude fraquinha... Isto vai acabar mal, ó lá se vai! Mãe ralada e sem dinheiro!*

É a primeira bofetada, o primeiro grito, o primeiro protesto que toca a atenção do repórter neste serviço do chuto feminino na bola. Há raiva e desencanto nesta mulher (Eduarda dos Anjos), que não atina lá muito bem com os caminhos escolhidos pela filha.

— *É capaz de a chamar, ?*

Ana Maria aparece 15 minutos depois, vinda da casa de uma amiga de nome Milu. Veste calças compridas, jaquetão, qualquer coisa mais — um conjunto, enfim, que a diferencia das outras raparigas da zona. Tem um rosto miudo, marcado, pálido. A voz — rouca. E nos lábios, cortados, um toque de febre.

— *Estou constipada, estou.*

Conversa breve: deixou o emprego, pois claro que deixou. Trabalhava na «Regina», nos chocolates, mas a paixão dela era o futebol, e as duas coisas, emprego e bola, *«não diziam uma com a outra»*.

— *Mas como vai você aguentar-se sem emprego...?*

Ana Maria, que tem só a

«Sou mãe ralada e sem dinheiro... Minha filha deixou o emprego a conselho desse tal francês, para fazer futebol no estrangeiro...»

Jackie Stewart é um campeão. O Ford Escort também. Jackie Stewart gosta da família. O Ford Escort também.
Há 2 maneiras de definir o Escort: o carro familiar mais desportivo ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou de outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. Económico na compra. Económico na manutenção. Esteja ele cheio de família ou cheio de genica.
Uma, duas portas. Ou uma, duas, três, quatro portas! Ou Station! Nas versões 1100 ou 1300 GT. Ou ainda um dos modelos super-desportivos: **Escort Twin Cam, Escort 1600 RS** ou **Escort México.**

Têm todos a garra Escort.
São todos Ford Escort.

Ford à frente Ford

*Inclui equipamento extra, e taxa FFE. Não inclui despesas de transporte, transferência, chapas de matrícula e outras afins.

À sua disposição nos Concessionários **FORD**

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

ABALHOS Á FORA»

A guarda-redes: Maria das Dores Gonçalves Correia. Idade: 16

Empregada, «até ver», na Tinturaria Portugália. Chama-se Ana Santos e «adora o futebol». Até quando?

«Eu tenho a cabeça bem assente nos ombros. Deixar o emprego, lá isso não... O sr. Jacques, se quer futebolistas, que lhes pague »

Nome: Domingas Narciso. Contente da aventura, e mandando a costura «ás favas»... Mas poderá viver sem trabalhar?

Ana Maria, suplente, e costura: «O sr. Jacques acaba por nos arranjar emprego»...

Ela

dos
ésti-
ária
Pa-
Cha-

ara-
nen-
50
essa
não.

bra-
ada
fu-
be?
ro...
ava,
ora
ele
eni-
ava
ela,
ude
abar
lada

, o
eiro
nção
do
Há
mu-
os),
bem
idos

?
mi-
casa
filu.
que.
—
di-
igas
miu-
z —
dos,

iou.
u o
dei-
na»,
ixão
duas
não

o c ê
.?
ó a

quarta classe, acha que o futuro vai ser difícil. Teimará, no entanto, no futebol. É uma aposta — e a mãe que se cure da zanga...

● A cabeça assente nos ombros

Ana Maria, ao deixar o emprego, acatou o conselho de Jacques Duvanchelle: «*Abandonem os patrões se eles não permitirem as deslocações ao estrangeiro*». Dado que a Aliança Franco Portuguesa Futebol Feminino não garante um quantitativo monetário ás seleccionadas, como qualificar (e como compreender) o conselho de Jacques Duvanchelle?

Surpreendido, na verdade, ficou o repórter quando ouviu da boca de Piedade Maria, 22 anos, empregada na «Foto Studarte», na Travessa da Memória, 47-A, a seguinte declaração:

— *Eu também fazia parte do grupo de moças seleccionadas. Mas quando o sr. Jacques propôs que nos desempregássemos, fiz logo marcha atrás. Eu tenho a cabeça assente nos ombros. Não vou em cantigas. O «slogan» dele era mais ou menos este: «Deixem o trabalho e venham jogar lá fora». Pois sim... Não nasci para andar ao calhas.*

A proprietária da «Foto Studarte» (que exigiu o anonimato) confessou ao repórter que...

— *Veja lá o senhor que tive já de mandar embora uma empregada por causa dos futebóis! Eram 15 dias em Espanha, três em Olhão, sei lá que mais... Disse-lhe para escolher entre o emprego e o futebol. Ela escolheu o futebol.*

● Duzentos escudos

A rapariga despedida da «Foto Studarte» chama-se Maria Elisa Almeida, tem 19 anos e dá pelo apelido de «Lila».

Onde a foi encontrar o repórter?

No Casal do Gravato, á Estrada da Circunvalação, Algés.

— *Então você foi despedida...?*

— *Pois fui! A patroa não foi compreensiva...*

— *Mas você acha que deve mandar assim tudo á fava por causa de um futebol que lhe não é pago?*

— *Quando voltar de Espanha tenciono arranjar novo emprego.*

— *Cá ou lá?*

— *Lá ou cá. Além disso, o sr. Jacques prometeu emprego a algumas de nós.*

— *Da última vez que foi a Espanha jogar recebeu algum dinheiro?*

— *O sr. Jacques deu-me 200 escudos. Espero que desta vez me dê também alguma coisa.*

● O. K. !

Casal do Gravato é um conjunto de barracas todas juntas umas ás outras, apoiadas em parte em duas paredes de pedra e cal.

Não é só uma futebolista (Maria Elisa Almeida) que o repórter foi ali encontrar. Estavam presentes mais três: Ana Santos, 21 anos (empregada, «*até ver*», na «Tinturaria Portugália»); Maria Domingas Narciso, de 17 anos (conhecida por Mimi, ajudante de costura, «*ansiosa por aproveitar uma oportunidade no estrangeiro*»); e Ana Maria de Almeida, de 20 anos (suplente, também a trabalhar em costura).

Todas estas moças, filhas de gente modesta, não sabem uma palavra estrangeira.

— *Pois não é assim...?*

Riso geral. E depois:

— *A Domingas sabe!*

— *Sim...?*

— *Sei dizer O. K.!*

... Talvez Lisboa não tenha mistérios. Não tenha mistérios — e se ~~encontre cheia~~ de boas intenções. Mas esta aventura através do chuto feminino tem como música de fundo as palavras da mulher atarantada da Travessa da Glória: «*Sou mãe ralada e sem dinheiro...*» Um golo, enfim, no ~~estômago vazio~~.

Esta moça (Maria Elisa Almeida) trocou o emprego pela bola e foi habitar uma barraca de uma amiga (também futebolista) residente em Algés, no chamado Casal do Gravato. «Da outra vez que fui a Espanha, o sr. Jacques pagou-me 200 escudos»

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

SACOR-SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL
CAPITAL SOCIAL 850000000$00

SACOR

EMISSÃO DE 100000 OBRIGAÇÕES

TAXA DE JURO 7%

Valor nominal de cada obrigação	Esc. 1.000$00
Vantagens fiscais	Isenção do imposto complementar Redução em metade do imposto de capitais
Juro líquido	6,33 %
Vida máxima	12 anos
Vida média	7 anos
Pagamento de juros aos subscritores	30 de Outubro e 30 de Abril
Amortização	Anualmente, a partir de 1973, as obrigações serão sorteadas pelo seu valor nominal e em quantidades iguais. A partir de 1979, inclusivé, além das amortizações normais, poderão ser feitas amortizações extraordinárias, igualmente por sorteio e ao par.

A SUBSCRIÇÃO AO PAR, SUJEITA A RATEIO, ESTÁ ABERTA EM TODOS OS BALCÕES DESTAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO, DE 17 A 24 DE MARÇO DE 1971.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
MONTEPIO GERAL
BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES DE MAGALHÃES
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LTD.
CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
ALMEIDA BASTO & PIOMBINO & CIA.
AUGUSTINE REIS & CIA.
PANCADA MORAES & CIA.
PINTO DE MAGALHÃES BANQUEIROS

A POSSE DESTAS OBRIGAÇÕES PERMITE O EXERCÍCIO DO DIREITO DE SUBSCRIÇÃO NO PRÓXIMO AUMENTO DE CAPITAL DA SACOR, NA PROPORÇÃO DE UMA ACÇÃO POR CADA CINCO OBRIGAÇÕES POSSUIDAS.

Actualidade internacional

GIEREK FACE AOS OPERÁRIOS POLACOS—1

GOMULKISMO SEM GOMULKA?

Sem proceder à análise de 14 anos do «gomulkismo» Gierek apresentou, na última sessão da Comissão Central, uma «necrologia política» do seu antecessor. Segundo ele, Gomulka foi um dirigente exemplar até ao dia em que se afundou numa autoridade prejudicial ao partido e conduziu o país à beira do abismo. Brejnev e Kossyguine, em 1964, fizeram afirmações semelhantes acerca de Kruchtchev depois da queda deste último. Tal como Gierek, também eles prometeram pôr em prática o princípio da colegialidade e consultas democràticamente a base, para uma melhor garantia do progresso político e económico da sociedade. Sabe-se em que deram na U.R.S.S. estas promessas, repetindo, aliás, e que já acontecera noutros tempos, na Polónia. Gierek estará a preparar-se para impor simplesmente «um gomulkismo sem Gumulka»? Antes de entrarmos mais no assunto, será bom que nos lembremos de que a Polónia foi há pouco sacudida por uma crise sem precedentes na Europa de Leste e susceptível de maiores desenvolvimentos.

Com efeito, á medida que vamos sabendo mais pormenores sobre a revolta operária de Dezembro e Janeiro, em Gdansk, Gdynia e Szczecin, descobrimos que se trata de um fenómeno inteiramente novo. Pela primeira vez desde 1945, se vê surgir na Polónia um movimento de base que não é apenas corporativo e não se limita unicamente a reivindicações salariais. Quando se deram os primeiros recontros sangrentos havia razões para supor que essa revolta era apenas uma reacção violenta contra a alta de preços, decretada nas vésperas de Natal. A maioria do grupo dirigente de Varsóvia parecia então convencido de que bastaria restabelecer parcialmente o poder de compra para que os grevistas do Norte voltassem a cair na passividade. Alguns dirigentes esforçaram-se, sobretudo, por tirar partido desta explosão, a fim de levarem a bom termo uma operação contra Gomulka e os seus fiéis: operação que há muito se estava a germinar, mas que parecia irrealizável sob condições normais. Mostravam-se dispostos a largar lastro a favor dos operários do Norte, desde que estes tirassem as castanhas do lume.

UM MOVIMENTO POLITIZADO

Mas, em fins de Dezembro, as coisas apresentaram-se com maior complexidade. Longe de se extinguir o movimento de greves nos estaleiros navais endureceu. Os operários já não reclamavam unicamente «*dinheiro*», mas sim aquilo a que os seus camaradas ocidentais chamam «*mais poder*». Recusavam a organização da produção, os prémios de produtividade e a relação trabalho-salário concebida nos termos do Governo. Constituíam comissões operárias permanentes para se defenderem contra os decretos do topo. Levantaram o problema do poder no conjunto do Estado, exigindo o castigo dos responsáveis dos serviços de segurança, a demissão dos dirigentes comprometidos na repressão e a abolição dos métodos burocráticos em prática nos sindicatos e no partido.

Entre a primeira e a segunda fase do conflito, o movimento politizara-se rápidamente. Os seus objectivos tinham-se alargado. Nada disso havia sido previsto em Varsóvia. A táctica utilizada pela equipa de Gierek teve então um efeito de «boomerang». Por altura dos primeiros recontros, os «inovadores» recusaram-se a subscrever a tese de Gomulka segundo a qual a responsabilidade dos acontecimentos de Gdansk e de Szczecin cabia exclusivamente a vadios e elementos anti-sociais: pelo contrário: passaram um certificado de «vida decente e costumes operários».

No seu primeiro discurso ao país, Edward Gierek afirmara que os trabalhadores do Norte tinham dado ao partido uma lição dolorosa, mas salutar. Gierek esteve persuadido de que, depois destes elogios, os operários dos estaleiros navais veriam nele um «bom comunista», diferente dos outros, e de que o levariam em triunfo como tinham feito, em 1956, com Gomulka. Mas desta vez não houve equívocos. Os operários exigiram a Gierek uma confrontação no próprio local do conflito: para eles, o novo secretário não representava a sua classe, mas a parte contrária, o partido que os maltratava.

Estes acontecimentos provavam que a revolta dos operários polacos não resultava de um momento de cólera, que não era uma espécie de explosão confusa. As palavras de ordem afixadas nos estaleiros, as listas de reivindicações reunidas pelo «comité» de greve mostram que os operários tomaram consciência de várias verdades. Primeiro: de que existem como classe oprimida, de acordo com todas as definições dos manuais marxistas. Portanto: de que vivem numa sociedade dividida ainda em classes, que procede á acumulação, retirando mais valia do seu trabalho e restringindo-lhes o consumo. Finalmente descobriram que nem o partido, nem os sindicatos, nem os conselhos operários fantoches saídos da lei de 1958 os representavam. E tiraram conclusões muito comparáveis ás dos operários da Renault ou Fiat noutras circunstâncias, a saber que tinham necessidade de métodos próprios de organização para se defenderem numa sociedade, onde existem ainda forças sociais antagónicas.

LIVAR-SE DE DIFICULDADES

Constatando este fenómeno, certos comentaristas ocidentais viram uma analogia entre a revolta polaca de Dezembro de 1970 e aquela que, cem anos antes, marcara em Lyon o início da luta da classe operária em França.

Mas esta analogia é puramente formal, porque, para os operários polacos o antagonista já não é o partido ou o Estado capitalista, mas um regime que se diz socialista e que, em princípio, fala em nome deles. É certo que a retórica deste regime nunca foi tomada muito a sério num país como a Polónia, cuja revolução foi importada, no fim da segunda guerra mundial, graças a acordos assinados entre os três grandes. Apesar de tudo, essa retórica não ficou sem eco nem efeito. Não beneficiavam os operários de um estatuto relativamente privilegiado? Não tinham trabalho garantido e salários decentes, ainda que modestos? Numa boa parte de homens no poder não provinha precisamente da classe?

Não conseguindo penetrar no mecanismo desta sociedade, «opaca» os operários tentam livrar-se de dificuldades, cada um por seu lado, trabalhando menos ou procurando obter esta ou aquela vantagem material. Esta forma (puramente negativa) de luta não lhes permitia evidentemente organizarem-se nem saírem do seu «ghetto» social. Foi só quando o Poder se tornou demasiado amesquinhante, demasiado despótico que eles agiram colectivamente.

As «imprudências» do sr. Gomulka precipitaram esta explosão, mas não podem ser consideradas como meramente casuais. O que se passa na Polónia não pode isolar-se do contexto do bloco soviético: é o prolongamento dos acontecimentos do ano crucial de 1968. Até esta data ainda se podia acreditar, no Leste, que os defeitos dos regimes relevavam do domínio puramente político, das superestruturas. Para remediar isto bastaria tornar mais maleáveis os mecanismos da delegação dos poderes, conceder maior liberdade de debate e abolir as anomalias burocráticas que entravavam o desenvolvimento económico. É certo que todas estas soluções implícitamente sugeridas pelo XX Congresso do P. C. da U.R.S.S. estavam a ser muito mal aplicadas e que, desde há vários anos, os governos do Leste tinham uma tendência notória para substituir os «docos» pelo pau. Mas continuava ainda de pé uma certa ambiguidade, quanto ás suas intenções e á sua capacidade de se corrigirem.

RECLAMAR MAIOR LIBERDADE

Contrariamente ao que sugere Gierek, só antes de 1964 se tinham perdido na Polónia todas as ilusões sobre a personalidade de Gomulka. Todos o sabiam autoritário e intolerante. Incapaz de discutir fosse com quem fosse e convencido que encarnava todas as virtudes e aspirações da classe operária. Ninguém ficava seguer surpreendido quando ele favorecia a promoção de simples executantes considerados «bons administradores» mas desprovidos de envergadura política e de imaginação. Gierek tem razão ao afirmar que a antiga equipa, onde ele ocupava um importante lugar não tinha perspectivas e se limitava a tapar de ano para ano, os buracos de uma economia desfalecida. Esta situação dificilmente se tolerava e a popularidade de Gomulka e da sua «entourage» era muito reduzida.

No entanto em 1968, quando se anunciou em Praga uma liberalização inesperada, um clarão de esperança surgira na Polónia. Dizia-se que, afinal de contas, Gomulka era o homem da desestalinização de 1956 e sabia-se que alguns outros dirigentes tentavam «reconciliar-se com o povo», mostrando-se «patriotas» perante a U.R.S.S. De facto, a maioria dos polacos limitava-se, como sempre, a aguardar a ver, mas uma minoria de estudantes e intelectuais apalparam o terreno, no mês de Março de 1968, e começaram a reclamar timidamente maior liberdade de expressão. A direcção do Partido reagiu como se esperasse esta ocasião para desferir um golpe certeiro sobre os contestatários reais ou potências. A iniciativa desta ofensiva não vinha de Gomulka, mas da ala ainda mais «patriótica», remetida á volta do general Moczar. Estes homens provocavam deliberadamente incidentes de rua contra os estudantes. Estes chegavam a supor que podiam desembaraçar-se de Gomulka. A sua operação só teve meio êxito porque o primeiro-secretário não levantou a luva e deu o seu aval a uma vasta depuração «anti-revisionista e anti-sionista», tentando, quando muito, limitar-lhe os excessos.

Assim se desencadeou uma campanha sem precedentes. No decurso de numerosas reuniões, os polacos foram obrigados, sob pena de perderem o seu trabalho a aprovar a demissão das vítimas designadas pela polícia política. Esta operação visava fins muito mais ambiciosos que a simples eliminação de alguns «caros professores» protestatários ou a expulsão de alguns milhares de judeus sobreviventes do holocausto nazi. Tratava-se de uma manifestação de força policial destinada a intimidar e a reduzir ao silêncio o conjunto da sociedade. Daí a meses, Gomulka e os bons «patriotas» moczarianos aprovavam, além disso, a invasão da Checoslováquia e subscreviam a tese da «soberania limitada» dos países do Leste. Nestas condições quem podia manter a mínima esperança de liberalização na Polónia? Os homens no poder julgavam-se suficientemente fortes para já não prometerem aos trabalhadores um futuro radioso, em recompensa — longínqua — dos seus sacrifícios. Estavam verdadeiramente persuadidos de que doravante nada aconteceria já no país.

Mas a arrogancia dos funcionários não provocou ape-

(Continua na 14.ª página)

Wladislaw Gomulka cumprimentando Brejnev, quando este se deslocou a Varsóvia para assistir ao V Congresso do Partido Comunista Polaco. Aconteceu em 1968

Por K. S. KAROL

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Conforto, elegância e modernismo, três características dos nossos magníficos apartamentos

APARTAMENTOS MOBILADOS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ÓPTIMA APLICAÇÃO PARA O SEU CAPITAL

Em Lisboa, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos e Cascais pode comprar para habitação ou rendimento propriedades de 140 a 1100 contos

6.000 CLIENTES SATISFEITOS RECOMENDAM-NOS

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA

LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15 — Tels. 45843-47843

GOLPE DE ESTADO NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 23 — (R.) — As Forças Armadas argentinas, chefiadas pelo comandante do Exército, general Alejandro Lanusse, derrubaram, esta madrugada, o presidente Roberto Levingstone, num golpe de Estado sem derramamento de sangue.

Os chefes das três armas tomaram conta do Poder e anunciaram que governarão a Argentina sob a forma de uma Junta Militar, que substituirá o presidente Levingstone, que eles próprios tinham colocado no Poder há nove meses.

Levingstone era adido militar em Washington quando foi chamado para o cargo de chefe do Estado pelas Forças Armadas, que dez dias antes tinham derrubado o presidente Juan Carlos Onganía.

Levingstone, que tem a patente de general, é o nono presidente da Argentina derrubado por um golpe militar nos ultimos 40 anos.

Segundo foi anunciado, o general Levingstone apresentou a sua demissão a uma delegação de oficiais de alta patente que se apresentou no palácio presidencial para o informar da decisão dos chefes das Forças Armadas.

Em seguida, abandonou o palácio que ocupava desde Junho do ano passado e seguiu de automóvel para a sua residência particular.

Aparentemente, os chefes das Forças Armadas não tencionam nomear, por enquanto, novo presidente, preferindo governar o país directamente por intermédio de uma Junta Militar.

O afastamento de Levingstone foi anunciado numa conferência de Imprensa, pelo general Lanusse, depois de uma reunião com os outros chefes das Forças Armadas.

Este golpe resultou de uma tentativa frustrada do presidente, tomada subitamente ontem, á noite, de demitir o general Lanusse do comando do Exército.

O túnel da Mancha: inauguração em 1978

LONDRES, 23 — (ANI) — Foi decidido proceder ao estudo definitivo sob o Canal da Mancha, na reunião dos ministros dos Transportes da França, Jean Chamant, e da Inglaterra, John Peyton, com representantes do grupo interessado na construção.

Calcula-se que a obra importe no equivalente a 21 milhões de contos. A decisão final deve ser tomada em 1973 e o túnel poderá ser inaugurado em 1978.

Manifesto de personalidades da Oposição na Grécia

ATENAS, 23 — (F. P.) — Foi distribuído ontem á Imprensa estrangeira um manifesto assinado por 133 personalidades de esquerda, do centro e da direita, opostas ao regime saído do golpe de Estado militar. O documento destina-se a comemorar, á sua maneira, o 150.º aniversário da insurreição grega para a obtenção da independência.

O manifesto pede, especialmente: o estabelecimento da soberania popular, a garantia dos direitos do homem definidos pela convenção europeia de 1950, uma instrução universitária e modernizada e a ligação da Grécia á Europa «através da criação nos gregos de uma consciência europeia, permanente e profunda».

Depois de lembrar que «as mais brilhantes realizações nacionais estão ligadas, na sua maior parte, ao funcionamento normal das instituições democráticas» e que «foi sob o regime parlamentar que se procedeu á libertação da maior parte dos territórios gregos, o manifesto acrescenta: «A suspensão das instituições democráticas, neste momento, no nosso país, tem por consequência a prisão e a deportação de numerosos gregos — vários deles com grandes serviços prestados á pátria e aos aliados. Essas prisões e deportações foram unicamente provocadas pelas opiniões desses cidadãos ou por actos inspirados pelo seu apego á liberdade».

A IDEOLOGIA RACISTA NÃO TEM BASE CIENTÍFICA —diz Levi Strauss

PARIS, 23 — (F. P.) — «O racismo e a discriminação racial são os maiores flagelos do nosso tempo. Provocaram massacres e ainda poderão provocá-los. Predispõem, muitas vezes, a conflitos entre as nações e mesmo no interior das nações». Foi nestes termos que René Maheu, director-geral da UNESCO, condenou ontem á noite o racismo, na abertura do seminário do Ano Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial.

Ao discursar, na mesma reunião, Claude Levi-Strauss, professor do Colégio de França e etnólogo de renome, declarou que «a ideologia racista não tem, nem pode ter, qualquer base científica. Entre a evolução genética e a evolução cultural, as relações não são apenas de analogia, são também complementares».

Levi-Strauss não se mostrou optimista. «Como nos ensina o exemplo dos povos primitivos», disse, «a tolerancia recíproca supõe realizadas duas condições que as sociedades contemporaneas estão cada vez mais longe de conhecer: Por um lado, uma igualdade relativa e, por outro, uma distancia física suficiente».

Levi-Strauss concluiu: «Só podemos ter esperança numa alteração do curso da História, ainda mais difícil de conseguir que um progresso no curso de ideias».

O CHEFE «YIPPIE» ENCONTRA-SE NA GRÃ-BRETANHA

LONDRES, 23 — (F. P.) — O dirigente do movimento «yippie», Abbie Offman, declarou ontem em Londres, durante uma conferência de Imprensa que tinha entrado na Grã-Bretanha fazendo-se passar por um escritor de nome Melvin Laird.

Hoffman afirmou que tinha vindo à Grã-Bretanha para organizar manifestações, para atacar a embaixada dos Estados Unidos e para se familiarizar com a técnica dos combates de rua, em Belfast.

NUM DESASTRE O FETO FOI PROJECTADO E SOBREVIVEU À MÃE

QUINCY, (Illinois), 23 — (R.) — Em consequência de um desastre de automóvel, uma senhora que se encontrava grávida de mais de oito meses e viajava no carro sinistrado, sofreu a rutura do útero e das paredes abdominais, e o feto foi projectado pela janela do carro.

O carro, embateu contra uma guarda da estrada e deu várias voltas sobre si mesmo. A mãe do recem-nascido sofreu morte imediata, mas o bebé encontra-se em estado satisfatório.

A criança foi encontrada junto ao local do desastre, no sábado passado.

O condutor do veículo, Robert Bange e mais três enteados ficaram ligeiramente feridos.

O director do Instituto de Obstetrícia e Ginecologia, dr. Ervin Nichols, ao ter conhecimento do caso declarou que era inédito na história da medicina.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 82/71

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 6/71 - OBRAS DE CONSERVAÇÃO EM VÁRIAS ESCOLAS - 4.º GRUPO», com a base de licitação de 488.094$00. (Processo n.º 39/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 12.202$40 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10.822, de 17/3/971.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na I Categoria (Construção Civil) ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 17 de Março de 1971.

Publique-se no «Diário do Governo» em 17/3/1971.

O PRESIDENTE

Fernando Augusto Santos e Castro

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

GAMBAS CONGELADAS
(PARA COZER OU GRELHAR)
PROCURE NOS SUPER-MERCADOS CHARCUTERIAS E MERCEARIAS
VENDA AO PÚBLICO
EMBALAGENS A 17$50 E 33$00
DESCONTOS PARA REVENDEDORES
PEDIDOS À "GELMAR" TEL. 613301 (P.P.C.)

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

AVISO CONVOCATÓRIO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com o Art.º 41 dos Estatutos, convoco para o dia 30 do corrente, pelas 20.30 horas, a Assembleia Geral Ordinária com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciação do Relatório e das Contas relativas ao ano de 1970

Não havendo número legal, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde, deliberando com qualquer número de sócios.

Só podem fazer parte da Assembleia os sócios que tenham pago as suas quotas os doze meses antecedentes.

A qualidade de associado deve ser comprovada com a apresentação do cartão de sócio.

Lisboa, 22 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Adelino da Conceição Santos

Actualidade internacional

NIXON: A RETIRADA AMERICANA CONTINUARÁ AO RITMO ACTUAL

WASHINGTON, 23 — (F. P. e R.) — O presidente Nixon afirmou a noite passada que a incursão no Laos constituirá um marco histórico no desenvolvimento do Vietnam do Sul e tinha assegurado que as retiradas de tropas americanas podiam continuar.

Numa entrevista pela televisão, transmitida para todo o país, Nixon disse que poderia anunciar no próximo mês novas retiradas, que continuariam, pelo menos, á média actual de evacuação.

A retirada das tropas tem-se efectuado a uma média de 12 500 soldados por mês.

O presidente declarou que a operação contra as vias de abastecimento norte-vietnamitas no Laos não podiam ser julgadas nos termos habituais de vitória ou derrota. O seu propósito fora desorganizar as vias de abastecimento e não o de ocupar território.

A campanha laociana conseguira «progresso considerável» — observou Nixon.

O presidente reconheceu que algumas das unidades sul-vietnamitas não se tinham portado muito bem, mas acrescentou que 18 de 22 batalhões estavam a operar excelentemente.

O presidente, entrevistado por Howard Smith da televisão americana ABC, insistiu na posição que já tinha defendido na sua última conferência de Imprensa de que o Exército sul-vietnamita poderá manter-se sózinho depois das tropas americanas saírem.

Nixon afirmou que o apoio aéreo americano para a intervenção no Laos foi necessário porque os 20 000 soldados de Saigão tiveram de enfrentar forças comunistas duas vezes mais numerosas no Sul do Laos.

Durante a conversa transmitida pela televisão a directo, o presidente Nixon esforçou-se por ganhar a confiança da fracção importante da massa americana que, desde há alguns meses, duvida do bom fundamento das decisões da administração republicana. Frequentemente descontraído, por vezes crispado, manifestamente mais preocupado em convencer os telespectadores do que o seu interlocutor, o presidente surgiu como um homem solitário, condenado a sofrer as críticas da Imprensa, da televisão e do Congresso.

PROVA DA DESCOBERTA DA AMÉRICA MIL ANOS ANTES DE COLOMBO

WALTHAM (Massachusetts), 23. — (F. P.) — Cyrus Gordon, professor da Universidade Brandeis, no Estado de Massachusetts que é um dos partidários da teoria segundo a qual a América foi descoberta por um povo mediterrânico mais de mil anos antes de Cristóvão Colombo, apresentou ontem um colega da Universidade do México, o prof. Alexander Von Wuthenau, que afirma que uma das esculturas da «Maya Stela», estela de pedra recentemente descoberta no México, tem brincos com a estrela de David.

Wuthenau declara que a personagem de brincos é do tipo maya mas que o brinco «é muito inesmerado. A estrela de David aparece nitidamente no meio do disco, parcialmente coberto de linhas horizontais que poderiam significar a água. Este ornamento é rodeado por uma corda, do género da que se pode ver num barco». A personagem tem, além disso, um chapéu em forma de torpedo que — acrescentou Wuthenau — se parece muito com os antigos barcos de papiro egípcios.

Tanto o barco como a estrela de David encontram-se — segundo ele — numa escultura de um tumulo judeu em Beit-Shearim (Israel», datando do século II ou III

Wuthenau crê que a América Central era habitada, vários séculos antes da era cristã, por populações diversas vindas do Japão, da China, da África e da bacia mediterrânica.

Atacada por sabotadores a base de Khe Sanh

SAIGÃO, 23 — (F. P. e R.) — Uns quarenta sapadores norte-vietnamitas conseguiram penetrar no interior do perímetro da base de Khe Sanh esta madrugada. O grupo conseguiu atingir a pista de aterragem onde destruiu certo número de helicópteros — seis — com cargas explosivas — anunciou esta manhã o comando americano, precisando que este ataque se seguiu a um bombardeamento da base que foi atingida com mais de 200 granadas.

De resto os bombardeamentos multiplicam-se em toda a frente e tudo parece indicar estar iminente a ofensiva norte-vietnamita na província de Quang Tri, onde há 16 000 soldados americanos e perto de 20 000 sul-vietnamitas. Os comunicados sul-vietnamitas dizem que a ameaça inimiga se precisa justamente á volta de Khe Sanh.

No extremo sul, no delta sul-vietnamita, entretanto, os americanos perderam dois Iroquois (helicópteros) abatidos pela DCA vietcong. A vinte quilómetros da base de Da Nang há combates, segundo assinalou o informador sul-vietnamita, e, no Camboja, houve recontros a vinte quilómetros de Neak Leung.

O ataque a Khe Sanh foi lançado de surpresa ás 2 e 30 locais após a barragem de artilharia. Os norte-vietnamitas introduziram-se no recinto do acampamento, atrás da área de aterragem dos helicópteros.

O primeiro sinal da presença dos sabotadores no acampamento foi dado pelos pilotos dos aparelhos que foram apanhados pelo fogo inimigo imediatamente após a descolagem.

Os norte-vietnamitas foram repelidos pelos americanos, cujas perdas não foram reveladas. Segundo o porta-voz americano, os estragos materiais não são muito importantes.

Este ataque contra a base pela infantaria norte-vietnamita é o primeiro desde a reinstalação da base.

O informador recordou os violentos assaltos por terra desencadeados contra Khe Sanh, situada num planalto entre montanhas na extremidade Noroeste do Vietnam do Sul, em princípios de 1968 quando era uma grande base de fuzileiros navais americanos.

Os norte-vietnamitas cercaram Khe Sanh durante 77 dias. Mais tarde, os fuzileiros navais americanos abandonaram-na.

Julgamento em Madrid

MADRID, 23. — (R.) — Observadores do Partido Democrático-Cristão italiano encontram-se ontem num tribunal desta capital quando o professor Miguel Coll Alentorn, proeminente historiador catalão, e cinco outros homens começaram a ser julgados por realizarem reuniões políticas

O acusador do tribunal da ordem publica de Madrid, que julga crimes políticos, afirmou que os seis réus tentaram formar um partido democrata-cristão na região da Catalunha, no Nordeste da Espanha, e que realizaram reuniões com esse propósito na residência do professor Coll, em Barcelona.

O acusador pediu que o professor Coll fosse condenado a quatro meses de cadeia e os outros réus a três meses cada.

Todos os seus réus, cujos advogados incluem o professor Joaquin Ruiz Jiminez, um dirigente da oposição católica das esquerdas, declararam-se inocentes de acusações de associação ilegal.

Espera-se que as sentenças sejam conhecidas dentro de cerca de quatro dias.

GOMULKISMO SEM GOMULKA?

(Continuação da 12.ª página)

nas o desencorajamento. No mês de Dezembro, na Polónia, suscitou uma tomada de consciência operária. Os dirigentes, sem peias e acreditando apenas na força, responderam ás ameaças de greve com uma repressão brutal.

O BAPTISMO DE FOGO

Gierek não compreendeu imediatamente que homens que tinham recebido um tal baptismo de fogo, não se contentam com uma «renovação» qualquer. No mês de Janeiro, não pôde deixar de responder ao convite dos operários de Szczecin e de Gdansk, novamente em greve, e de aceitar uma confrontação com eles. Adivinha-se o que isto lhe terá custado. Que se terá passado, de facto, nestes encontros? Dum lado da barreira, havia 500 operários eleitos pelos seus camaradas de fábrica e falando em nome da classe; do outro lado, junto do primeiro-secretário do Partido, estavam o chefe do governo, Joroskewicz, o ministro do exército, general Jaruzelski, o adjunto deste general Basolkowski, e o ministro da Polícia, Szlandric. Assim, o regime que pretende retirar a sua legitimidade da classe operária apresentou-se perante esta, sem dissimulação, como um simples poder estático.

O correspondente do jornal jugoslavo, Borba, assinala que os vizinhos comunistas da Polónia estão inquietos porque a confrontação de Szczecin e de Gdansk não estava em conformidade *«com as normas previstas pelos contactos entre a classe operária e a direcção do partido»*. Têm razão, mas parecem esquecer que as circunstancias não permitiam que o P. C. polaco se ocupasse das «normas». Gierek não voltou a falar, perante o «comité» central, dos compromissos que assumira para com os operários dos estaleiros navais. No seu longo relatório, falou demoradamente dos autocarros que, na sua opinião, deviam ser mais largos (para transportarem mais passageiros sentados) mas não disse palavra acerca dessa bagatela que tinha prometido em Szczecin e Gdansk: eleições livres, sem listas prefabricadas, nos sindicatos, nos conselhos operários e nos organismos do partido. Julgar-se-á ele portanto suficientemente forte já para esquecer os seus compromissos, ou, pelo contrário, estará em posição demasiado fraca para poder falar desses compromissos ao «comité» central?

A calma aparente que reina na Polónia e a extrema modéstia do programa da equipa Gierek não podem mascarar a natureza da crise que o país atravessa. Pela primeira vez na Europa de Leste, o regime tem que enfrentar uma classe social que põe em causa a estrutura da sociedade e não apenas o funcionamento das instituições políticas. Se os dirigentes não se apercebem disso, é porque estão atrasados na fase do conflito e se julgam ainda em 1968.

ÚLTIMO ARTIGO: «Um sistema semiparalisado»

AGENTE OFICIAL:

OLIVEIRA

Electrodomésticos

Av. Almirante Reis, 91-A

TEL. 53 83 23 — LISBOA

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

BEATRIZ RAMALHETE

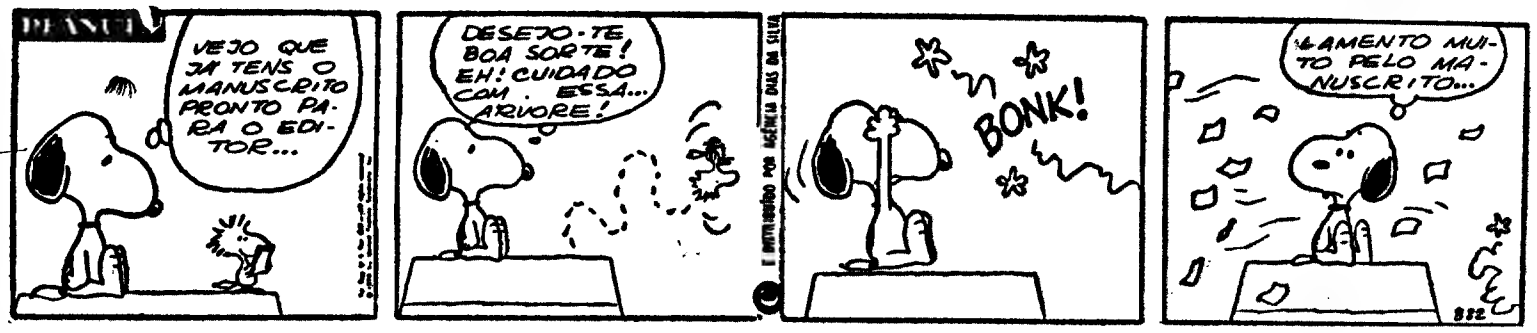
FALECEU

Lucinda Vila Nova Ramalhête Neves, seu marido, filhos, nora e netos; madrinha e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida irmã, cunhada, tia, afilhada e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 11,30 horas, saindo da Igreja de S. José (ao Largo da Anunciada), para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

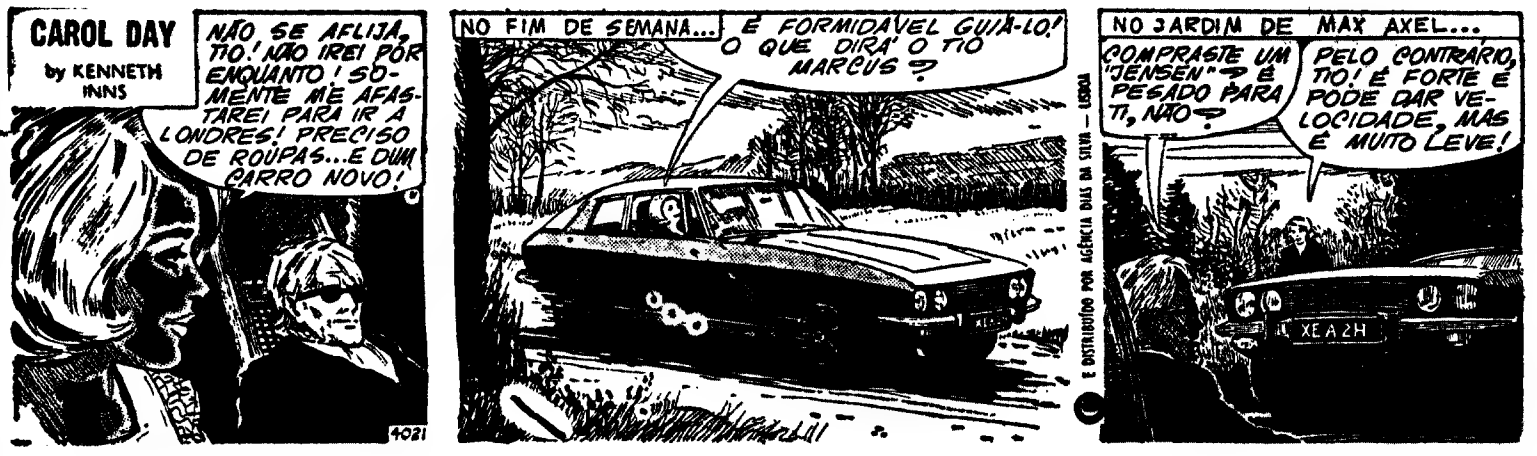
AGÊNCIA MAGNO

Telef. 534167

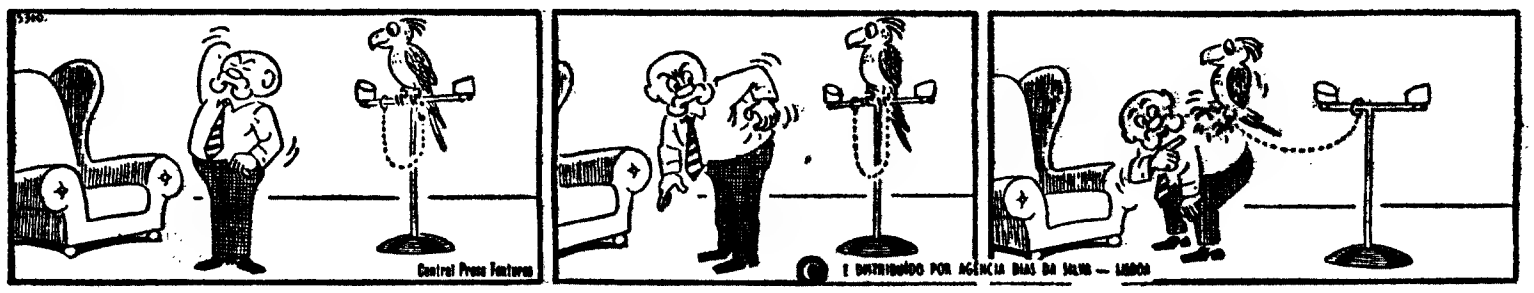
OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Março de 1941 publicava:

«WASHINGTON, 23— Estão a ser elaborados por altos funcionários os planos de produção para fornecer á Grã-Bretanha nos próximos 18 meses, 16 mil aviões. O plano prevê a construção de 10 700 aviões, nos termos da lei de empréstimo e aluguer, cerca de metade dos quais será de bombardeiros medios e pesados. O chefe da produção, Knudesen declarou que já foram entregues á Grã-Bretanha 3400, dos 9 mil aparelhos encomendados particularmente antes da aprovação da lei.»

SEMANA SANTA E PASCOA

A C. P. realiza durante o período de férias da Semana Santa e Páscoa, em colaboração com a Agência de Viagens e Empresa Geral de Transportes as seguintes excursões:

OFIR E ALTO MINHO	
Hotel Ofir 1.ª cl. (2 dias, 10 e 11-4)	650$00
ALGARVE-LAGOS E SAGRES	
Hotel São Cristóvão 1.ª cl. (2 dias, 10 e 11-4)	670$00
MADRID - 4 dias	1 530$00
PARIS-10 dias	3 800$00
SEVILHA-8 dias	3 100$00
LOURDES-6 dias	2 550$00
ANDORRA-6 dias	2 600$00

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa; E. G. T.—Rua do Arsenal, n.º 124 — Telef. 36 75 29; e demais Agências de Viagens.

Palavras cruzadas

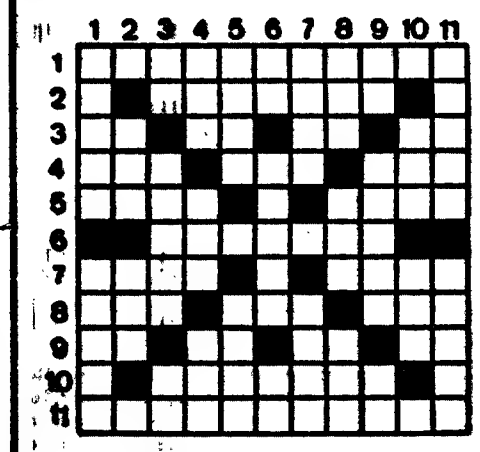
COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5841

HORIZONTAIS: 1 — Pancada ou ferida causada por garrancho. 2 — Trabalhais de noite. 3 — Artigo indefinido. Sadia. Segura. O mesmo que ua (ant.). 4 — Possui. Oferecer. Preposição. 5 — Pegas. Freguesia do concelho de Barcelos. 6 — O mesmo que rosmaninho. 7 — Numeral cardinal. Rio da Toscana. 8 — Oxé. Solitários. Preposição e artigo definido (pl.) 9 — Batráquio. Livro de versos de António Nobre. Atmosfera. Abreviatura de Santíssimo. 10 — Apreenderes. 11 — Meteríamos em mala.

VERTICAIS: 1 — Antro. Repousa. 2 — Espaço de trinta dias. Remoinho na água (prov.). 3 — Reis. Nome de mulher. Basta. 4 — Rente. Sòzinho. Astro. 5 — Cidade da Roménia. Adição. 6 — Laço. Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Vireção. 7 — Tambar. Xaile das mulheres índias e parses. 8 — Ave da Amazónia. Nome de mulher. Mãe de Rómulo e Remo. 9 — Artigo definido. Agrava. Somário (s. q.). 10 — Ribeira do distrito de Portalegre. Pronome pessoal. 11 — O mesmo que amargo. Restos mortais (pl.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5840

HORIZONTAIS: 1 — Carta. Sacra. 2 — Ateia. Aches. 3 — Citar. Reuma. 4 — Ari. Pôr. 5 — Beta. BECO. 6 — Saio. Aoto. 7 — Reporto. 8 — Ama. Maria. Co. 9 — SEM. Rói. Mal. 10 — SAIDA. Grute. 11 — Oriam. Oiros.

VERTICAIS: 1 — Caçes. Passô. 2 — Atiras. Méar. 3 — Retirar. Mil. 4 — Tia. Além. Dá. 5 — Aaro. Aparam. 6 — Oro. 7 — Saro. Antigo. 8 — Ace. Bota. Ri. 9 — Chupeta. Mur. 10 — Remoge. Cate. 11 — Aearo. Colas.

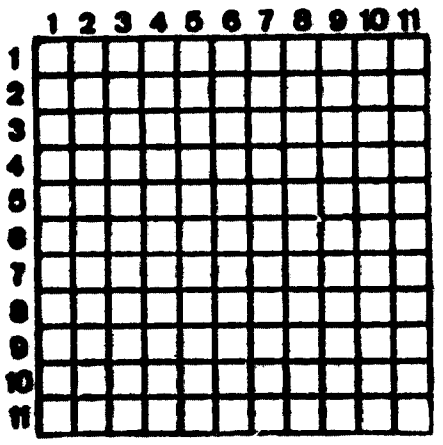
Provérbio: BECO SEM SAIDA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9684

HORIZONTAIS: 1 — Escolher. O mesmo que bifar. 2 — Atira. Abrando. 3 — Encolerizas. Rio de França e da Alemanha. 4 — Antes de Cristo. Irbio (s. q.). 5 — Chefe etíope. Nome de duas ordens de cavalaria bávara. Emprega. 6 — Vila e concelho do distrito de Viseu. 7 — Milho torrado que se reduz a pó, temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Letra grega. Prefixo que designa ar. 8 — Vi. Pedra de amolar. 9 — Vírgulas dobradas. Pó indiano, feito de várias especiarias. 10 — Levantado. Que apresenta anotia. 11 — Curas. Plantas do pé.

VERTICAIS: 1 — Detestar. Içais. 2 — Perda. Marca um numero no disco do telefone automático. 3 — Irmã da mãe. Saudável. Igual. 4 — Moeda portuguesa de Dio. Pronome indefinido. 5 — Pano de Arrás. Estime. Solitários. 6 — Não nascido. 7 — Abreviatura de paraminossalicílico (ácido). Mulher que amamenta criança alheia. Cabelos brancos. 8 — Passadas. O mesmo que guardanapo (Prov. alent.) 9 — Tempo do verbo ir. Larva das feridas dos animais. Lista. 10 — — Azedos. Lance de si. 11 — Rotaro. Cilindros.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9683

HORIZONTAIS: 1—Frete. Anelo. 2 — Ael. Luz. Mal. 3 — Rias. Babe. 4 — Daria. Bulio. 5—Araós. Alear. 6 — Air. 7 — Brincar. 8 — Veras. Olovo. 9 — Oves. Amar. 10 — Aiá. Sic. Olá. 11 — Ossos. Lunes.

VERTICAIS: 1 — Farda. Avoão. 2 — Ralaro. Avis. 3 — Elara. Broas. 4 — Sio. Rãs. 5 — El. Asais. SS. 6 — Uã. In. Vi. 7 — Az. Barco. Ci. 8 — Bul. Aia. 9 — Emale. Ramos. 10 — Lábias. Vilia. 11 — Olear. Porás.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«GANDA» a sair em 30 de Março	Com escala prévia por Leixões para: **S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário).
«UIGE» a sair em 31 de Março às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: **LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES.** Carrega de 23 a 25 de Março.
«PÁTRIA» a sair em 8 de Abril às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Abril.
«BAILUNDO» a sair em 10 de Abril	Com escala prévia por Leixões para: **LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e NACALA.** Carrega de 3 a 7 de Abril.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 13 de Abril às 12 horas	Com escala por Funchal para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 8 a 11 de Abril.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 5 de Maio às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel 23342

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 85/71

Faz-se saber que no dia 13 de Abril de 1971, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171 (a Alcântara) o concurso público para a «Concessão da exploração do restaurante da Rua de S. Pedro a Alfama, n.º 20», com a base de licitação de 10.000$00, mensais. (Processo n.º 47/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1.000$00 sendo efectuado à ordem da Câmara Municipal de Lisboa na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, 16 de Março de 1971.

O PRESIDENTE
Fernando Augusto Santos e Castro

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Farense-Boavista	1
Sporting-Guimarães	1
C. U. F.-Porto	X
Académica-Belenenses .	1
Varzim-Tirsense	X
V. Setubal-Barreirense ..	1
Leixões-Benfica	X
Sanjoanense-Beira-Mar	X
Vizela-U. Coimbra	2
Salgueiros-Marinhense	X
Sesimbra-Portimonense	1
Peniche-Olhanense	1
Torres Novas-Oriental ..	1

CASSIUS CLAY NÃO ESTAVA DROGADO

CHERRY HILL (Nova Jersey), 23 — (F. P.) — Cassius Clay classificou como «estúpida e ridícula» a tese dum médico britânico segundo a qual o pugilista não estava no seu estado normal durante o combate contra Frazier, porque talvez estivesse sob o efeito do «doping».

Esta hipótese tinha sido alvitrada pelo dr. Joseph Blonstein, presidente da Federação Médica Britânica de Boxe, num artigo publicado por uma revista médica.

Pedroto e os seus comandados no estágio setubalense

O VITÓRIA A POSTOS PARA DEFRONTAR O LEEDS

No Hotel Esperança (em Setubal) os jogadores do Vitória estão concentrados para o jogo contra o Leeds United, de amanhã á noite. O técnico José Maria Pedroto já escalou o «onze» do Bonfim: Torres; Conceição, Cardoso, José Mendes e Rebelo; Octávio, José Maria e Vagner; Guerreiro, Vítor Baptista e Jacinto João. Como suplentes indicou: Vaz, Correia, Sabu, César, Arcanjo e Esteves.

Se eliminarem os ingleses, os vitorianos recebem o prémio individual de 8 contos.

Entretanto, o Leeds desloca-se a Lisboa na máxima força: David Harvey, Garry Sprake Paul Reaney, Nigel Davey, Terry Cooper, Mike Bates, Jack Charlton, Norman Hunter Peter Lorimer, Alan Clarke, Mick Jones, Johnny Giles, Paul Madeley, Rod Belfitt, Terry Yorath e Terry Hibbitt.

A equipa de arbitragem é suíça: Marendaz, Schnewler e Antonietta.

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

Importado directamente da origem

AGENTES

J. A. DA COSTA PINA, L.DA

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA — Telef. 32 00 31/4

COSTA PINA & VILAVERDE, L.DA

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO — Telef. 26562

1x2 totoBOLA

O PRÓXIMO CONCURSO

Depois de um concurso em que só um concorrente encontrou a «chave» (e por isso se tornou milionário) o de anteontem distribuiu a alegria por 36 participantes, cada um deles contemplado com 93 contos. E nada menos de 1191 «quase totalistas» tiveram uma satisfação de dois contos e oitocentos...

BENFICA NO NORTE, PORTO NO SUL

Sete jogos da I Divisão e seis da 2.ª, neste 29.º Concurso da temporada, no último domingo de Março. Tentando dar uma ajuda, vamos, como de costume, lembrar os resultados dos últimos jogos das 26 equipas na situação em que aqui nos aparecem.

Assim, temos:

JOGO 1

FARENSE — 8.º lugar, com 18 pontos. Últimos resultados em «casa»: Varzim, 0-0; Académica, 2-2; CUF, 1-1; Sporting, 1-2.

BOAVISTA — 7.º lugar, 19 pontos. Últimos resultados «fora»: Barreirense, 1-2; Leixões, 1-0; Varzim, 0-2; CUF, 1-0.

JOGO 2

SPORTING — 2.º lugar, 33 pontos. Últimos resultados em «casa»: Barreirense, 0-1; Leixões, 4-0; Varzim, 5-1; CUF, 2-1.

GUIMARÃES — 14.º lugar, 14 pontos. Últimos resultados «fora»: Tirsense, 2-2; Benfica, 0-1; Setúbal, 0-2; Académica, 0-1.

JOGO 3

CUF — 9.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados em «casa»: Benfica, 0-2; Setúbal, 0-3; Académica, 2-1; Boavista, 0-1.

PORTO — 3.º lugar, 32 pontos. Últimos resultados «fora» Belenenses, 2-1; Barreirense, 2-0; Leixões, 2-1; Varzim, 2-0.

JOGO 4

ACADÉMICA — 4.º lugar, 30 pontos. Últimos resultados em «casa»: Leixões, 2-1; Varzim, 4-0; Sporting, 0-0; Guimarães, 1-0.

BELENENSES — 6.º lugar, 19 pontos. Últimos resultados «fora»: Guimarães, 1-0. Tirsense, 1-3; Benfica, 1-3; Leixões, 3-0.

JOGO 5

VARZIM — 11.º lugar, 16 pontos. Últimos resultados em «casa»: Setúbal, 0-1; CUF, 1-1; Boavista, 2-0; Porto, 0-2.

TIRSENSE — 10.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados «fora»: Boavista, 0-1; Porto, 0-3; Barreirense, 0-0; Leixões, 0-2.

JOGO 6

SETÚBAL — 5.º lugar, 29 pontos. Últimos resultados em «casa»: Académica, 3-1; Sporting, 0-0; Guimarães, 2-0; Belenenses, 1-1.

BARREIRENSE — 12.º lugar, 16 pontos. Últimos resultados «fora»: Sporting, 1-0; Guimarães, 1-1; Belenenses, 0-0; Benfica, 0-1.

JOGO 7

LEIXÕES — 13.º lugar, 15 pontos. Últimos resultados em «casa»: CUF, 1-0; Boavista, 0-1; Porto, 1-2; Tirsense, 2-0.

BENFICA — 1.º lugar, 33 pontos. Últimos resultados «fora»: CUF, 2-0; Boavista, 3-0; Porto, 0-4; Tirsense, 4-2.

JOGO 8

SANJOANENSE — 11.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados em «casa»: Vizela, 1-0; Lamas, 1-1; Famalicão, 1-2.

BEIRA MAR — 3.º lugar, 28 pontos. Últimos resultados «fora»: Famalicão, 0-2; U. Coimbra, 2-2; Espinho, 0-2; Salgueiros, 2-2.

JOGO 9

VIZELA — 14.º lugar, 8 p. Últimos resultados em «casa» Salgueiros, 2-0; U. Leiria, 1-4; Gouveia, 1-2; Penafiel, 0-2.

U. COIMBRA — 13.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados «fora»: Gouveia, 1-2; Penafiel, 1-4; Marinhense, 0-1; Riopele, 1-2.

JOGO 10

SALGUEIROS — 10.º lugar, 20 pontos. Últimos resultados em «casa»: U. Leiria, 1-3; Lamas, 1-3; Famalicão, 4-0; Beira-Mar, 2-2.

MARINHENSE — 2.º lugar, 28 pontos. Últimos resultados «fora»: Lamas, 1-2; Famalicão, 1-1; B. Mar, 1-1; Espinho, 0-0.

JOGO 11

SESIMBRA — 11.º lugar, 16 pontos. Últimos resultados em «casa»: Atlético, 0-1; T. Novas, 1-2; Tramagal, 2-0; Peniche, 3-1.

PORTIMONENSE — 8.º lugar 21 pontos. Últimos resultados «fora»: Luso, 2-0; Sintrense, 0-1; Atlético, 0-4; Tramagal, 1-2.

JOGO 12

PENICHE — 4.º lugar, 25 p. Últimos resultados em «casa»: Luso, 2-0; Sintrense, 3-1; Atlético, 0-0; Tramagal, 1-1.

OLHANENSE — 6.º lugar, 21 p. Últimos resultados «fora»: U. Tomar, 1-2; Torriense 2-0; Montijo, 2-2; Torres Novas, 0-1.

JOGO 13

TORRES NOVAS — 14.º lugar, 16 pontos. Últimos resultados em «casa»: Atlético, 0-4; Tramagal, 1-4; Peniche, 2-0; Olhanense, 1-0.

ORIENTAL — 7.º lugar, 21 pontos. Últimos resultados «fora»: Olhanense, 1-2; P. Tomar, 0-1; Torriense, 0-1; Montijo, 0-2.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Correspondendo o pedido do sr. R. Alves, de Leixões, apresenta-se aqui o desdobramento das 11 duplas «condicionadas ao 12».

Todas as duplas se apresentam para 1-x e voltamos a repetir que quando se desejar a dupla x-2 ter-se-ão de substituir, nessa linha, os símbolos «1» por símbolos «2»; quando a dupla desejada for 1-2, então a substituição a fazer será de símbolos «x» por símbolos «2».

Acertando nos fixos e nas duplas há a GARANTIA TOTAL de DOZE RESULTADOS CERTOS.

O preço do sistema é de 512$00; sem qualquer condicionamento custaria 4096$00. Desdobra-se este sistema em 16 boletins de 16 apostas.

1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X
1	X	X	1	1	X	X	1	1	X	1	X	X	1	X	1
1	X	1	X	1	X	X	1	X	1	X	1	X	1	1	X
1	X	X	1	X	1	X	1	1	X	X	1	1	X	1	X
1	X	1	X	X	1	X	1	X	1	1	X	1	X	X	1
1	X	X	1	X	1	1	X	X	1	1	X	X	1	1	X
1	X	1	X	X	1	1	X	1	X	X	1	X	1	X	1
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

NAS ÉPOCAS ANTERIORES

Nos Concursos n.º 29 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62.....	x2x	211	211	1222
62-63	xx1	111	21x	x1x2
63-64.....	1x1	112	x1x	1111
64-65.....	22x	xx2	111	121x
65-66.....	112	x12	111	1112
66-67	212	211	21x	111x
67-68	222	122	x22	1212
68-69.....	122	112	1x1	2221
69-70	111	2x1	121	x1xx

a) Repare-se que nos jogos n.os 1, 2, 3, 6 e 11 há pelo menos 5 épocas que não saem símbolos «x»;

b) Muito curiosa é a semelhança que se verifica entre os jogos n.os 10 e 12;

c) Nas épocas 64-65 e 67-68 não houve totalistas. Mantendo a periocidade calha agora á época presente, a 70-71, quebrar com um bom prémio essa dificuldade... um trimilionário á vista!

O CONCURSO DE 4 DE ABRIL

O Concurso do dia 4 de Abril volta a incluir os sete jogos da primeira divisão. E terá jogos «explosivos» na Zona Norte da 2.ª...

É o seguinte, o «programa»:

1. Guimarães-Boavista
2. Porto-Sporting
3. Belenenses-Cuf
4. Tirsenses-Académica
5. Barreirense-Varzim
6. Benfica-Setubal
7. Leixões-Farense
8. Penafiel-Lamas
9. B. Mar-U. Leiria
10. Riopele-Braga
11. Olhanense-Portimon.
12. Luso-Atlético
13. Torriense-Montijo

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A equipa nacional de juniores

CONSTITUÍDA A SELECÇÃO NACIONAL DE JUNIORES

A selecção nacional de juniores já está constituída. Após o treino de ontem, o técnico Peres Bandeira escolheu Fidalgo, Franque, Casquinha, Vítor Pereira, Rodolfo, Sheu, Alves, Ibraim, Gregório, Eurico e Nando (como efectivos), Pinhal, Jaime, Alexandre, José Augusto e Jordão (no plano de suplentes). Segundo declarações do «responsável», a turma portuguesa alinhará em 4×3×3.

A equipa partiu esta manhã para Paris, ficando hospedada no Hotel Residence des Maréchaux. O jogo realiza-se na quinta-feira e o regresso dos portugueses a Lisboa está previsto para as 15 e 55 de sexta-feira.

ESTA NOITE

RESERVAS EM ALVALADE: SPORTING-BENFICA

No Estádio de Alvalade, ás 21 e 30, realiza-se hoje o encontro de futebol entre as reservas do Sporting e do Benfica a contar para o campeonato organizado pela Associação de Lisboa.

Outros acontecimentos previstos para hoje

BASQUETEBOL — Nac. Feminino da I Divisão: Encarnação-C. U. F., ás 21; e Nacional-C. I. F., ás 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: C. D. U. L.-Educação Física, ás 21 e 30, no pavilhão do Estádio Universitário.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Internacional da Salesiana: Oeiras-Paço de Arcos, ás 21 e 15; e Cascais-Parede, ás 22 e 30, no pavilhão da Salesiana.

Torneio de Abertura de Juvenis (jogo em atraso): C. Ourique-F. Benfica, ás 21 e 30, no pavilhão do C. Ourique.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa da III Divisão: 1.ª categoria — Alunos Apolo-Oeiras e Cimento Tejo-Desportivo da Graça, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros. 2.ª categoria: Cimento Tejo-Fontainhas e Alunos Apolo-Castelo, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Juvenis: Lisboa Ginásio A.-Moscavide ás 20, na Escola Josefa de Obidos.

Campeonato de Lisboa Feminino: Benfica A.C. D. U. L.-B. ás 19 e 45; e Benfica B.-Medicina, ás 20 e 30, no Liceu D. Pedro V.

BASQUETEBOL INTERNACIONAL

Estão de parabéns os adeptos do basquetebol pelo espectáculo a que hoje podem assistir no pavilhão do Estádio da Luz. Um encontro de basquetebol entre o actual campeão nacional (o Benfica) e uma selecção de universitários de nacionalidade norte-americana.

O americano Wolfson deixou o Benfica

Inesperadamente, o actual treinador-jogador do Benfica (o americano Martin Lee Wolfson) resolveu regressar hoje aos Estados Unidos.

O facto deve-se, segundo apurámos no clube «encarnado», a que o referido elemento, foi recentemente chamado para as forças armadas do seu país.

AGOSTINHO A 3 m E 39 s DO ESPANHOL OCAÑA

Tendo chegado em 42.º lugar ao termo da 4.ª etapa da Volta á Catalunha, Joaquim Agostinho encontra-se agora na 10.ª posição da tabela geral, a 3 m e 39 s do espanhol Luís Ocaña que comanda a classificação.

A etapa, especialmente dura devido a várias contagens do Prémio da Montanha, decorreu entre Rens e Hospitales de Llobregat, na extensão de 196 quilómetros e proporcionou uma vitória ao italiano Zilioli, com 5 h 37 m 12 s.

A chegada dos corredores do Sporting processou-se pela seguinte ordem:

42.º, Agostinho (mais 3 m 35 s que o vencedor); 58.º, Firmino Bernardino (mais 7 m 25 s); 65.º, Vítor Rocha (mais 13 m 5 s); 84.º, Emiliano Dionísio (mais 18 m 2 s); 95.º, Leonel Miranda (mais 25 m 18 s).

Manuel Mendes foi eliminado juntamente com mais 8 corredores, entre os quais o nosso conhecido Godfroot e o holandês Brotembros.

Na tabela geral o primeiro é Ocaña, com 8.22.22 — sendo a seguinte a posição dos portugueses: 10.º, Agostinho (8.28.51); 48.º, Firmino Bernardino (8.32.02); 69.º, Vítor Rocha (8.39.09); 83.º, Emiliano (8.43.20); 97.º, Miranda (8.51.11).

AMÉRICO NUNES VENCEDOR ABSOLUTO DO «RALLYE» DAS CAMÉLIAS»

Américo Nunes, em Porsche 911-S foi o vencedor absoluto do «Rallye» das Camélias, disputado neste fim-de-semana. Em segundo lugar classificou-se Ernesto Neves (NSU TT-1200) e em terceiro Francisco Santos (Escort TC Vita). Gioganni Salvi, que poderia ter sido o vencedor, foi desclassificado por não ter visado a sua carta num dos «contrôles».

Ontem á noite foram afixadas as classificações e distribuídos os prémios no decorrer de um jantar oferecido aos concorrentes pela Câmara Municipal de Sintra, no Palácio Valenças.

Conforme se previa, e na sequência das observações feitas pelos concorrentes á organização logo no final da prova, foram anulados quatro «contrôles» que estavam mal montados.

Esta decisão dos organizadores, tomada a tempo, evitou possíveis reclamações dos concorrentes que se consideravam lesados.

CLASSIFICAÇÕES

Vencedor Absoluto — Américo Nunes-F. Castelo Branco (Porsche 911-S).

Vencedor Turismo Especial — Francisco Santos-Salles Grade (Escort TC Vita).

Vencedor Turismo de Série — Ernesto Neves-Portela Morais (NSU TT-1200).

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º, Américo Nunes-F. Castelo Branco (Porsche 911-S), 955 pontos; 2.º, Ernesto Neves (NSU-TT 1200), 1022; 3.º, Francisco Santos-Salles Grade (Escort TC Vita), 1068; 4.º, Fernando Baptista-R. Carvalho (Austin Cooper S), 1216; 5.º, Lamy Viçoso-Robalo da Silva (NSU TT-1200), 1327; 6.º, João Nabais-H. Branco (Volkswagen 1302 S), 1386; 7.º, Conde de Botelho-Jorge Cirne (Autobianchi A 111), 1528; 8.º, António Borges-L. Pereira (BMW 2000 Alpina), 1603; 9.º, Eric Macário-Maria do Céu (Saab 96V4), 1738; 10.º, Carlos Fonseca-A. Pulso (Volkswagen), 1845; 1.º, Onimrif-N. Costa (Porsche 911-S), 2069; 12.º, Hermes Gois-«Speedy» (Escort TC), 2071; 13.º, Carlos Moura Pinheiro-José Romão (Fiat 128), 2183; 14.º, Jaime Benitez-N. Pinheiro (BMW 2002), 2230; 15.º, Rogério Beatriz-J. Palmeiro (NSU-TT 1200), 3255; 16.º, J. Nunes Baptista-Evaristo Saraiva (Datsun 1200), 2399; 17.º, A. Bastos-Fedro (Alpine), 2454; 18.º, Manuel Souto-Ricardo Abranches (NSU-TT 1200) 2570; 19.º, «Joal»-Jorge Alves (BMW 2002), 2602; 20.º, H. Gonzalez-M. Moura (BMW 2002), 2725; 21.º, Honorato Filipe-Rogério Pires (MG 1300), 3049; 22.º, «Passarão»-José Dias (R 16), 3095; 23.º, Jorge Nascimento-M. Coentro (BMW 2002), 3339; 24.º, Miguel Barata-A. Gabriel (R 8 Gordini), 3528; 25.º, Maria Luísa Torres-Luísa Salvi (Austin Cuthman GT), 3809.

AGENCIA ABREU PASSAPORTES Av. Liberdade 166

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

No ginásio do Técnico e no Pavilhão da Ajuda, prosseguiu o campeonato de Lisboa em voleibol.

No encontro mais importante da jornada o Benfica venceu o Técnico por 3-2 (15-13, 15-13, 18-20, 13-15 e 15-13) e conquistou o título regional que há 11 anos já lhe pertencia.

TÉCNICO — Raul Carregoso, André Mendes, Carlos Canas, Luís Briz, João Carlos, Corte Real, Costa Reis, Rogério Almeida e João Fernandes.

BENFICA — Artur Monteiro, Carlos Figueiredo, João Campelo, João Soares, Vítor Caroço, António Neves, Moisés Nobre, Orlando Gomes e Fernando Almeida.

O encontro foi muito equilibrado e bem disputado acabando o Benfica por ser um vencedor justo, embora feliz.

Assim, embora faltem duas jornada para o termo da competição, o Benfica é desde já, virtual vencedor da prova.

No Pavilhão da Ajuda, o Lisboa Ginásio venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-5, 15-11 e 15-9). Sob a direcção de Alfredo Silva e Almeida Tavares, as equipas apresentaram:

EXT. MOSCAVIDE — Carlos Brilhante, Vítor Melo, Fernando Riça, José Ramon, Vítor Gomes e Jaime Mortágua.

L. GINÁSIO — Vilar Moreira, Mota Carmo, Rodrigo Carvalho, Xara Brasil, Cazal Ribeiro, José Pimpão e Armando Jerónimo.

TÉNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa de juniores em ténis de mesa: Benfica, 5-Desportivo do Carmo, 0; Águias, 2-Belenenses, 5, e Sporting, 5-Apolo, 4.

Sporting e Belenenses comandam a classificação.

TÉCNICAS MATEMÁTICAS DE GESTÃO

curso de 29 de Março/ /2 de Abril

NORMA

A MATEMÁTICA É ESSENCIAL A UMA GESTÃO MODERNA:

- Quais as novas aplicações?
- Qual a sua utilidade?

O curso, que tem um carácter essencialmente participativo, será orientado pelo Prof. Doutor FERNANDO DE JESUS.

Interessa a:

- DIRECTORES
- FUNÇÕES DE CHEFIA
- COORDENADORES DO PLANEAMENTO

CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Avenida 5 de Outubro, 122 - Tel. 767711/2- Lisboa

ORGANIZAÇÃO DA CONSERVAÇÃO

SEMINÁRIO

de 12 a 14 de Abril

NORMA

O Serviço de Conservação tem na Empresa um papel de extrema responsabilidade.

Este SEMINÁRIO tem o fim de o ajudar a conhecer as técnicas específicas de gestão da conservação e o que de novo tem surgido para melhoria dessas técnicas.

Nele colaboram alguns dos melhores especialistas portugueses em assuntos de conservação.

Interessa a:

- DIRECTORES TÉCNICOS
- CHEFES DE SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO
- CHEFES DE FABRICAÇÃO

CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Avenida 5 de Outubro, 122 - Tel. 767711/2- Lisboa

CINEMA BRASILEIRO

(Continuação da 1.ª página)

guns dos nomes que hoje *são* o Cinema Novo. Era um cineclubismo activo, prático, de acção, com a realização de pequenos filmes em formato não comercial); frequenta os cursos da Cinemateca do Museu de Arte Moderna, faz crítica literária e de cinema nos jornais cariocas «Diário de Notícias» e «Jornal do Brasil». Em 1959 realiza «Fuga», pequeno documentário de 16 m/m, e, no ano seguinte, «Domingo» também em 16 m/m. Em 1962, dirige «Escola de Samba Alegria de Viver», outro pequeno filme, mas já em 35 m/m. É um dos episódios de «Cinco vezes favela».

A sua primeira longa-metragem, «Canga Zumba», data de 1963 e trata da luta dos escravos negros pela liberdade no século XVII. Em 1965, realiza um documentário colorido sobre a Oitava Bienal de São Paulo, e em 1966 apresenta a sua segunda grande-metragem — «A Grande Cidade» — sobre a gente que deixa o Nordeste pobre e ressequido e se dirige para as grandes cidades do Sul. Em 1967 e 1968, respectivamente, foi co-produtor de «Terra em Transe», de Glauber Rocha, e «Capitu», de Paulo César Saraceni (autor, também, de «O Desafio»). «Os Herdeiros» datam de 1969.

O cinema de autor e a construção de uma consciência nacional

Ao longo das conversas que mantivemos com Carlos Diegues no último Festival de Berlim (onde «Os Herdeiros», «O Bravo Guerreiro», de Gustavo Dahl, e «Lavrador — Lavra Dor», de Paulo Rufino, representaram a cinematografia brasileira na Semana do Cinema Novo) sempre ele acentuou a sua maneira de encarar o cinema, a nova linguagem cinematográfica brasileira, as suas opiniões e juízos, com clara nitidez de raciocínio e brilho de exposição, já conhecidos das declarações e entrevistas concedidas, no Brasil e na Europa.

Recorde-se, a propósito, a excelente entrevista de Rosa Santos, documento notável publicado no «Comércio do Funchal», em Julho do ano passado (para o qual Carlos Diegues nos remeteu por diversas vezes:

— O autor em si mesmo não tem nenhum sentido se não existir um programa. O autor não é se não uma posição moral e o que nos interessa é saber a que vai dar essa posição moral. O nosso publico sabe já distinguir um filme de Glauber Rocha e Pereira dos Santos. A particularidade do movimento do Cinema Novo é que, justamente, Rocha dos Santos ou outro fazem filmes muito diferentes, muito marcados pelas suas personalidades — muito cinema de autor — dizendo o que eles querem e como querem. Mas vão dar ao mesmo fim: a construção de uma consciência nacional, original, brasileira. E é este objectivo que se torna, ao fim e ao cabo, o denominador comum do Cinema Novo

O poder transformador imediato do cinema

O cinema não pode mudar nada de imediato. Não se pode ignorar que o cinema se inscreve numa sociedade, entre homens, um regime político, etc. Se se procura, um mobilizador imediato não é no cinema que o encontramos. Pessoalmente, não creio sendo num cinema dialético. É preciso não esquecer que o cinema é também uma actividade humana, social, ao mesmo título que as outras artes ou as profissões, ou o amor, o facto de dormir, de comer, etc.

O Cinema Novo participa na sociedade brasileira e na sua vontade de transformação. É transformador porque entende ser, ao nível do cinema, a consciência nacional desta vontade. Que se exprime através da luta contra o imperialismo a todos os níveis, mas também através da procura da personalidade nacional perdida durante anos e anos de dominação económica, política e cultural.

Afirma ainda Carlos Diegues:

«Nós não procuramos a linguagem revolucionária ao nível da revolução do cinema. Respeito Godard, algumas vezes gosto de Godard; mas a sua revolução não me interessa. Nós não temos nada a ver com ela. Para mim, o importante é que, no Brasil, há um povo que não tem nada a perder mas que tem tudo por descobrir: ele próprio. Eu, e todo o Cinema Novo, queremos participar nesta descoberta.

Nós não procuramos uma nova linguagem tendo em vista um novo feito estético. Procuramos um novo método de pensamento para compreender um novo povo, uma nova maneira de nos pensarmos a nós próprios e a nossa história, partindo de uma consciência colectiva, da originalidade do povo brasileiro e não de uma pesquisa estética.

No Brasil, é o povo que é o verdadeiro produtor de cultura, mas ele não tem consciência disso. É preciso dizer-lhe: «O que fazeis é a verdadeira cultura».

Diegues acentua:

— Quer dizer que é preciso encontrar entre os 90 milhões de habitantes do país, através dos seus 8 milhões de quilómetros quadrados, os valores verdadeiramente nacionais do nosso carácter. Nesse sentido, nós somos os catalisadores, os agentes e o reflexo desta luta colectiva. Nós queremos dar ao povo brasileiro a sua própria imagem.

Os povos como o nosso — na situação económico-social do nosso — lembram frequentemente as pessoas que nunca se viram ao espelho: não se reconhecem nele. Ora nós queremos ser o espelho da consciência colectiva nacional.

É por isso que não acreditamos nas discussões inúteis, muito em moda na Europa, mas também no Brasil. Não acreditamos sendo nesta vontade de sermos nós próprios, diferentes dos Estados Unidos e da U. R. S. S., da China ou da França.

Nós somos o Brasil.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

para a ginástica desportiva — neste caso, como exemplificação, Abreu mencionou o Lisboa Ginásio. Jenny Candeias, professora do Lisboa Ginásio, mostra-se naturalmente melindrada pela alusão. Acrescenta que, evidentemente, os professores têm de saber se os seus alunos estão bem ou não entregues na ginástica aplicada. Garcia Alvarez, com um raro sentido diplomático, desvia o curso da questão. Importa saber como se pratica a ginástica em Portugal. Conclusão: pratica-se mal, graças a Deus. As colectividades não têm aparelhos. Se quiserem praticar neles têm de deslocar os seus atletas a grande distância. Por outro lado, não há recintos nem sequer para a realização condigna de saraus e sessões: nos ginásios polivalentes não pode ser, porque a instalação dos aparelhos prejudica o piso para o hóquei em patins... E assim por diante.

Foi grande a confusão entre a ginástica escolar, a educativa e a aplicada. Cada qual tem, como se sabe, os seus problemas específicos. João Mariano propôs que na ordem do dia para o próximo encontro em «Momento Desportivo» se discutisse o tema: «Como expandir à escala nacional a ginástica escolar e não escolar?».

O tema parece-me demasiado ambicioso para ser discutido em 30 minutos. Vai ser precisa, está claro, uma grande ginástica...

A programação incluía, para o serão, o bailado «Copélia». Um bailado extremamente simples, com uma história nítida, que a mímica dos actores ainda mais ajudava, e que, pelo seu misto de baile e anedota em partes iguais, poderá bem ter contribuído para ajudar a vencer no público o afastamento do «ballet». Isto com uma historiazinha vai melhor...

Luna Andermatt encontrou a posição correcta para se referir ao bailado. Sem o minimizar, não deixou de o colocar no seu lugar devido. A comparação servida pelos tipos ópera e opereta foi feliz. Pode considerar-se perigosa como todas as comparações, mas sem dúvida ajudou a compreender o que, doutra forma, seria difícil explicar. O risco mais grave existe na inconsciência dos processos, e não no seu manejo criterioso.

O equilíbrio exemplarmente demonstrado por Luna Andermatt (a revelar uma lúcida visão e um enorme respeito pela inteligência dos espectadores) no relato da história foi outra nota excelente deste serão. Não era preciso, na verdade, dizer nada mais. O bailado contava tudo a quem estivesse com atenção. O resto... era «conversa». E esse não é, evidentemente, o negócio de Luna Andermatt. Doutros será...

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	[illegible]	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obras Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	585$	585$	—
Externo 1.ª Série B	605$	600$	610$
Externo 3.ª Série	—	—	700$
Externo 3.ª Série B	—	—	770$
Cautelas 3 Série	165$	165$	170$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 3% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	—	—	—
C U F 6% 68	—	—	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	855$	850$	860$
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	820$	820$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 64	—	940$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	967$	967$	—
H E A Alentejo 5%	—	795$	—
H E Cávado 5%	—	760$	770$
H E Cávado 6%	—	—	960$
H E Douro 5%	—	760$	—
H E Douro 6%	—	—	950$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	935$	940$	960$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	945$	930$	950$
Metropolitano 4%	—	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	945$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	750$	745$	750$
Nitratos 5%	750$	745$	755$
Nitratos 5% 60	750$	745$	755$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	970$	969$	975$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	720$	740$
Sonefe 5%	—	785$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	740$	735$	—
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	71$	—	72$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	850$	—	850$

ALMEIDA, BASTO
& PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 471, ALAP P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.780$	2.750$	2.790$
Alentejo	—	1.180$	1.190$
Angola	3.890$	3.880$	3 890$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.500$	7.500$	7.550$
E Santo	6.450$	6.440$	6 460$
E Santo N	—	—	—
Fonsecas S B	—	26.000$	28 000$
Fomento	2.845$	2 845$	2.850$
L S Açores P	—	—	—
L S Açores N	—	—	—
P Atlântico P	—	6.180$	6 250$
Portugal N	—	3.310$	—
Portugal P	—	4 220$	4.300$
Totta Aliança	5.750$	5.700$	5.750$
Ultramarino N	3.740$	3.740$	3.750$
Ultramarino P	4.060$	4.055$	4.070$
Seguros			
Alentejo	150$5	150$	152$
Douro	—	2.000$	—
Mundial	1.015$	1.010$	1.015$
Sagres	—	2.900$	3.000$
Tranquilidade	—	90.000$	105.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	720$	770$
Ag Cassequel	600$	590$	604$
Ag Ancomet	—	—	1.900$
Ag Neves	—	—	—

Ultramarinas	[illegible]	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	215$	230$
Boror	125$	123$	125$
Buzi	—	67$	69$
[illegible]	—	215$	222$
Diamantes Angola	—	2.190$	2.220$
M S Revué	6·5$	610$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	790$
Moçambique	—	184$	—
Sonefe A	—	420$	—
Sonefe B	—	430$	440$
Zambézia	—	67$	68$
Diversas			
Cidla	7.000$	6.950$	—
Cim Leiria	—	4.500$	4.600$
Cim Tejo	8.350$	8.300$	8.400$
Cª Navegação	1.490$	1.480$	1 500$
C U F	—	—	1.440$
Ind Aliança	—	600$	700$
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	1.400$	1.450$
Port e Colonias	—	—	1.300$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	610$	610$	625$
Sacor	4.000$	4 000$	4.005$
Siderurgia Nac	2.410$	—	2.4'0$
Soce	3.690$	3.680$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	—	1.590$
Tabaqueira	—	6.180$	6.200$
U F Azoto	660$	660$	662$
Água, Elect. e Gás			
Águas Lisboa P	—	—	—
Águas Lisboa 54	—	420$	425$
Águas Lisboa 56	—	405$	—
C P Electricidade	1.206$	1.205$	1.206$
C P Electricidade nom	—	1.200$	1.205$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	—	1.700$	1.7'0$
Gás Electr	449$	449$	449$5
H E Alto Alentejo	180$	179$5	180$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	230$	230$	235$
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	201$	200$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	203$9	210$
F I D E S	—	126$6	130$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 100)

	16/3/71	22/3/71	23/3/71
GERAL	152,4	152,5	152,5
METROPOL.	148,4	147,8	147,8
ULTRAM.	182,0	187,0	186,8

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 e 2	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 100	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Austria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,2	$41,7
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,8
Marrocos — Dirhan	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

Banco de Fomento Nacional

(Continuação da 2.ª página)

ma dureza, atinge o distrito.»

E, a terminar:

«Servindo por infra-estruturas difíceis, sem haver podido contar com incentivos que facultem ligações de mercado com as zonas mais industrializadas do distrito de Aveiro e de Coimbra, Viseu só por milagre poderia ter resolvido o problema da sua industrialização.

O quadro não é animador, seja qual for o aspecto por que se encare. E permitam-me afirmar que ninguém mais do que eu desejaria que o fosse. Sucede, porém, que a premissa essencial de toda a política económica válida é não nos iludirmos a nós próprios ignorando deliberadamente as realidades. O que nos cumpre, sim, é diagnosticar rigorosa e desapaixonadamente a situação e empenharmos depois, apaixonadamente, todo o nosso esforço em a resolver e melhorar.

Por isso e para isso, minhas senhoras e meus senhores, se instala em Viseu o Banco de Fomento Nacional. Esperemos que em boa hora e com resultados francamente positivos para a economia do distrito e, portanto, para a economia nacional.»

Por fim, foi servido um «cocktail» aos convidados, no Hotel Grão-Vasco.

Vice-presidente da Câmara de Loures

O vice-presidente da Câmara Municipal de Loures, José Manuel Pachéco de Miranda César dos Santos, tomou posse do seu cargo, hoje de manhã, no Governo Civil de Lisboa, perante o dr. Afonso Marchueta, em acto que se revestiu de carácter íntimo.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tels. 555134/5

I FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO

Às 21.30 — Antestreia do filme de JOAQUIM P. DE ANDRADE

MACUNAÍMA

Às 15.15 — O filme do Instituto Nacional do Cinema PANORAMA DO CINEMA BRASILEIRO — (M. 12 anos)

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 21.45—Antestreia do filme de NELSON PEREIRA DOS SANTOS

FOME DE AMOR

Às 15.30 e 18.30 — O filme de WALTER HUGO KHOURI AS AMOROSAS — (Adultos)

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710

Às 14.15 16.30. 18.45 e 21.45

2.ª SEMANA TRIUNFAL

TRAIÇÃO INVEROSIMIL

com Brunilde Judice, Ligia Teles, Carmen Mendes, Mario Pereira

Realização de Augusto Fraga

VOX

(Adultos) Tel. 720808

Às 18 30 e 21 45 h

3.ª SEMANA TRIUNFAL!

A mais recente e excitante realização de André Capote!

OS CAMINHOS DE KATMANDOU

Grande desempenho de Pascale Audret, Serge Fainsbourg e Elsa Martinelli

(Technicolor)

Junto à Av. de Roma

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

BORSALINO

com Jean-Paul Belmondo e Alain Delon

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795293

Às 21 h.

MALES DE ÁFRICA

MISSÃO TEMPESTADE

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Gregory Peck — Tuesday Weld em

ENTRE A HONRA E O AMOR

Ele casado—45 anos! Ela bonita — 20 anos

Um filme de John Frankenheimer

Panavision — Color

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

Às 15.45 e 21.45

Gregory Peck — Tuesday Weld em

ENTRE A HONRA E O AMOR

Ele casado — 45 anos! Ela, bonita — 20 anos

Um filme de John Frankenheimer

Panavision — Color

BERNA

(Adultos) Tel. 776098

Às 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA DE ÊXITO!

Joanna Shimkus, Katina Paxinou e Bernard Fresson no admirável filme colorido de Robert Enrico

ZITA

A aventura de uma jovem que procura esquecer, de qualquer maneira, a morte de uma tia querida

A Av. Marquês de Tomar

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Uma americana rica... Uma italiana bonita... Um homem sem escrupulos... Uma aventura a três!

O CEGO DESEJO

com Carrol Baker — Lou Castel — Colette Lesrombes

Eastmancolor — Techniscope

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45

Nino Manfredi, Jason Robards, Peter Falk e Martin Landau num filme onde a guerra é mero pretexto de constante diversão!

UM TIRO PELA CULATRA

Technicolor-Techniscope)

Um filme de Monni Lop

METRO: Estação Picoas

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15 e às 21.30

3.ª SEMANA

PATTON

com George C. Scott e Karl Malden

Em 70 m/m

QUINZENA NOVOS REALIZADORES INGLESES

Amanhã — Adultos — 18.45 h. A RAPARIGA DO AUTO-STOP de Peter Hall, com Rod Steiger e Claire Bloom

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632

5.ª SEMANA

Às 15.30, 18.30 e 21.45 h.

Um filme de Claude Sautet

COISAS DA VIDA

Eastmancolor

Premio Louis Delluc

com Michel Piccoli, Romy Schneider e Lea Massari

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037

ÀS 21 H

CANTINFLAS

SUA EXCELÊNCIA

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

A 15.30 e 21.45

...Na violência do drama estava em causa

A HONRA DA FAMILIA

com JEAN GABIN

Eastmancolor

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593

Às 21.30 h.

NOITE DE TEATRO

com a extraordinária peça de Arthur Miller

O PREÇO

Interpretação de José Gamboa, Jacinto Ramos, Tomás de Macedo e Glória Matos

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779895

Às 15.30 18.30 e 21.45

12.ª SEMANA

Um filme romantico!

O SILENCIO DO AMOR

com Marie Dubois e Matthieu Carriere

EASTMANCOLOR

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54193

Hoje, ás 15.15, 18.15 e 21.30

Um filme fora de série em 4.ª SEMANA de invulgar êxito

O PATIFE

com Jean-Louis Trintignant

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

O plano dele resultou em cheio. Conseguiu ser condenado por assassinio! Porquê?

GEORGES KENNEDY e ELI WALLACH em

FALSA TESTEMUNHA

Seja tambem testemunha!

Colorido

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 264821

Às 17 e 21.30

HELLO, DOLLY!

com Barbra Streisand, Walter Matthau, Michaell Grawford e Louis Armstrong

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 426305

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30

SÓ HOJE AMANHÃ: ÚLTIMAS DO ÊXITO DE GARGALHADA COM LESLIE PHILIPS em

A GRANDE VIGARICE

A historia de um «Amigo da onça...»

(TECHNICOLOR)

ROMA

(Adultos) Tel. 72778

Às 15.30 e 21.45

...Na violência do drama estava em causa

A HONRA DA FAMILIA

com JEAN GABIN

Eastmancolor

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

O PASSAGEIRO DA CHUVA

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

Às 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30

3.ª SEMANA SENSACIONAL com SARA MONTIEL no seu mais extraordinário e apaixonante filme de sempre

ESSA MULHER

Emocionante odisseia de uma jovem a quem o destino nega o direito de ser feliz

GRANDIOSA REALIZAÇÃO ADMIRAVEIS CANÇÕES

EASTMANCOLOR

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45923

Às 21 h.

OS SEIS INVENCÍVEIS

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917

Às 21 horas

O FALHADO

ONDE ESTÁ O OSCAR?

outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da Queda» (17 anos).

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A cozinha» (17 anos).

VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).

A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Frangas na grelha» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Um dólar nos dentes» (12 anos).

JARDIM — Às 21: «Leão no Inferno» (12 anos).

PARIS — Às 21: «Cicio perdoa... eu não» (12 anos).

CINEARTE — Às 21: «A furia do Cangaceiro» (17 anos).

MOSCAVIDE—Às 21: «Selva, mulheres e macacos» (17 anos).

IDEAL — Às 21: «Amor sem barreiras» (17 anos)

UNIVERSAL — Às 21: «Marido velho... mulher nova» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Aeroporto» (17 anos).

PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Ana Karenina» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Hello, Dolly» (12 anos) * PALÁCIO — Às 21 e 30: «O grande ajuste de contas» (17 anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Favor muito especial» e «A vida de uma mulher» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Pimenta na Lingua» (Revista Teatral) (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O Santo e a Vendetta» (12 anos).

BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Balada para um homem só» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO—Às 21 e 30: «O meu tio Benjamim» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O amor no Pacifico» (17 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15: «Um caso perdido» e «A carga dos rebeldes» (17 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Terror no Colégio» (17 anos).

● PORTO

TEATROS

SÃO JOÃO — Às 21 e 45: «As Invasõezinhas» (17 anos).

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «...E o Zé faz tudo!» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos).

AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Cinco para o inferno» (17 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O Sós ... (14 anos).

JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Isadora» (17 anos).

BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos).

TRINDADE — Às 21 e 30: «O Patrão» (17 anos)

ESTUDIO — Às 21 e 30: «Coisas da Vida» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — Às 21: «O Filho de Shane» e «Cavalgada Selvagem» (12 anos).

OLIMPIA—Às 21 e 30: «A Mãe» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O ultimo adeus» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Contestação geral» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Joe... procura um sítio para morrer» (17 anos)

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O Executor» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (telefone 637318)

ALCANTARA — Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel 638589) * Infante Santo, Rua do Olival, 290 (tel 661003)

ALFAMA — Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360)

ALTO DO PINA — Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (tel 849121)

ALVALADE — Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel 765262) * Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel 712682) * Belo, Avenida de Roma, 53-A (tel 776314) * Estados Unidos, Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (tel 725859)

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (às Galinheiras) (telefone 790969)

ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32 (tel 845513)

AREEIRO — Central, Av Roma, 4 (tel 720820)

ARROIOS — Brasil, Rua Alves Torgo, 29-3 (telefone 46848)

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 288-A (à Feira Popular) (tel. 763016) * Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da Republica) (t 772291) * Saldanha, Av Praia da Vitória, 53 (tel 43938)

BAIRRO ALTO — Durão, Rua Garrett, 90 (telefone 324166)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (tel 311216)

BAIXA — Frazão, Rua das Portas de Santo Antão 72 (tel 328180)

BENFICA—Marques, Estrada de Benfica, 648 (telefone 700096) * Vilex, Estrada de Benfica, 373-B (tel 780548) * S. João, Estrada da Luz, 24-A (tel 783179)

CAMINHOS DE FERRO — Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel 840125).

CAMPOLIDE — Imperial, Rua General Taborda, 28 (tel 680931) * Rualto, Alto de Carvalhão, 5-B (t 651721)

CAMPO DE OURIQUE—Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (tel 66606) * Almeida, R Silva Carvalho, 36 (tel 681726)

CHARNECA DO LUMIAR — S Bartolomeu, Vila Paulo Jorge (t. 790969)

CHIADO — Durão, Rua Garrett 92 (tel 324166)

CONDE REDONDO — Branco, Avenida Duque de Loulé, 6 (tel 45048)

ESTRELA — Gama, Calçada da Estrela, 30 (tel. 660339)

GRAÇA — Monte (do), Rua Senhora do Monte, 30-A/B (tel 867842) * Progressiva, Rua de Santa Marinha, 8 (tel 863619)

GRILO — Griló, Rua do Grilo 25

LUMIAR —Patuleia, R do Lumiar 122 (telefone 790332)

MADRAGOA — Lys, R. da Esperança, 17 (telefone 660913)

OLIVAIS — Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela ote 300 (Olivais Sul) (tel 311091) * Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas 1-C (Olivais Norte) (tel 315539)

PEDROUÇOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-C (tel 61074)

PENHA DE FRANÇA—Dimar, R Conde de Monsaraz 7-B (tel 842533)

PICHELEIRA — Merluz, Calçada do Picheleira, 40-B (t 720703-728391)

RESTELO — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira, 1-C (tel 61074)

SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (tel 637070).

S. MAMEDE — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (tel 325455)

S. PAULO — Ultramarina, R de S Paulo, 99-101 (tel 32771)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA —Sirius, Rua Fradinho de Almeida, 38-A (tel 44000)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto, 186 (Tel 2432024).

OEIRAS — Godinho — R Candido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)

PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785).

ESTORIL — S. João, S João do Estoril, (telefone 26 86)

MONTE ESTORIL—Suiça — Cruzeiro (Tel 260087)

CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb G Guerra, 40, (tel 28070) * Nova, Est de Alvide — Fontaínhas, (tel 28 044)

S. PEDRO DO ESTORIL — S Pedro (tel 263023).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel 934589) * Campos — R. Elias Garcia, 85 (Tel 930072) * Clabel — R. António Gordinho, 23-D (Tel 938551).

DAMAIA — Confiança —Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231).

QUELUZ — Zeller, Rua Republica, 83 (Tel 950045) * Correia, L do Mercado, 3 (Tel 950905)

CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (telefone 2940034)

MEM MARTINS — Quimue, Est Mem Martins, 285 (Tel 290012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim. (tel 980456)

SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel. 980157)

COLARES — Colares — Abreia (tel 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)

ALHOS VEDROS, Portugal, Av do Bela Rosa, 8 (Tel 224250)

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224141)

BARREIRO — Moderna — R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (telefone 2273443)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (T 270254).

MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel. 239025).

MONTIJO — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (T 24488).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

● PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520 (Tel 45048 * Azevedo, Rua do Meiral, 503 (Telefone 52344) * Constituição, Rua da Constituição, 93 (Telefone 490813) * Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259 (Tel 25544) * Cruz, Rua Costa Cabral 082 (Tel 40041) * Guerem, Rua Pedro Hispano 367 (Tel 62250) * Herculano, Rua Alexandre Herculano, 384 (Telefone 27943) * Liga Ass. Soc Mútuos, Rua do Bonjardim, 286 (Tel 21711) * Magalhães, Rua de Serralves, 566 (Tel 6356) * Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 48 (Telefone 490889) * Ribeiro Júnior, Suc.ª, Rua da Firmeza, 99-A (Tel 23849) * Sampaio Rua de Cedofeita 636 (Tel 21782) * Sanil Rua do Paraíso, 214 (Tel 23935 * Vitália, P da Liberdade, 34-37 (Tel 24133 * Gonderém, Rua de Gonderém, 360 (Foz)

● COIMBRA

São Sebastião—Rua Antonio Jardim (tel. 28802) * Silcar — Rua Ferreira Borges (tel 22923) * Palva — Praça do Comércio (tel. 23231)

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Portugal e a C. E. E. voltam a ter conversações no dia 29

(Continuação da 1.ª página)

tuguesas com a Comissão Interministerial da Cooperação Económica Externa, na véspera de novo «round» das conversações exploratórias Portugal-Comunidades Económicas Europeias, marcado para os próximos dias 29 e 30, em Bruxelas.

Numa conversa informal, que, esta manhã, manteve com jornalistas, o embaixador Ruy Teixeira Guerra, presidente da já referida comissão interministerial, salientou que as perspectivas actuais dos movimentos da cooperação económica europeia são objecto de sérias preocupações, tanto para a Administração, como para o sector privado. Daí que se imponha um diálogo constante, um trabalho em conjunto, sem perdas de tempo em discussões estéreis e sem que se caia nas «nostalgias estéreis» a que somos atreitos.

Do mesmo modo, não se deverá ceder á tentação de acreditar demasiado em construções teóricas que o calmo exame das circunstâncias logo revela inviáveis — frizase nos círculos governamentais referidos.

Como se sabe, Portugal apresentou-se, em Bruxelas, no dia 24 de Novembro último, apresentando ás Comunidades Económicas Europeias a justificação do pedido de abertura de negociações com o Euromercado. Em princípios de Janeiro, o Governo português voltou a ter conversações exploratórias com as Comunidades, o que acontecerá, de novo, nos próximos dias 29 e 30, através de uma delegação presidida pelo embaixador Teixeira Guerra.

A delegação não esconde, entretanto, as suas preocupações pelo facto de a fragilidade da nossa economia exigir ainda tratamento especial, mas espera que, no decorrer das negociações de Bruxelas, os seus argumentos sejam tão escutados como o foram em Saltsjöbaden e Estocolmo, ao negociar-se a constituição da E. F. T. A.

É ao aproximar-se a fase da negociação efectiva com os «Seis» que o Governo português procura a colaboração entre os sectores públicos e o sector privado. Recorda-se que foi o ano passado que ganharam novo alento os esforços no sentido de se encontrarem fórmulas satisfatórias para assegurar uma colaboração económica eficaz entre os países europeus. Mas, enquanto alguns dos países membros da E. F. T. A. estão já preparados para aderir ás Comunidades, Portugal está entre aqueles que pretendem que a sua participação na obra de construção europeia seja definida em arranjos que não percam de vista as razões de ordem política ou económica, que os colbem de aceitar integralmente os estatutos das instituições criadas pelo Tratado de Roma.

Oportunamente, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Ruy Patrício, dará uma conferência de Imprensa sobre o assunto.

A CHEIA DO MONDEGO

Segundo uma comunicação oficial, por motivo de cheia do rio Mondego está interrompido o trânsito na E. N. 347, entre Montemor-o-Velho e o apeadeiro de Alfarelos. Não havendo neste momento outro trajecto que o substitua, devem ser utilizados os acessos por Coimbra ou pela Figueira da Foz.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 7°; mínima: Penhas da Saúde, —5°.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco a moderado de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 6°; Penhas Douradas, 0°; Coimbra, 5°; Portalegre 5°; Lisboa, 10°; Faro, 0° e Funchal 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 12°; na água do mar: 13°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado de Nordeste; acentuado arrefecimento nocturno; formação de geado nas terras abrigadas do interior; condições favoráveis á formação de nevoeiro ou neblina matinal.

Amanhã
Nascer ás 7 e 36
Ocaso ás 19 e 51

Dia 26 — Dia 2 — Dia 10 — Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 1 e 30 (3,6 m); 14 e 06 (3,6 m); **Dia 25** — 3 e 03 (4,2 m); 15 e 36 (4,1 m). **Dia 26** — 3 e 52 (4,4 m); 16 e 20 (4,3 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e 12 (1,2 m); 21 e 30 (1,2 m); **Dia 25** — 9 e 35 (0,7 m); 22 e 55 (0,7 m). **Dia 26** — 9 e 18 (0,5 m); 21 e 36 (0,6 m).

ZONA DE LIVRE TROCA ENTRE PORTUGAL E A ESPANHA PROPOSTA POR LOPEZ RODÓ

MADRID, 23 — (F. P.) — «O interesse mutuo numa Zona de Livre Troca na Peninsula reside menos no equilíbrio da balança comercial do que no intercambio», disse o ministro espanhol do Plano, Laureano Lopez Rodó, ao abordar claramente, neste estreitamento dos laços económicos entre Portugal e Espanha, o problema mais sério: a deficitária balança comercial portuguesa.

Foi perante cerca de trezentos homens de negócios portugueses e espanhois e com a presença do embaixador de Portugal em Madrid, que o ministro espanhol do Plano, afirmou ser necessário «criar uma zona livre de comércio peninsular». O ministro assinalou que os simples intercambios bilaterais entre a Espanha e Portugal não chegam, tornando-se necessário institucionalizá-los de acordo com os tempos que correm.

Lopez Rodó, em quem muitos vêem o «homem forte» do actual gabinete «tecnocrata» que governa a Espanha desde 1969, insistiu, assim, na sua ideia de uma aproximação económica intensa entre Portugal e a Espanha. Essa ideia já havia sido expressa na altura da visita a Madrid do professor Marcello Caetano, em Maio de 1970.

A pergunta que se faz é: que produtos podem servir ao intercambio? A Espanha tem uma pujante industria de bens de equipamento que, em determinados sectores, pode competir, inclusive, com os países tecnológicamente mais avançados. Essa industria necessita de mercados exteriores e Portugal, em plena fase de equipamento, poderá vir a ser um óptimo cliente.

Quanto aos produtos portugueses que interessam aos comerciantes e industriais espanhois, a respectiva lista divulgada pelo presidente da nova Camara de Comércio, Inigo de Oriol, menciona: os cafés portugueses de Angola, São Tomé e Cabo Verde, os diamantes para a industria e o petróleo de Angola.

Lopez Rodó não pôs qualquer duvida quanto á conveniência para os dois países em estreitar os laços económicos. Tomou para exemplo o «desenvolvimento paralelo» realizado pelos seis países do Mercado Comum e afirmou que o estabelecimento da referida zona de comércio com a Espanha apresentaria para Portugal menos riscos do que os que implicou o ingresso na E. F. T. A.

MORAVIA EM CINEMA

PARIS, 23 — (A. N. I.) — O acter Raymond Gerome, que continua a actuar no Ginásio interpretando «O contrato» vai regressar a Lyon no próximo Verão. Objectivo: ser um dos principais intérpretes da película «Out», que o realizador Dominique Antoine extraiu do romance de Alberto Moravia «A atenção».

NOTA DA D. G. S. SOBRE O CASO DE TANCOS

Foi tornada pública a seguinte nota da Direcção-Geral de Segurança:

«Por grave suspeita de ter destruido e danificado aeronaves da Base Aérea de Tancos, no dia 8 do corrente, é procurado por todas as autoridades do País Ângelo Manuel Rodrigues

de Sousa, nascido a 18 de Agosto de 1948, cuja ultima morada conhecida foi em Espinho, e de que se publicam duas fotografias recentes.

Prestava serviço naquela Unidade, como cabo-piloto miliciano, mas usa várias identidades e intitula-se, falsamente, oficial da Força Aérea regressado do Ultramar.

Qualquer indicação útil que possa conduzir á captura deste individuo deve ser feita ás autoridades civis ou militares, ou comunicada á Direcção-Geral de Segurança.»

A Plastilar inaugurou em Almada mais uma loja

ALMADA — A Organização de decoração Plastilar que tinha já duas lojas nesta vila e outras duas na Cova da Piedade, devido á sua constante expansão, inaugurou no passado sábado, na Rua Dr. Oliveira Salazar, 8-A e B, mais um estabelecimento. Trata-se de uma modernissima loja onde o cliente encontra uma exposição permanente dos artigos do seu comércio, dispostos com muito gosto e arte, permitindo assim uma melhor escolha para a decoração do seu lar.

A Plastilar é também distribuidora dos produtos Robbialac e dos modernos revestimentos para paredes May Fair e Crown.

Ao acto inaugural estiveram presentes o seu proprietário sr. Bernardino do Livramento, o sr João Damasceno Covão sócio gerente da Robbialac, e outras individualidades.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PEDIDA EM CUBA UMA DEPURAÇÃO

HAVANA, 23 — (R.) — Herberto Padilla, um dos poetas mais eminentes de Cuba, foi preso, segundo afirmaram a noite passada fontes geralmente fidedignas.

As mesmas fontes não puderam fornecer qualquer razão para a prisão, que ocorreu no sábado, mas que não foi ainda oficialmente anunciada.

Delkis Male, a mulher de Padilla, também poetisa, foi igualmente presa e o seu apartamento em Havana selado pelo Ministério do Interior.

Padilla, de 39 anos, tornou-se a figura central de uma disputa literário-política em Novembro de 1968, após a União dos Escritores e Artistas, organização semi-oficial, o ter galardoado com o seu prémio de Poesia pelo seu poema «Fuera de juego».

Círculos intelectuais cubanos ficaram alarmados acerca de uma possível ameaça á liberdade artística quando «Verde Olivo», órgão das Forças Armadas revolucionárias, atacou Padilla e pediu uma depuração de «contra-revolucionários extravagantes e fracos».

TROPAS CHINESAS NA «PISTA HO CHI MINH»?

TAIPÉ, 23 — (R.) — A agência noticiosa central de Taipé anunciou que se tinham infiltrado no Laos 10 000 soldados da China Popular que lutam secretamente na «Pista Ho Chi Minh».

PERDEU-SE
LETRA COMERCIAL
SELO DE 300$00
ACEITE MAS EM BRANCO
TELEFS. 99 19 14 - 5 81 00

FÉRIAS NA PRAIA
AS EXCURSÕES MAIS ECONÓMICAS PARA AS SUAS FÉRIAS DE VERÃO
Viagens Apolo
(Partidas de Lisboa)
PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 2.980$00
TORREMOLINOS
8 ou 15 dias desde 1.780$00
Vacaciones
(Partidas de Madrid, Barcelona, Valência ou Sevilha)
PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 1.270$00
IBIZA
8 ou 15 dias desde 1.595$00
TORREMOLINOS
8 ou 15 dias desde 1.635$00
CANARIAS
8 ou 15 dias desde 2.365$00
RIMINI
8 ou 15 dias desde 2.365$00
APARTAMENTOS E HOTEIS CLUB
Novo sistema de alojamento para as suas férias em TORREMOLINOS, FUENGIROLA, BENIDORM, PALMA, COSTA BRAVA, CANTABRICO
PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES
RUA ROSA ARAÚJO, 2
TELEFS. 53 69 71
Melia

SEMANA SANTA E FEIRA DE SEVILHA
Extraordinárias excursões
Partidas: 4, 18 e 22 de Abril
desde 1.900$00
CRUZEIRO DA PASCOA
A MADEIRA E LAS PALMAS
De 7 a 12 de Abril
desde 2.800$00
A bordo do modernissimo paquete N/T «FUNCHAL»
Programas e Inscrições:
Wagons-Lits/Cook
Av. da Liberdade, 103 — Telef 361541 e 361521
Av. de Roma, 4 — Telefones. 722639 e 722654
Rua Rodrigo da Fonseca, 86 — Telefone 680632 (Edificio Ritz)
Porto-Coimbra-Estoril
Funchal - Luando - L. Marques

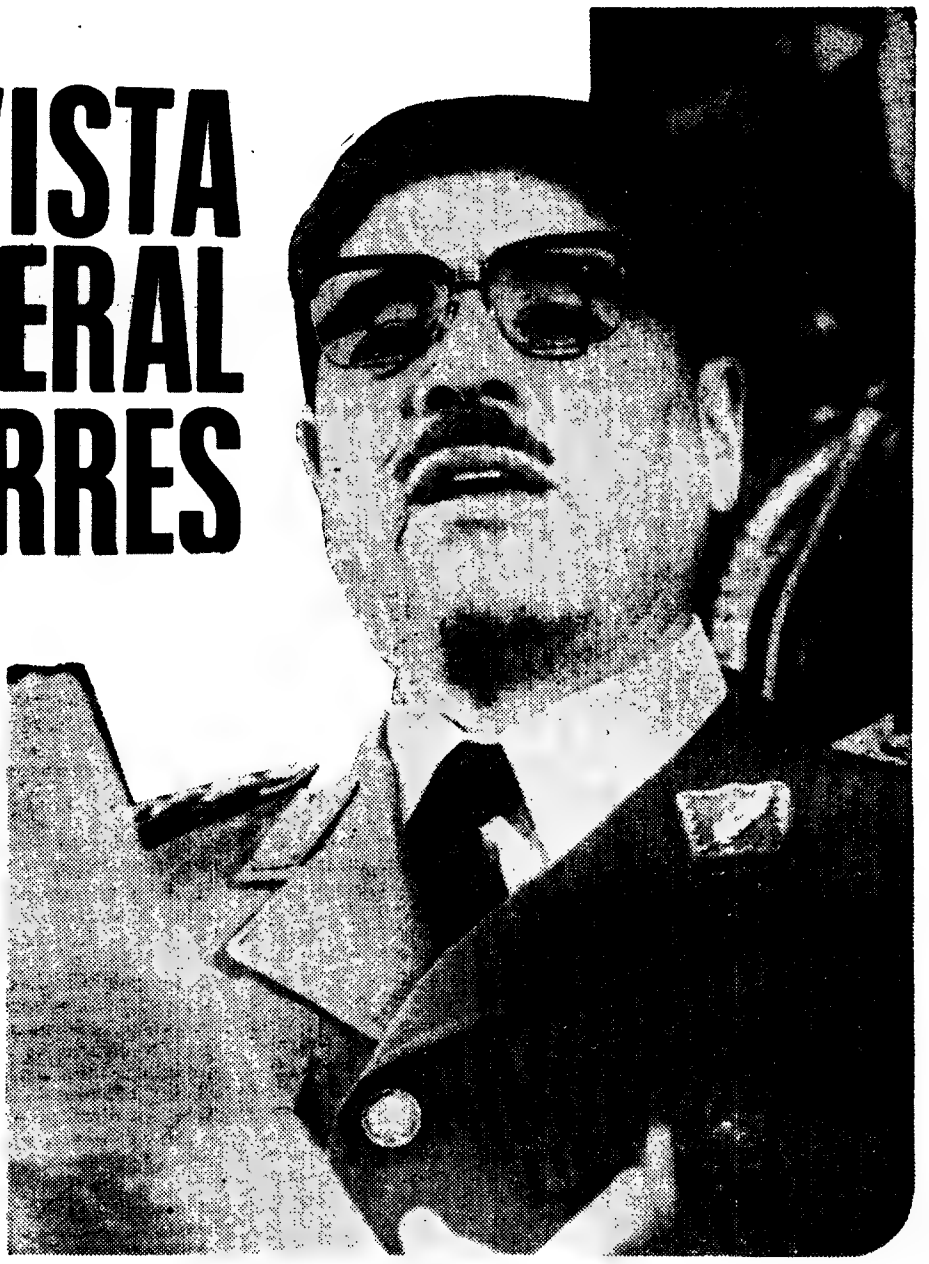
Evite
Dentes Postiços
com folga.
Quando anda, come, ri ou espirra cai-lhe a dentadura, solta-se ou move-se? Não se apoquente ou aborreça com tais incidentes. DENTOFIX um produto para polvilhar as suas placas, mantém a dentadura postiça adjustada com firmeza. Dá confiança e segurança, causando maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Peça hoje DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

LIVROS ESPANHÓIS
A única Livraria dedicada exclusivamente à venda de livros em língua espanhola.
LIVRARIA TORRENS
Rua Antero de Quental, 14-A e 14-B

FÉRIAS NA PRAIA
A «EUROPEIA» tem à sua disposição APARTAMENTOS para famílias de 2 a 10 pessoas para umas férias deliciosas em:
— ALGARVE
— BENIDORM
— FUENGIROLA
— MARBELLA
— PALMA DE MAIORCA
— TORREMOLINOS
mas não demore a sua reserva na
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 23[illegible]
Telef 53 61 21
LISBOA-2

Exclusivo

ENTREVISTA COM O GENERAL JUAN JOSÉ TORRES



— ESTOU TOTALMENTE COMPROMETIDO COM O NACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO

Miguel Urbano Rodrigues estudou de maneira aprofundada a situação na Bolívia, as realidades económico-sociais deste país e as perspectivas do seu futuro. A sua passagem por La Paz permitiu-lhe avistar-se com o actual chefe do Estado boliviano e submeter-lhe uma lista de perguntas. A entrevista que a seguir publicamos foi concedida antes da crise de Janeiro. Entretanto não variaram as linhas mestras do pensamento político do general Juan José Torres aqui esboçadas.

Por MIGUEL URBANO RODRIGUES

MIGUEL URBANO RODRIGUES — Na Bolívia afirma-se existir uma situação política de forma e conteúdo diferentes da anterior. Mas o lançamento da Estratégia Socio-Económica do Desenvolvimento Nacional, concebida e elaborada pelo Governo de Ovando, parece indicar uma concordância perfeita com as linhas mestras da política do seu predecessor. Como se explica essa contradição aparente?

● *GENERAL JUAN JOSÉ TORRES — Não existe uma situação política diferente, mas é claro que estamos num processo de evolução. Isso significa que a tendência do nacionalismo revolucionário é para se aprofundar e poremos nessa tarefa todo o nosso empenho. A Estratégia do Desenvolvimento indica algumas linhas mestras para o futuro. Não é um assunto do passado: é uma planificação para os próximos 20 anos. De modo que não há contradição alguma.*

M. U. R. — Na interpretação sociológica da realidade boliviana V. Ex.ª declarou que o povo espera ver as Forças Armadas assumirem um papel decisivo na batalha contra o subdesenvolvimento. Entretanto, certos economistas e observadores políticos acham difícil conciliar o «contrôle» pelas Forças Armadas do seu teor estatal prioritário — petróleo, energia, siderurgia e minas — sem produzir ou precipitar a radicalização da superstrutura política, fenómeno que V. Ex.ª desejaria evitar.

● *J. J. TORRES — As Forças Armadas já têm um papel decisivo na luta contra o subdesenvolvimento. Constroem estradas, colaboram em projectos agrários, erguem escolas, alfabetizam. Também participam na administração, mas isso não significa que controlem o sector estatal prioritário. De qualquer maneira a fundição de estanho de Vinto é um exemplo da sua participação positiva no desenvolvimento nacional.*

M. U. R. — V. Ex.ª falou em distribuir «pão, liberdade e cultura» para liquidar o tipo de violência que gera a guerrilha urbana e rural. A Estratégia do Desenvolvimento visa a esse objectivo O diagnóstico do plano revela um esforço sério de planificação. Mas as conclusões, para muitos economistas, pecam por optimismo. Como eliminar, então, as motivações que levam os elementos mais estremados da esquerda e da direita a optar pela violência?

● *J. J. TORRES — O problema dos investimentos, rigorosamente estudado, consiste num esforço da ordem dos 35 a 50 milhões de dólares anuais, segundo as formulações da Estratégia. E isso sem abranger os investimentos do minério de ferro do Mutun, previstos para a segunda etapa da Estratégia. Não é um cálculo optimista se considerarmos que nos últimos anos as inversões nacionais alcançaram 150 milhões de dólares, dois terços dos quais, aproximadamente oriundos da poupança interna. Por outro lado dentro da sub-região andina, dinamizaremos a programação industrial, através da qual se pretende eliminar as brechas de desenvolvimento entre o Equador e a Bolívia, e os demais países. Em consequência, os parques industriais da Bolívia, previstos na Estratégia, foram concebidos em fundo de um mercado ampliado e não apenas do mercado interno de 4 milhões de pessoas. Isso abre-nos outra perspectiva.*

REAJUSTAMENTO DE SALÁRIOS

M. U. R — Qual o pensamento que domina a política operária sindical de V. Ex.ª?

● *J. J. TORRES — Estamos dialogando com os trabalhadores para satisfazer as suas reivindicações de modo racional, de maneira que a economia nacional não seja afectado. É o caso do reajustamento de salários que na prática equivaleu a um aumento para os mineiros. Essa primeira experiência serviu-nos para resolver outros casos, em sectores diferentes.*

M. U. R. — É inegável que na Bolívia se respira hoje uma atmosfera de grande liberdade e de confiança no Governo. Mas esboçam-se interrogações de difícil resposta. A ocupação de alguns jornais e a sua cooperativização é típica dos desafios que o Governo de V. Ex.ª enfrenta. Como conservar a confiança das massas que apoiam o Governo sem perder a do sector privado que se diz ameaçado pela violação de certos direitos e garantias constitucionais?

● *J. J. TORRES — O Governo fará respeitar as leis e não permitirá apropriações indébitas. Mas há casos, como o de um jornal, em relação aos quais agem outros*

INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA

«RENOVAÇÃO E REVOLUÇÃO», é o título do artigo de Olivier Guichard, ministro francês da Educação Nacional, que publicamos na página central deste suplemento. «...A renovação não pode ser um mero atamancamento e a verdade é que, no seu termo, a palavra revolução não parecerá exagerada» — **escreve o ministro na sua ampla análise ao problema pedagógico em França.**

WASHINGTON ENDURECE A SUA ATITUDE PARA COM O GOVERNO CHILENO

WASHINGTON &

Por JACQUES AMALRIC

Numa altura em que os Estados Unidos endurecem a sua atitude para com o Governo chileno de Salvador Allende, este último lembrou, recentemente, em Valparaíso, que gostaria de «normalizar as suas relações com Washington». O presidente chileno, no entanto, não deixou de frisar que os interesses dos países membros da O. E. A. não coincidem, necessàriamente, com os dos Estados Unidos. Por seu lado, o Governo soviético, cujo «auxílio técnico» é pretendido por Santiago, fez saber que considerava «prematura a nomeação dum embaixador chileno membro do Partido Comunista, na U. R. S. S. É um independente, Guillermo de Pedregal, que será designado para aquele posto. Entretanto, segundo informações provenientes de Santiago do Chile, no passado dia 17, o Governo de Allende assumiu a direcção das operações das gigantescas minas de cobre de Chuquimata e de El Salvador, que eram pertença do Estado e da companhia americana «Anaconda Company».

SALVADOR ALLENDE

Estarão os Estados Unidos decididos a endurecer a sua atitude para com o Governo chileno de Salvador Allende? A pergunta é pertinente. De há uns meses para cá, com efeito, há diversos incidentes a patentear, com toda a clareza, a recusa da Administração Nixon em fazer qualquer gesto susceptível de evitar a tensão reinante entre Washington e Santiago.

O incidente mais revelador, e que constituiu quase uma afronta para Salvador Allende, ocorreu há umas semanas. Tendo sabido que o porta-aviões «Entreprise», após uma visita de amizade ao Rio de Janeiro, acabara de dobrar o Cabo Horn, rumo á Califórnia, o presidente chileno decidiu convidar a unidade americana a escalar o porto de Valparaíso. Dois dias depois, o Pentágono dava a sua resposta: negativa. Oficialmente, o programa do navio estava tão sobrecarregado que não podia permanecer trinta e seis horas no Chile. Os dirigentes americanos, porém, reconhecem que são outras as verdadeiras causas da recusa: o Governo chileno é tido em Washington como hostil, e nenhuma razão existe para mandar uma unidade naval a Valparaíso, em visita de amizade. Esta tese teria sido defendida pelo Departamento de Estado, após a recepção do convite de Salvador Allende, e teria merecido o imediato apoio da Casa Branca.

CHAMADA DO EMBAIXADOR EDWARD KORRY

Edward Korry, embaixador dos Estados Unidos no Chile, também teria, por seu lado, insistido junto do Governo americano, para que recusasse o convite. Esta atitude não melhorou as relações entre Salvador Allende e o representante americano no seu país. A seguir á posição assumida pelo embaixador durante a campanha eleitoral para a Presidência, posição essa decididamente hostil ao candidato que veio a ser eleito, as relações entre o Chefe do Estado chileno e a Embaixada americana não deixaram de se deteriorar. Salvador Allende teria feito saber a Washington, por diversas vezes, que achava desejável a substituição de Korry, para se evitar qualquer mal-entendido nas relações americano-chilenas. Até agora, Washington não deu qualquer seguimento áquele pedido.

Outro incidente: uma importante delegação económica chilena, dirigida por Pedro Bravo, ministro da Economia, esteve, recentemente, em Washington, para informar o «Comité Interamericano para o Progresso» (CIAP) do programa económico do Governo de Santiago. Pedro Bravo fez saber, discretamente, que estava pronto a encontrar-se com os dirigentes americanos, para lhes expôr os projectos do seu Governo, em especial o que respeita á nacionalização das empresas mineiras americanas. Mas nenhum dirigente ianque se dignou recebê-lo.

Na sua última mensagem «sobre a situação do Mundo», Nixon denunciava, por outro lado, o restabelecimento, pelo Chile, de relações diplomáticas com Cuba. Tratava-se, afirmou ele, «de um desafio ao sistema interamericano, contrário á política comum da Organização dos Estados Americanos». «Não procuramos o confronto com qualquer Governo — acrescentou o presidente — mas aqueles que manifestam uma constante hostilidade para connosco não podem esperar o nosso auxílio. E aqueles que violam os princípios do movimento interamericano, intervindo nos assuntos dos seus vizinhos, ou favorecendo a intervenção de potências estranhas ao nosso hemisfério, não podem esperar colher os benefícios da cooperação interamericana.»

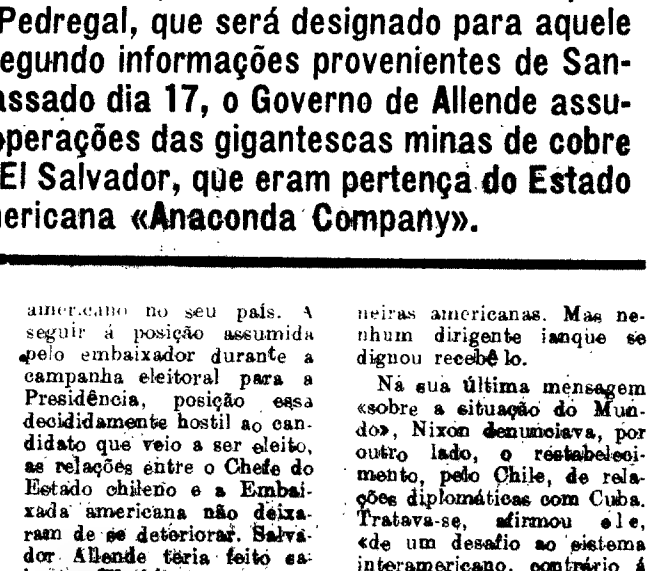
UMA ADVERTÊNCIA AOS OUTROS PAÍSES

Embora esta última frase vise, explicitamente, Cuba, não deixa, também, de constituir uma advertência ao Chile, que violou «os princípios do sistema interamericano».

A advertência lançada ao Chile não se dirigia apenas a ele, acrescenta-se nos meios ligados á O. E. A. Visava, também, certos regimes nacionalistas da América Latina, como a Bolívia ou o Peru, que manifestaram a vontade de restabelecer relações diplomáticas com Havana. Ao dedicar a este problema uma passagem bastante dura da sua mensagem sobre «a situação do Mundo», Nixon teria querido cortar rente tais veleidades. E tê-lo-ia conseguido, em parte. O Peru, em especial, que ainda há uns meses falava em normalizar as suas relações com Cuba, teria prometido não levantar o problema na próxima reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da O. E. A., marcada para Abril. A reunião deverá ter lugar na Costa Rica e o secretário de Estado, William Rogers, deve tomar parte nela. Será a sua primeira viagem á América Latina. Desconhece-se ainda se visitará outros países. Até lá, talvez seja possível ver-se mais claro nesta questão das relações americano-chilenas.

Afirma-se, em Washington, que o «teste» essencial para o futuro daquelas relações será constituído pelas companhias cupríferas americanas. É provável. No entanto, e embora o Governo chileno nunca tenha explicado quais serão as modalidades de indemnização a pagar áquelas empresas, Washington parece considerá-las já inaceitáveis, que só há a esperar uma grave crise.

São de um colaborador muito chegado de Nixon estas declarações, recolhidas recentemente: «Acho que, em certa medida, é inevitável uma crise. Mantenho que Allende abrirá as portas a um regime marxista. Ele sempre foi um marxista. Há vinte e quatro anos que se bate pelas suas ideias. Não acredito que as vá abandonar, agora que alcançou o poder. Ao contrário dos liberais que nos aconselham moderação, eu tomo-o muito a sério. Mas nada faremos para lhe oferecer desculpas.»



GENERAL JUAN JOSÉ TORRES

factores, como as dívidas ao Estado por encargos sociais e impostos, além das disputas entre os accionistas, entre os quais figuram os próprios empregados. Mas se algum jornal for cooperatizado na Bolívia, pode ficar seguro de que não se tratará de uma usurpação.

M. U. R. — No exterior estranha-se que tendo V. Ex.ª criticado a luta armada como caminho da Revolução boliviana, exista hoje na Bolívia uma corrente que pode publicamente homenagear o comandante Che Guevara, responsabilizando as Forças Armadas pelo seu assassínio?

● *J. J. TORRES — Na Bolivia existe ampla liberdade de expressão e creio que os grupos favoráveis ao «foquismo» não são representativos. Em toda a parte ocorrem tais homenagens.*

M. U. R. — Admite V. Ex.ª a hipótese de uma intervenção militar directa ou indirecta, na Bolívia?

● *J. J. TORRES — Não há possibilidade admissível de intervenção na Bolivia.*

PARTICIPAÇÃO DAS MASSAS

M. U. R. — Existe a possibilidade de um eixo La Paz-Santiago-Lima?

● *J. J. TORRES — As afinidades entre povos com Governos revolucionários facilitarão, sem dúvida, as relações entre os respectivos Estados.*

M. U. R. — Em que medida poderá alterar-se a política boliviana em relação aos Estados Unidos e aos países do bloco socialista?

● *J. J. TORRES — A Bolivia mantém agora uma posição que tende ao equilíbrio entre os dois blocos. Somos bons amigos de Washington e isso, está provado, não é obstáculo a que tenhamos outros bons amigos em outras partes do mundo particularmente no Leste da Europa.*

M. U. R. — Fala-se no eventual restabelecimento de relações diplomáticas com Cuba. Têm procedência esses rumores?

● *J. J. TORRES—São rumores, nada mais.*

M. U. R. — V. Ex.ª aludiu a uma sociedade que dê a todos iguais oportunidades de trabalho e remuneração e uma participação responsável «na formação da estrutura do Poder». Essas palavras envolvem uma opção ideológica, que seria a da Revolução boliviana. Poderia V. Ex.ª defini-la?

● *J. J. TORRES — Existe uma opção ideológica, que é a do nacionalismo revolucionário, com o qual estou totalmente comprometido. Tem antigas raízes, tanto no plano civil como no militar. Buscamos, antes de tudo, promover a participação das massas na vida nacional. Também proclamamos a defesa de nossos recursos naturais, que devem ser explorados preferencialmente pelo Estado. Não nos opomos aos investimentos estrangeiros, mas nossa indústria básica nascente, em especial a metalúrgica, será também estatal.*

Exclusivo

Um jornalista português — Miguel Urbano Rodrigues — entrevistou em La Paz o general Juan José Torres, chefe do Estado da Bolívia. Esta entrevista representa um documento importante para melhor se conhecerem a personalidade e as intenções de uma das mais discutidas figuras da política internacional da actualidade.

Allende e o Chile, o Chile e Allende, continuam na primeira linha de interesse da política internacional «Washington endurece a sua atitude para com o governo chileno», é o título do artigo de Jacques Amalric que publicamos neste suplemento. Nele se lembra também a declaração de Allende, de que gostaria de «normalizar as suas relações com Washington». E fala-se na posição da União Soviética e de outros países em relação ao Chile de hoje (pág. 2).

William Rogers recusou-se a receber uma delegação da oposição espanhola. Esta atitude causou desgosto e preocupação aos intelectuais que se opõem ao regime de Franco, mas também apreensões ao Governo dos E. U., pois nunca se sabe o que será o futuro (pág. 3).

Gierek procura elevar o nível de vida do povo polaco e acaba de ser anunciado que a Polónia vai construir um automóvel popular, que custará o equivalente a dez meses de salário de um mineiro e de quatro meses de um director. A produção só começará, provàvelmente, dentro de quatro ou cinco anos (pág. 4).

O Senador Edward Kennedy denuncia a mistificação: milhões de dólares atribuídos a assistência a refugiados são, na verdade, gastos pela C.I.A. (página 4).

Grande redução de preços em certos artigos de consumo foi anunciada na União Soviética. Mas há quem considere tratar-se de uma gigantesca «campanha de saldos» (página 5).

Bonn faz concessões? No artigo de Joe Alex Morris que publicamos neste suplemento revela-se, em relação á R.D.A., «uma maior flexibilidade por parte de Bonn do que aquela até agora demonstrada» (pág. 8).

A 1 ano das eleições primárias nos E. U. A. a luta Humphrey-Lindsay pela nomeação do Partido Democrático concita já as atenções. Do que se passa nos bastidores fala-nos David Broder no artigo «O Segredo dos Candidatos» (pág. 9).

A luta contra o tráfico de estupefacientes acaba de ser objecto de um acordo franco-americano. Do modo como se pretende levantar a barreira fala-nos o artigo que publicamos na pág. 10.

«O Governo do Brasil está pensando a sério na Industria do Turismo», conta Chiança de Garcia, no seu estilo saboroso, na página 11.

Doentes, neuróticos, há muitas terapeuticas, também. Mas uma terapeutica pela dança é capaz de ser mais agradável e mais eficaz (pág. 12).

EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

DIÁRIO DE LISBOA, 23 DE MARÇO DE 1971

COPYRIGHTS DE «LE MONDE» «WASHINGTON POST» «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»

OPOSIÇÃO ESPANHOLA:

UM ÓBICE ÀS RELAÇÕES MADRID-WASHINGTON

MADRID

Por DON COOK

«Demasiadamente no interesse do regime de Franco»

O PROBLEMA mais delicado das relações hispano-americanas não é o das relações oficiais entre Governos, mas sim o suscitado pelas relações entre o Governo americano e a oposição espanhola.

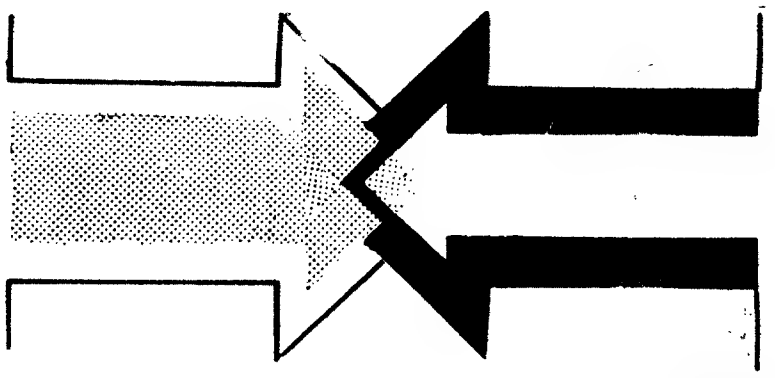
Trata-se, com efeito, de um dos problemas mais melindrosos com que depara a Embaixada americana em Madrid, desde que o secretário de Estado, William Rogers, se recusou a receber uma delegação da oposição espanhola, no decurso de uma breve escala de 24 horas em Madrid, em Maio do ano passado. Este problema preocupa igualmente, os intelectuais, os escritores e os futuros «leaders» espanhóis.

É evidente que a principal razão de ser da Embaixada americana em Madrid consiste nas relações com o Governo espanhol do general Franco, e o interesse dos Estados Unidos reside num regime estável e numa evolução dentro da ordem.

Dado que a oposição é técnicamente ilegal e as associações políticas fora da Falange, são proibidas, as relações que os diplomatas americanos ou outros tenham com os membros da oposição são suspeitos aos olhos do regime.

Todavia, se as forças em crescimento da oposição não foram canalizadas de maneira construtiva, as perspectivas de evolução democrática parecem reduzidas e apenas nos é lícito encarar o futuro com grande preocupação.

Neste ultimo país, dado que a oposição se encontra totalmente desorganizada (com excepção dos comunistas, os quais possuem, possivelmente, 3000 membros e representantes bem dissimulados no meio operário), ela não constitui um factor político susceptivel de ser tomado em consideração. O Exército, a Falange, a Policia e a «Opus Dei», que dominam hoje em dia o Governo espanhol — e até a própria Igreja — são muito mais poderosos, politicamente do que o punhado de intelectuais espanhóis que se declaram abertamente da oposição.



ROGERS: «não» á oposição espanhola

COMPLICAÇÕES

Todavia, se a sua importancia não é muito grande hoje em dia, nada permite afirmar que a situação não se altere no futuro. A voz dos que se pronunciam a favor de uma evolução e de reformas faz-se ouvir cada vez com mais veemência em Espanha, e se a oposição não se encontra organizada e é ilegal, ela corresponde cada vez mais, a uma atitude natural de todos aqueles que pensam neste país. Poder-se-ia quase dizer que a actual fraqueza da oposição espanhola mostra o que será a sua força no futuro.

Durante os ultimos dez anos, a Espanha fez consideráveis progressos no sector económico, bem como nas suas relações com a Europa Ocidental e o resto do mundo. Uma evolução política é, a partir de agora, tão natural como a sucessão do dia e da noite.

Não é, evidentemente, fácil para os diplomatas da Embaixada americana de Madrid adoptarem uma atitude simultaneamente prudente e eficaz relativamente ao Governo de Franco e á oposição espanhola, sem que surjam complicações.

«ESTILO»

Interrogado ácerca da posição americana, um escritor espanhol que assinou uma moção de protesto dirigida ao secretário de Estado americano, William Rogers, respondeu nos seguintes termos:

«Creio tratar-se simultaneamente de um problema de forma e de essência. Sei, tal como acontece com muitos dos meus amigos, que a vossa Embaixada se encontra acreditada junto do Governo do general Franco e que não existe neste país para fomentar complicações. Mas temos a impressão de que a vossa Embaixada actua demasiadamente no interesse do regime de Franco, em vez de pensar nos interesses do povo espanhol no seu conjunto, e de que é um sustentáculo do regime. Antigamente, éramos recebidos na vossa Embaixada e ouviam o que tínhamos para dizer, mesmo que não esperássemos ser encorajados. Mas tínhamos a impressão de que os Estados Unidos tinham consciência da nossa existência e do que se passava, não se limitando ás suas relações oficiais com o Governo. Mas isso já não acontece hoje em dia».

Não é verdade, evidentemente, que a Embaixada dos Estados Unidos não tem contactos com a oposição em Espanha. Se isso acontecesse, seria uma prova da maior incompetência. Mas trata-se de uma questão de «estilo». A Embaixada criou na oposição um estado de espírito amargamente antiamericano, e incidentes como a recusa do secretário de Estado em receber uma delegação da oposição, quando da negociação do tratado sobre as bases americanas em Espanha, sem mesmo a fazer receber por um dos seus colaboradores, não são de molde a alterar este estado de espírito.

EDWARD KENNEDY:

WASHINGTON

A C.I.A. OPERA A COBERTO DA A.I.D.

A AGÊNCIA para o Desenvolvimento Internacional (A. I. D.) já atribuiu, de 1968 para cá, 58,4 milhões de dólares (cerca de 1 589 200 contos) ao Laos para socorro dos refugiados: hospitais, assistência médica, reagrupamento dos refugiados.

Mas, como se sabe, o senador Kennedy denunciou esta mistificação, afirmando que até data muito recente o programa americano de auxílio aos refugiados era apenas um eufemismo para «cobrir» o auxílio que os E.U.A. forneciam àqueles que se dispusessem a pegar em armas contra o Pathet Lao. O senador acrescentou então que grande parte deste auxílio continuava ainda a ser fornecido.

O administrador do A.I.D., John Hannah, admitiu publicamente, em Junho do ano passado, que descobrira para seu descontentamento que os agentes da C.I.A. utilizavam, desde 1962, a Agência como cobertura para as suas operações. Hannah dissera então: «preferíamos ver-nos rápidamente livres dessas operações».

Kennedy declarou que parte deste financiamento se fazia por intermédio do Departamento do Estado, há dois ou três anos. Mas a subcomissão de Kennedy sobre os refugiados tornou públicos relatórios censurados de contabilidade cujos resumos indicam que a A.I.D. continua a fornecer uma assistência a forças de guerrilhas dirigidas pela C. I. A..

No seu relatório, a subcomissão indicava que «se os dirigentes da A.I.D. reconheceu de modo geral que os fundos de assistência não deviam ser utilizados para «cobrir» o financiamento de actividades militares, o certo é que a A.I.D. parece ter continuado a fornecer quantidades substanciais de «carregamentos médicos» aos militares laocianos. A subcomissão calcula que cerca de metade dos fundos, destinados ao projecto de «aldeia de saúde» da Agência — ou seja 9,4 milhões de dólares (cerca de 272 600 contos) de 1964 a 1970 — foram consagrados a essas actividades.

Um informador do A.I.D. declarou que uma «pequena percentagem de refugiados é constituída por irregulares ou por militares, que, por terem sido deslocados são refugiados e necessitam de auxiliar, tal como os outros laocclanos que não participaram nos combates».

GIEREK: melhorar o nível de vida

OS POLACOS VÃO CONSTRUIR UM AUTOMÓVEL POPULAR

Por DAN MORGAN

A PRODUÇÃO de um carro popular—projecto há muito alimentado pelos economistas favoráveis a uma maior satisfação dos consumidores polacos — deveria ser aprovada pelo novo regime comunista de Varsóvia. Mas a produção desse carro só começará provávelmente daqui a quatro ou cinco anos.

É pelo menos a conclusão a que chegou esta semana uma comissão parlamentar polaca, depois de ter analisado as «dificuldades» inerentes ao estabelecimento de uma cadeia de produção.

Esta comissão entende que devia ser possível edificar uma cadeia de montagem com capacidade para produzir 150 000 carros por ano. O preço da viatura seria de cerca de 60 000 *zlotys*. A taxa oficial de cambio seria um pouco menos de 3000 dólares (cerca de 87 000$00), mas os técnicos entendem que, apesar deste preço elevado, a produção prevista não seria suficiente para satisfazer a procura de carros na Polónia.

A recomendação da Comissão Parlamentar Mista para a Industria Pesada, Minas e Industria Química marca mais um passo no caminho da motorização dos polacos. Muito provávelmente o carro popular polaco será um carro ocidental fabricado sob licença: as marcas mais citadas são a Fiat e a Renault.

O regime de Gomulka recusara esta medida para limitar os investimentos nas industrias de consumo. Mas o plano quinquenal de Gomulka foi abandonado pela equipa de Gierek, que afirmou a sua intenção de melhorar o nível de vida dos polacos.

ESTÍMULO ECONÓMICO

No decurso das suas discussões com os operários de Gdansk, Gierek e o seu primeiro-ministro, Yaroszewicz apresentaram a brutal realidade da situação económica da Polónia. Mas esta franqueza parece ter-lhes granjeado o apoio dos operários.

Há já muito que os economistas mais progressistas entendiam que a construção de uma viatura popular seria um meio de estimular a economia polaca e de levar os polacos a pôrem de novo em circulação o dinheiro que economizam. Mas Gomulka sempre se opusera a esta política.

Fabricam-se já vários modelos de carros na Polónia, mas não estão ao alcance da bolsa da maioria dos polacos.

A Comissão Parlamentar indicou que a produção total de caros para este ano seria de 90 000 mais 50 000 camiões.

O principal carro polaco é o tradicional e robusto «Warszawa», que vai ser substituído por um Fiat polaco de 160 000 *zlotys*, destinado á exportação ou aos funcionários. Segundo a Comissão Parlamentar para a Industria, em dois anos deveriam ser produzidos 110 000 carros desses.

A industria automóvel tem-se desenvolvido lentamente na Polónia, como na U. R. S. S., em parte devido ás dificuldades de coordenação do fornecimento em peças soltas das cadeias de montagem e em parte, devido á incapacidade dos países socialistas para criarem um modelo próprio de carro ligeiro, barato, que não exija grandes desvios de aço necessário ás outras industrias.

TAP - um modo de viajar

para novos destinos..

CANADÁ

A partir de 1 de Abril

A TAP oferece-lhe mais um destino: MONTREAL.
Mais do que MONTREAL, um país rico de cor e de contrastes. Coberto de florestas infindáveis, a folha de ácer — uma das 150 variedades de árvores aí existentes — inspirou a bandeira nacional do CANADÁ, como um símbolo tradicional e de modernidade.

O CANADÁ espera-o, pois, para os seus negócios, para uma viagem de turismo, ou ainda, para uma nova vida!
3 vezes por semana * a TAP voará consigo para MONTREAL, oferecendo-lhe as comodidades e atenções do seu habitual serviço de bordo — apreciado e conhecido em todo o mundo.
Viaje em boa companhia...
...viaje com a TAP.

* 2.ª, 5.ª e sábados

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

através do mundo
em boa companhia

MARCA TP

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

MOSCOVO

REDUÇÃO DE PREÇOS DE ARTIGOS DE CONSUMO NA UNIÃO SOVIÉTICA

Por HARRY TRIMBORN

A UNIÃO SOVIÉTICA anunciou, recentemente, um certo número de reduções de preços de artigos de cónsumo. Um comerciante capitalista qualificaria tal redução como «saldos colossais antes do Congresso».

Estas reduções, que atingem os 50 por cento, incidem sobre os mais variados artigos, tais como esferográficas, motocicletas, máquinas de barbear eléctricas, impermeáveis em plástico e máquinas de lavar.

Todavia, as referidas reduções não são susceptíveis de provocar um grande entusiasmo nos consumidores soviéticos, na medida em que se trata, na maioria dos casos, de modelos ultrapassados ou pouco atraentes de que o Governo soviético — tal como os retalhistas ocidentais — porcura desembaraçar-se, oferecendo-os a preços interessantes.

A despeito dos murmúrios daqueles que se queixam do deficiente abastecimento dos armazéns, bem como da má qualidade dos produtos oferecidos, uma inspecção rápida aos armazéns moscovitas revela serem poucos os clientes que manifestam a intenção de tirar partido destas reduções.

MELHOR PARTE PARA OS CONSUMIDORES

As diminuições de preços foram anunciadas pela «Pravda» sem quaisquer comentários mas estão manifestamente relacionados com o 24. Congresso do Partido, que deve realizar-se em 30 do corrente bem como com a preparação do novo Plano Quinquenal.

A principal característica do novo Plano Quinquenal, que deve ser aprovado pelo Congresso, reside no facto de reservar uma parte melhor para os consumidores. Trata-se do primeiro dos nove Planos Quinquenais elaborados depois da Revolução Bolchevista de 1917 que prevê uma taxa de crescimento da indústria ligeira superior à da indústria pesada No decurso dos próximos cinco anos, o crescimento da indústria pesada, que ainda representa cerca de 70 por cento da produção total, será de 42 a 46 por cento.

A «tarefa principal» do Plano Quinquenal de 1971-1975 será desenvolver os padrões de vida material e cultural do povo soviético

A última redução de preços fora anunciada na U. R. S. S., em Julho de 1970, mas simultâneamente com um aumento considerável dos preços de certos produtos, tais como o conhaque soviético (100 por cento) e o champanhe soviético (50 por cento).

Desta vez, não foi anunciada qualquer subida de preços e a opinião geral é de que esta redução não tem relação com os tumultos ocorridos em Dezembro do ano passado nas cidades polacas do Báltico.

QUEIXA POPULAR

Uma das principais reduções de preços recentemente anunciadas diz respeito aos televisores de «écrans» pequenos: de 19 por cento para os modelos em produção, até 30 por cento para os aparelhos que já não são fabricados.

Os soviéticos queixaram-se do facto de continuarem a ser produzidos modelos de «écrans» pequenos, a despeito de uma evidente procura de «écrans» maiores. Os últimos modelos de «écrans» pequenos podem adquirir-se por menos de 400 dólares.

O preço das máquinas de lavar, cujo preço oscila entre os 80 e 150 dólares, foram reduzidos em 16 por cento. Estes modelos são ainda muito primitivos em comparação com os modelos ocidentais

As pequenas motocicletas ligeiras, vendidas por cerca de 390 dólares, tiveram o seu preço reduzido em 19 por cento, o mesmo acontecendo com os «scooters», cujo preço anda pelos 600 dólares

O preço das máquinas de barbear eléctricas (40 dólares) diminuiu de 20 por cento.

A redução mais importante — 50 por cento — incide sobre as esferográficas, artigo muito popular o qual era pràticamente desconhecido na U. R. S. S. há alguns anos

Também na União Soviética as mulheres não são indiferentes à elegância da indumentária. Estes três modelos causaram, quando apareceram na rua, certa curiosidade.

AINDA ESTÁ A TEMPO DE VISITAR MADRID

COMPLETAMENTE

GRÁTIS

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr Governador Civil de Lisboa E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes

TELEVISORES
Desde 150$00 mensais Oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 200$00 mensais
AUTOMÁTICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 200$00 mensais
AUTOMÁTICAS

SEM ENTRADA FIADOR

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM · SINTRA · CASCAIS · VENDA NOVA

A INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA

RENOVAÇÃO E

Por OLIVIER GU
(Ministro francês da Educ

Talvez seja agora a altura de dizer, com clareza, duas ou três coisas sobre o que, á falta de expressão melhor, se designa por renovação pedagógica. Encontramo-nos, com efeito, numa situação paradoxal, em que aqueles que a ela estão mais ligados imaginam, muitas vezes de boa-fé, que mil entraves surgiram, ou surgirão, para a abafar, enquanto outros reprovam, abertamente, os responsáveis, por deixarem organizar, a coberto da renovação pedagógica, a revolução cultural e política; acrescentariam, assim, a este crime contra a cultura e a ordem social, a falta grave de estarem contra a corrente do poderoso instinto popular, que grita «Basta!», diante das alterações dos programas, da perturbação das instituições, das provocações de uma juventude trocista ou rebelde.

Que responder á segunda categoria de críticas, senão que um poderoso instinto nos leva, também, a procurar para lá das instituições, dos programas e dos métodos tradicionais a solução dos problemas postos por uma sociedade cada vez mais movediça e inorgânica; pela influência crescente da técnica; pelas contradições de uma juventude arreigada aos entusiasmos da sua generosidade, embalada numa ilusão de poderio, impedida de satisfazer as suas ambições e que passa, com facilidade, do sonho á revolta; por uma cultura que não tem a pureza da cultura de uma «élite», sem possuir, ainda, a vitalidade da cultura de um povo, pela difusão dos meios de comunicação, que arrebatam á instituição escolar e universitária os seus velhos privilégios?

Por isso, a renovação não pode ser um mero atamancamento, e a verdade é que, no seu termo, a palavra revolução não parecerá exagerada. Acho que ao empreendimento se deparam objecções e resistências, e cada vez mais isso se verificará em face dos evidentes excessos de alguns, na medida em que, para outros, vise objectivos mais políticos que pedagógicos, e que, em suma, seja caracterizada por uma grande confusão dos espíritos.

Mas, bem vistas as coisas, é característico das épocas complicadas lançar a confusão nos espíritos; e é, também, característico das situações revolucionárias engendrar revolucionários. Seria imprudente tomar os efeitos pelas causas. Imprudente, também, não procurar imprimir um sentido positivo a esta agitação. É preciso derrubar o adágio «Quieta non movere» e pôr em movimento o que não está tranquilo. Dito isto a uns tantos, direi aos meus outros críticos que nenhuma reforma autêntica poderá nascer desta confusão, nem destes excessos

PESSOAS SÉRIAS, PRECISAM-SE

Tempos houve em que se justificavam as piores injustiças em nome da tradição. Acontece bastantes vezes, hoje em dia, que se encontra razão para os piores absurdos em nome da mutação necessária. A mutação tem, por vezes, as costas largas, e o futuro oferece á irresponsabilidade tantos «alibis» como o passado. A renovação necessita de seriedade. E a pedra de toque da seriedade, num professor, é o seu sentido de responsabilidade para com os alunos e para com os pais que lhos confiaram. Esta responsabilidade comporta certos aspectos sobre os quais não é inútil discorrer.

Assistiu-se, recentemente, a uma pequena polémica a propósito de uma circular em que eu lembrava que os professores não deviam dedicar-se a experiências pedagógicas, a não ser no quadro das investigações devidamente autorizadas.

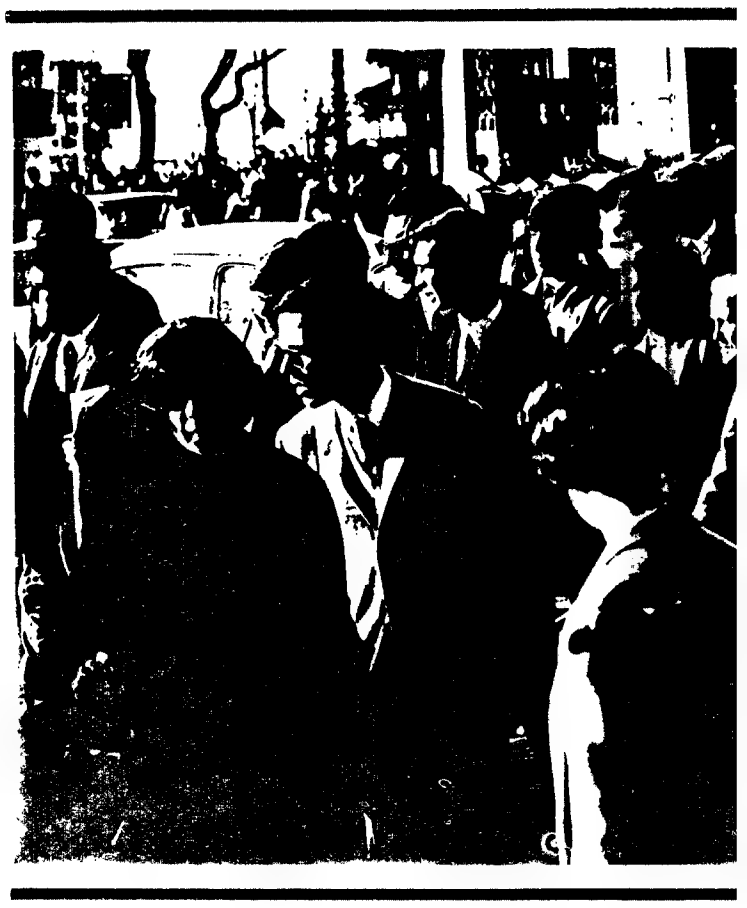
Não é na Educação Nacional que nos devemos surpreender com a afirmativa de que a investigação, mesmo a pedagógica, sobretudo a pedagógica, é uma actividade científica, e que, se a pretendermos sólida, frutífera, utilizável, se torna necessário que seja organizada e controlada.

É uma exigência intelectual, mas é, também, um imperativo moral: as crianças não são um terreno neutro para experiências. A pedagogia sofre uma dura restrição: não dispõe de cobaias senão no sentido figurado. Isto impõe precauções, muito especiais, que implicam a responsabilidade do serviço público.

De resto, a orgânica necessária á investigação está concebida de uma maneira bastante flexível, que permite tanto o lançamento das investigações sistemáticas definidas pelos especialistas, como autoriza as experiências propostas pelos professores.

Conhecem-se bastante bem as primeiras, orientadas pelo Instituto Nacional de Investigação e Documentação Pedagógica, herdeiro, neste ponto, do antigo I. N. P.; por exemplo, as experiências sobre o ensino do Francês na instrução primária ou sobre os grupos de nível no primeiro ciclo. Mas as segundas também são importantes. Damos ás «investigações espontâneas», propostas pelos professores que trabalham isoladamente ou em grupo, os meios de prosseguirem. Este ano foram autorizadas pelo Ministério 251 experiências julgadas interessantes. E com as dispensas de serviço correspondentes.

Serão todas objecto de avaliação e parecer. Porque, embora espontâneas, não podem deixar de ser controladas ou improvisadas; proceder nimento a investigações « sem metodologia, sem poss validação objectiva dos re dedicar-se a uma caricatur tigação, e, em geral, a ex alunos. Por outro lado, as dispersas, seja qual for o acabam por ter uma eficá se se mantiverem desconhe

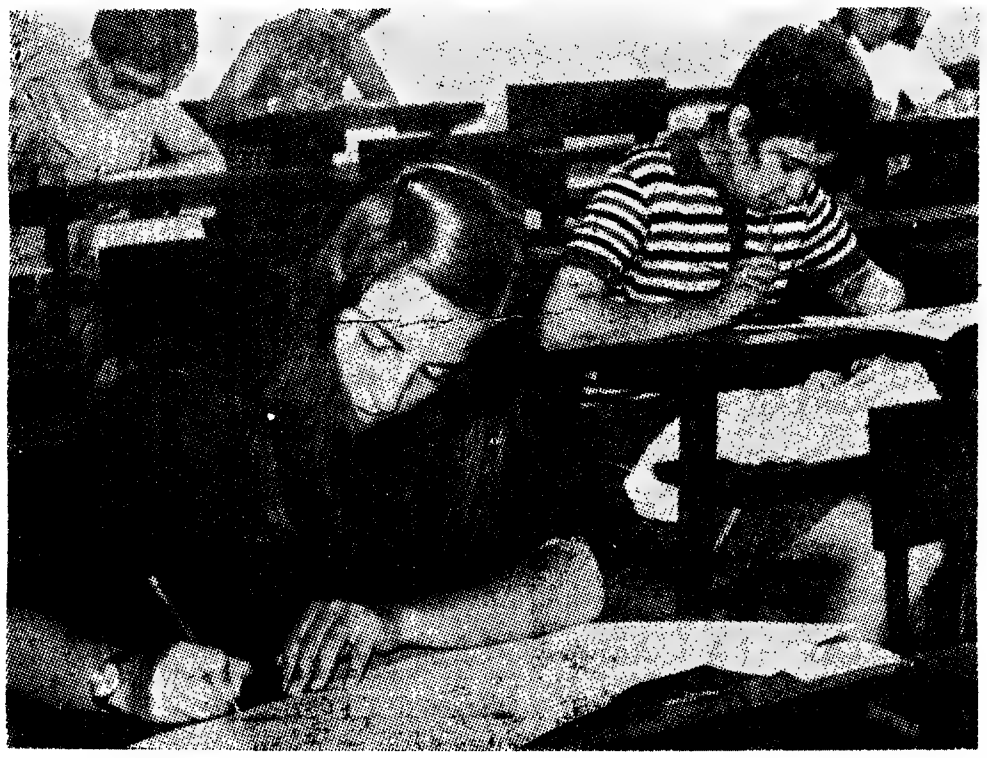


O GIGANTISMO DA SORBONNE E AS FACULDADES PERIFÉRICAS

Por PIERRE CITRON

(O autor deste artigo é director do Departamento de Ensino e Investigação de Literatura Francesa na Sorbonne Nova)

O RELATIVO silêncio que se tem feito á volta da «rentrée» universitária pode fazer crer que ela foi um êxito. No entanto, tem de se pôr em dúvida, desde já, um caso particular, mas importante, o do corte verificado numa universidade visivelmente atingida por um gigantismo antinatural: a Sorbonne-Letras.



Torna-se demasiado grande para poder funcionar. Com os seus 40 000 estudantes ali concentrados, era um barril de pólvora, como se viu em Maio de 1968. Era impossível manobrá-la mantendo a sua inércia e as suas majestosas dimensões. Dividi-la era, portanto, técnicamente funcional e, ao mesmo tempo politicamente hábil. Para descomprimir as «fatias» resultantes da divisão criaram-se faculdades periféricas. Operação lançada em Março de 1970 com regras muito genéricas: um máximo de 12 000 estudantes por universidade; pluridisciplinaridade; livre escolha de universidade pelos professores, estudantes e, dentro de certos limites, pelo pessoal administrativo e técnico. Quanto ao resto, nada de preciso. E os meios? A sua natureza foi indicada em Julho pelo próprio ministro: apenas os existentes. Nem mais um professor, nem mais um tostão, nem mais uma sala.

KAFKA ULTRAPASSADO

Consequências? Uma situação, ao pé da qual Kafka é de uma simplicidade «racineana». Comecemos pelas instalações. No edifício da Sorbonne fica a sede e a administração de Paris III e de Paris IV e «antenas» de Paris I Paris V e Paris VII. Os anfiteatros estão repartidos por turnos horários, as bibliotecas são comuns. Responsável? Desconhece-se. Cada qual nas suas instalações. Será sobretudo Paris IV para Sudeste. Será sobretudo Paris I e Paris III para Noroeste. No meio, mistério. E nenhum crédito para aquisição de bússolas... No Centro Censier, as universidades sobrepõem-se e enleam-se umas nas outras. Paris I tem o 2.º andar; Paris III, o primeiro o quarto e metade do quinto; Paris VII, a outra metade do quinto e o terceiro. Em caso de incidente grave, nas escadas, entre os andares, quem tem competência para intervir ou para chamar socorros? Só Mme. Soleil nos poderia informar...

Meios materiais? Um orçamento copiado pelo do ano anterior e dividido proporcionalmente pelos efectivos: com esses meios pode funcionar 8 meses em 12, porque 5 secretariados custam mais dinheiro que um. Que se desenvencilhem, embora tenham que dividir por 5, 12 secretarias, oito máquinas de escrever. Nenhuma dotação se anuncia para as novas unidades. Postos administrativos insuficientes para pôr em marcha os serviços administrativos das universidades, tanto mais que as equipas seguiram os chefes. Por exemplo, quase todo o serviço de escolaridade vai para uma universidade, quase toda a contabilidade va para outra Experimentem fazer funcionar a S.N.C.F. (Sociedade Nacional de Caminhos-de-ferro), mandando todos os mecanicos para Moselles, os chefes da circulação para Ariége e os agulheiros para Morbihan.

O mais curioso é a distribuição dos professores. Mil influências entraram em jogo: sugestões e incitamentos mais ou menos velados do Ministério e das reitorias afinidades e antipatias pessoais, doutrinas científicas, padagógicas políticas. Nem um livro chegaria para descrever isto tudo. Resultados: a) Universidades muitas vezes maiores que o estatuído pelas normas e muito menos pleuridisciplinares que as antigas facul- dades ras, t bloqu neces o sec simult e em cas redac em J. frente disse- Mas, dade reito taneam c) A ções sores dirigis porçõ univer era ra a uns conce ridade sultan lha n. vistas tenham favore proble Ign des? sidade são e univer nalme dades um r

ICA

PARIS

E REVOLUÇÃO

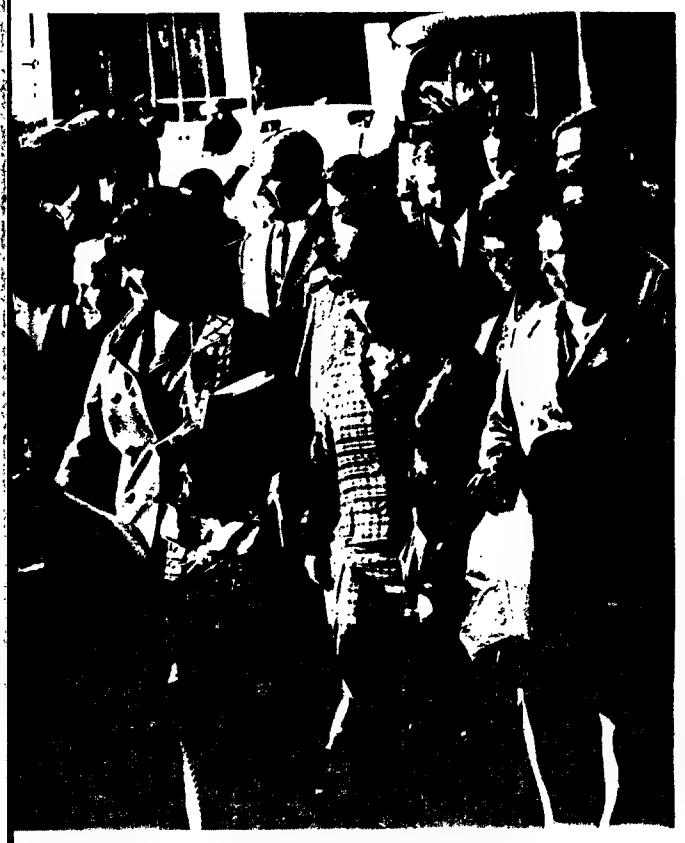
R GUICHARD
Educação Nacional)

roceder sem discergações «ao acaso», sem possibilidade de a dos resultados, é caricatura da invesral, a expensas dos lado, as actividades al for o seu mérito, ma eficácia limitada esconhecidas, e não podem ser, de uma maneira ou doutra, integradas numa estratégia global.

Todos sabemos que a inovação é difícil, num sistema tão centralizado como o nosso, onde toda a experiência se arrisca a ser interpretada pelos responsáveis e pelo público como uma pré-decisão (daí as ambiguidades que pesaram, por exemplo, sobre os trabalhos realizados no domínio do Francês). A solução não deve ser procurada na anarquia de um sector marginal, mas numa maior flexibilidade da organização.

Diversidade das propostas, diversidade das modalidades de execução e «contrôle», coordenação melhor assegurada: pretendi, ao reformar, o ano passado, as estruturas da investigação pedagógica, embora vele pela coesão gências. A par dos directores de objectivos, o encarregado da investigação pedagógica, embora vele pelacoesão de uma rede diversificada, em que se inclui o I. N. R. D. P. — ocupando, pois, um lugar de relevo — não beneficia de nenhum monopólio, pois que os U. E. R. de ciências pedagógicas nas Universidades, os institutos de investigação sobre o ensino das matemáticas, os estabelecimentos de formação de professores, empreendem, também, investigações fundamentais ou aplicadas.

Será preciso acrescentar que ainda antes de se abrir passagem para as experiências estruturadas, a inovação se apoia sobre as reflexões e os trabalhos de múltiplos grupos de especialistas, associações pedagógicas ou sindicais, em trocas preciosas entre os professores, assim como entre estes e a administração, e no seio das quais surgiram bastantes ideias novas?



UM AMBIENTE VIVO

O ensino é um ambiente vivo, que, é claro, não pode progredir sem uma constante reflexão sobre os seus objectivos e métodos — e hoje mais do que nunca. Mas esta nossa época é tal que um professor deve esforçar-se por não acrescer, com as suas interrogações e debates, as dificuldades dos adolescentes e dos pais.

A sua margem de iniciativa não é, todavia, limitada, nem se esteriliza o espírto renovador.

É preciso não ter tido as instruções oficiais para acreditar que nelas se determina, com todo o pormenor, o comportamento dos professores. A margem de iniciativa, de que sempre dispuseram nas aulas, e sem a qual nunca houve bons mestres, longe de a reduzir, pensamos em a ampliar; a necessidade permanente de melhorar o ensino ministrado, fazendo dele coisa sua, trabalho seu, realização pessoal — e não aplicação mecânica de determinações restritivas — faz parte das «obrigações» do professor, tanto e mais do que as suas liberdades tradicionais. E tencionamos incentivá-las.

Mas compete-lhe, também, não agir como indivíduo isolado, sem a preocupação de confrontar e conjugar a sua actividade e os seus métodos com os dos colegas que ensinam os mesmos alunos em outras disciplinas, na mesma turma, ou a mesma matéria, antes e depois dele. A verdadeira reforma, a reforma que actuará em profundidade sobre o espírito dos nossos filhos, é um empreendimento colectivo.

O individualismo pedagógico constitui a única e preciosa flexibilidade num mundo estável; num mundo movediço, arrisca-se a exagerar o coeficiente de incertezas e torna-se necessário limitá-lo pelo concerto de esforços. Se a escola deve mudar, não o poderá ser ao nível das ideias pessoais de cada mestre.

Mas entre os professores interessados na mesma turma, no mesmo nível, na mesma disciplina, o ajustamento de métodos deve desobstruir as vias e os meios necessários a um progresso organizado, a uma renovação constante. Acrescento que a renovação supõe o concurso dos pais e que a conjugação de esforços deve estender-se a estes, graças ás instituições do estabelecimento e da turma, que lhes foram facultadas precisamente para o efeito.

Concerto de esforços e renovação marcham a par; não será um dos principais objectivos da reforma pôr fim ao «isolamento» do corpo docente, não, claro, na ilusão de uma espécie de disciplina universal, mas no desejo de uma maior coerência da actividade pedagógica? Desejo tanto mais necessário, hoje em dia, quanto a formação extra-escolar se caracteriza pela dispersão.

Tomemos dois sectores do ensino implicados em profundas reformas: a escola elementar e o C. E. S. O seu êxito depende, nitidamente, da harmonização de esforços. Esta será, nas escolas, o veículo do aprofundamento da exigência pedagógica, que, como já disse, no essencial, bastará para assegurar a transformação do ciclo elementar.

Quanto ao C. E. S., o ajustamento de esforços afastará o perigo, tantas vezes denunciado, de que as três secções se transformem em escoadouros; assegurará o funcionamento de uma orientação permanente, que utilize, ao máximo, os recursos da diversificação pedagógica, oferecidos por aquele estabelecimento.

Ao bater-me por um pouco de seriedade, por um mínimo de organização, tenho consciência de defender melhor a renovação de que muitos dos seus prosélitos.

Tomemos como exemplo o Francês na escola primária. Todos sabem que as instruções em vigor estão ultrapassadas. Revelo a intenção de as substituir. Intenção criminosa, atiram-me: instruções novas aumentarão a «confusão» dos professores. Parece-me, no entanto, que ela atingiu, actualmente, o máximo, enquanto o silêncio oficial deixa que coexistam os mais diversos métodos e que se defrontem as doutrinas mais opostas. Porque não, tentar sair disto?

Depois de tudo, o trabalho dos grupos experimentais saiu do Relatório Rouchette. A comissão encarregada da reforma do Francês aprovou-lhe a orientação, e eu louvo-a por o ter feito. Não vejo porque é que, sem se estar á espera de que todos os métodos nele descritos tenham sido considerados válidos e apresentados com precisão, aqueles não hão-de ser já propostos aos professores.

A política de facilidade consistiria, é certo em não propôr nenhum objectivo ao corpo docente e em não impôr nenhum limite aos reformadores, capazes ou menos capazes, em deixar cada um renovar a seu talante, reformar, revolucionar, ronronar ou trabalhar no seu cantinho.

Podia satisfazer-se, assim, cada um a baixo preço. Mas a verdadeira renovação — total, organizada, harmónica e contínua — ganharia alguma coisa com isso?

dades; b) As novas carreiras, tão necessárias, são bloqueadas no ovo. O país necessita de quadros para o sector técnico, formados simultaneamente em Direito e em Economia, e em técnicas literárias (expressão, redacção, lógica, cultura): em Janeiro, num «frente a frente» o sr. Olivier Guichad disse-o claramente na TV. Mas, em nenhuma universidade de Paris-Centro há Direito e Letras Puras simultaneamente. Sendo assim... c) A desasagem das gerações fez com que os professores e os alunos não se dirigissem, nas mesmas proporções, para as diferentes universidades. Claro que era razoável dar a escolha a uns e outros. O que é inconcebível é que as disparidades necessáriamente resultantes desta dupla escolha não tivessem sido previstas, que nenhuns meios tenham sido dados aos desfavorecidos para remediar o problema.

Ignorância das realidades? Desprezo pelas necessidades vitais? Uma e outro são escandalosos. Se uma universidade tem, proporcionalmente ás suas possibilidades de enquadramento, um número de estudantes muito superior ás universidades paralelas, nenhuma criação de posto lhe é, no entanto, atribuída. Numa secção, há 2400 estudantes — contra 3800 na que lhe fica ao lado — que são enquadrados por 9 professores — contra 39 na secção á frente daquela... Noutra 18 professores enquadram 60 por cento dos efectivos de uma disciplina, enquanto, noutra secção vizinha, 50 professores enquadram os restantes 40 por cento. Numa terceira, que se cindiu em 3, 20 professores titulares estão na primeira, 2 na segunda, 3 na última: assim ficam duas secções práticamente condenadas no domínio da investigação e das direcções de trabalhos.

ATINGIDAS AS UNIVERSIDADES NOVAS

Aí se insere o problema das novas universidades periféricas, Créteil e Villetaneuse. Já há cinco anos se falava disso: agora tornou-se a serpente do mar. Por altura das criações de 1950, os postos foram dados á Sorbonne sem que nenhum tenha sido expressamente reservado aos novos centros. Os professores repartem-se, portanto, pelas universidades de Paris-Centro, que, em face da cisão, precisa urgentemente deles. Os novos cooptados, prevenidos, contribuem para a organização dos «cursus» e de programas, integram-se em equipas, preparam os cursos. No princípio de Julho, o Ministério anuncia, bruscamente, a criação imediata dos novos centros e pede novamente 64 postos para a Sorbonne. Nesta data é impossível libertá-los: Créteil e Villetaneuse deverão funcionar em regime de horas complementares por todo o ano de 1970-71. E o Ministério guarda rancor á ex-Sorbonne por ter utilizado os postos que lhe deu — e também por continuar, apesar do aparecimento dos centros periféricos a atrair ao seu barril de pólvora. Teóricamente compartimentado, os mesmos efectivos que anteriormente em Paris-Centro há 19 000 estudantes de Letras. Por isso, em 1971 queda brutal das criações: três vezes menos que no ano anterior (Paris III obtém 3 criações, Paris IV, 2, Paris V, nenhuma). Nada que venha compensar as disparidades. As próprias Universidades novas são atingidas. Enquanto se tinha criado Nanterre com muitos mais postos, prometem-se 30 a Ville Faneuse e finalmente só se lhe dão 18 para 2000 estudantes previstos. A média nacional, segundo o Ministério, é de 1 professor para 18 estudantes. Façam-se as contas!

A congelação da Universidade é, pois total e brutal. É certo que a França se está a aproximar daquele ponto de evolução, descrito por Ch. Coombs que o prevê para todos os países, seja qual for o seu regime, em que o custo da educação ameaça ultrapassar os recursos da nação. A vaga demográfica do pós-guerra, a extensão da educação secundária a uma proporção mais larga da população, exigiram um esforço enorme. A necessidade de formar professores em grande numero justificou, durante muito tempo, o excesso de alunos em Universidade Hoje, tendo-se marcado um limite ao recrutamento do segundo grau, é natural que se procure reduzir os efectivos das universidades sobretudo em Letras. Mas só é admissível fazê-lo depois de ter compensado os desequilíbrios, em vez de os ratificar, sacrificando calmamente várias gerações de estudantes, em virtude de estatísticas gerais em relação com as situações reais e aumentadas por uma administração que, apesar de dedicação e do mérito dos seus membros continua a ser hipertrofiada, centralizada e mesquinha.

Parece que a confusão e o desleixo são as duas fontes onde a Universidade tem de ir beber. Será então motivo de espanto que a exasperação domine o meio universitário? Poderemos pedir aos professores e aos alunos que sancionem um estado de facto que legitimamente lhes pode parecer o caminho para a liquidação? Se não se corrigirem distorções injustas e exorbitante, se persistir a lei do silêncio, em suma, se este grito de alarme que daqui lanço, depois de tantas outras vozes que já se ergueram como a minha, não forem ouvidas, é de prever que os gritos que se seguirão a este não serão de alarme, mas de revolta.

BONN DISPOSTA A REDUZIR A SUA PRESENÇA EM BERLIM

Por JOE ALEX MORRIS

BONN — O GOVERNO Willy Brandt está disposto a considerar uma redução da presença alemã ocidental em Berlim Oeste.

Além disso, não rejeita a pretensão da Alemanha Oriental de que Berlim Ocidental seja tratado como o parceiro numero três, independente da Alemanha Ocidental, em futuras negociações.

Estes pontos fundamentais foram focados por Egon Franke, ministro alemão dos Assuntos Internos, numa entrevista concedida recentemente ao «The Los Angeles Times».

A entrevista, que se realizou antes do mini-bloqueio das auto-estradas que conduzem a Berlim, revelou uma maior flexibilidade por parte de Bonn do que aquela até agora demonstrada. O jornalista perguntou a Franke se Bonn estava disposta a aceitar o ponto de vista alemão oriental de que um acordo de acesso deve ser precedido de negociações separadas com a Alemanha Ocidental e Berlim Oeste.

«Penso que isso depende do modo como as quatro potências encararem o assunto»—respondeu. «No que diz respeito a Berlim, a única condição é que, em quaisquer circunstâncias, ele (o acordo) deve situar-se dentro da responsabilidade global das quatro potências».

REJEIÇÃO

Segundo alguns observadores, os alemães orientais davam a impressão de estarem a tentar diminuir a importância do papel das quatro potências em Berlim, em recentes diligências efectuadas junto do Senado de Berlim Ocidental. Os russos encontram-se, em princípio, ligados ao estatuto das quatro potências, pelo menos no que respeita a Berlim Oeste, mas entregaram o «contrôle» das estradas de acesso aos alemães orientais.

Franke não rejeitou uma presença política modificada da Alemanha Ocidental em Berlim Oeste como parte de um arranjo futuro. Referiu-se, como um possível ponto de negociações, ao papel do presidente federal em Berlim Oeste.

Todavia, o ministro acentuou que isso não significava um enfraquecimento dos laços existentes entre a cidade, situada cerca de 180 quilómetros para lá da cortina de ferro, e a República Federal Alemã.

Franke rejeitou abertamente sugestões de que a presença federal em Berlim Oeste, incluindo 20 000 servidores do Estado, era susceptível de ser negociada. Nas conversações entre as quatro potências, os russos insistiram em que esta presença federal fosse reduzida, ou mesmo totalmente eliminada.

A maior parte dos que exercem as suas funções em Berlim encontram-se aí a fim de cuidarem dos laços vitais entre Berlim e a República Federal — disse Franke.

O ministro mostrou, naturalmente, certa relutância em revelar mais detalhes acerca da futura posição nas negociações da República Federal, num assunto tão complexo e incerto como o de Berlim. As conversações das quatro potências sobre a cidade ainda não atingiram a fase em que os próprios alemães possam ser convidados a elaborar acordos específicos.

VACILAÇÃO

Contudo, Frank deu a entender, concretamente, pela primeira vez, ser pouco provável que os alemães ocidentais regateiem o seu direito de representarem Berlim Oeste à mesa das negociações, quando chegar a altura de negociações exclusivamente entre os próprios alemães.

Os alemães orientais, com o apoio soviético, têm sempre insistido no facto de Berlim Ocidental ser uma entidade política especial em território alemão oriental. Este assunto não tem sido objecto de grandes debates durante as conversações entre as quatro potências, em virtude de os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França estarem de acordo em que Berlim goza de um estatuto especial das quatro potências, herdado da ocupação.

Trata-se, contudo, de um tema político delicado na Alemanha Ocidental, onde a oposição está atenta a qualquer vacilação do Governo de Brandt, quando se aborda a questão dos laço entre Berlim-Oeste e a Alemanha Ocidental.

O que os alemães ocidentais desejam obter, em todo e qualquer acordo sobre Berlim, é o acesso garantido a Berlim Ocidental, o termo da discriminação contra os berlinenses ocidentais, por parte dos alemães orientais, e o direito reconhecido de representarem os interesses de Berlim ocidental no estrangeiro. Os aliados ocidentais fizeram saber aos russos que estão dispostos a reduzir as funções federais de carácter mais demonstrativo em Berlim ocidental, tais como a eleição do presidente federal nessa cidade, de cinco em cinco anos.

Todavia, os alemães ocidentais recusam-se a fazer concessões às tentativas alemãs orientais no sentido de pôr termo às actividades dos partidos políticos em Berlim ocidental. O minibloqueio levantado recentemente pelos alemães orientais constituiu, aparentemente, um protesto contra um encontro em Berlim Ocidental dos «leaders» nacionais e estaduais dos partidos da oposição da República Federal.

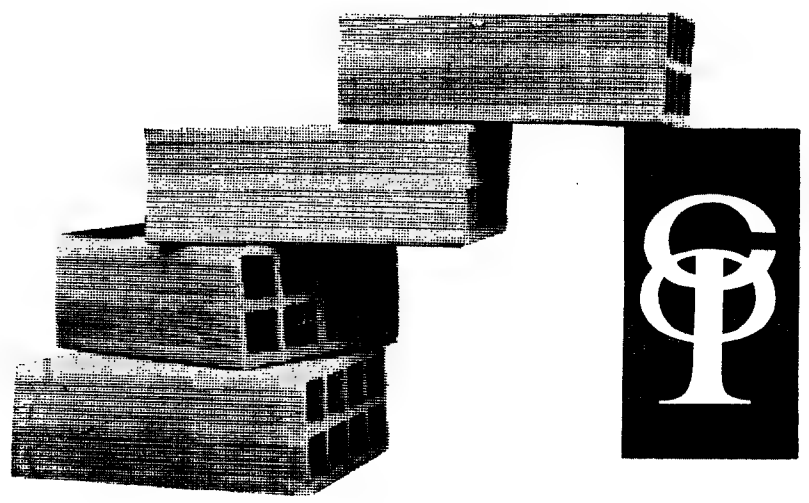
ESPERANÇA

Foi o quarto bloqueio, em quatro meses, de protesto contra a actividade política federal na cidade. A atitude alemã oriental impossibilitou o Governo de Brandt de tentar resolver o problema com subtileza, e Brandt acabou por revelar-se firmemente a favor do direito dos partidos políticos alemães ocidentais de se encontrarem em Berlim.

O jornalista perguntou a Franke se o emprego do termo «melhoramento», a propósito do acesso a Berlim, significava que o Ocidente tinha posto de parte as suas anteriores exigências de garantias acerca das comunicações da cidade com o Ocidente. Franke afirmou que a posição ocidental permanecia sem alteração e que uma das partes não pode, por si só, determinar quando a estrada se encontra aberta, mas que, através de regulamentos claros, o acesso é garantido.

Pediu paciência e firmeza nas negociações Leste-Oeste. «Sei que é tudo muito complicado» — disse. — «Mas não podemos perder a esperança.»

Mostrou-se optimista acerca do facto de o ritmo da «Ostpolitik» e dos esforços de reconciliação internacional de Brandt estar a aumentar. Mas, ao contrário de alguns dos seus colegas do Governo, recusou-se a admitir a possibilidade de se verificar um acordo sobre Berlim, ainda este ano.



NÃO DEIXE RUIR O SEU SONHO

Deposite as suas economias no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS e transforme a renda ao senhorio em prestações mensais de um empréstimo até dez anos para aquisição da sua casa.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

WASHINGTON

A CORRIDA À CASA BRANCA
INDEPENDÊNCIA PSICOLÓGICA:
O SEGREDO DOS CANDIDATOS

Por DAVID BRODER

A CORRIDA para as eleições presidenciais de 1972 é difícil de seguir, na fase actual, porque os acontecimentos mais marcantes não se passam na cena pública, mas no espírito dos diversos candidatos em potência

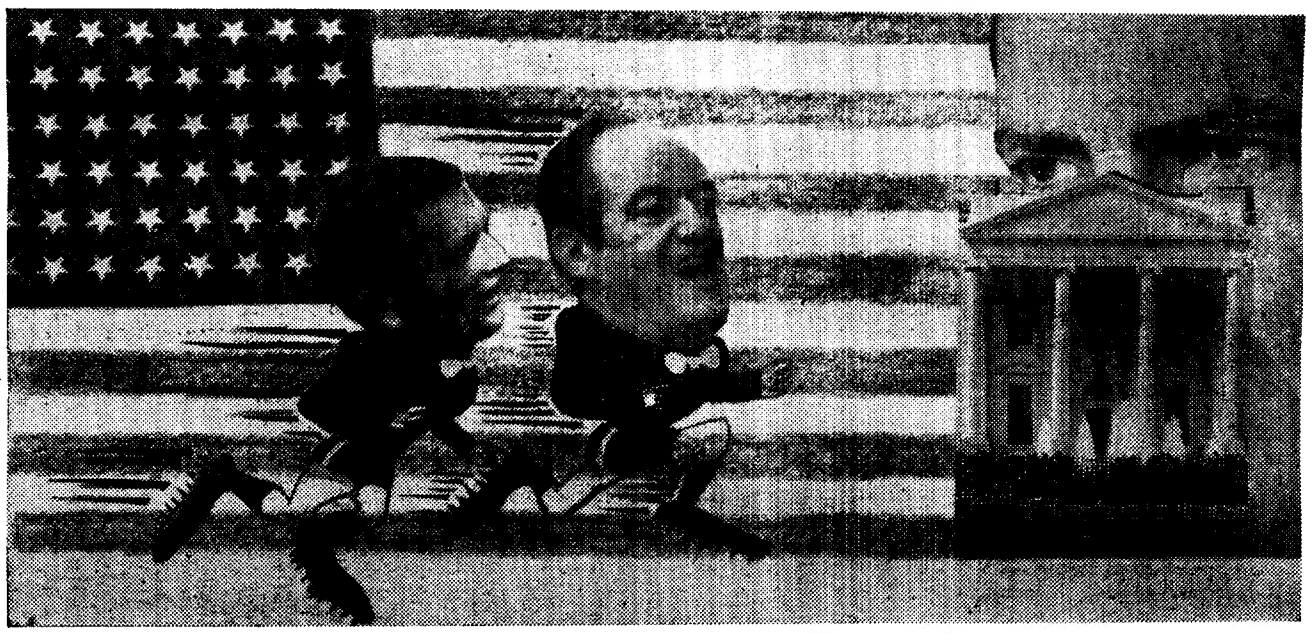
Estamos ainda a um ano das primeiras eleições primárias e ninguém pode ainda garantir a sua nomeação nem impedir um rival de a obter. O que é importante na fase actual é o grau de independência psicológica e política — a liberdade de acção — que os candidatos souberam preservar — o que lhes permitirá baterem-se com êxito quando a batalha começar de verdade.

Eis um ponto difícil de determinar, como demonstram o caso de Hubert Humphrey e John Lindsay.

Humphrey e Lindsay, que visam ambos a nomeação do Partido Democrático, têm problemas quase opostos: Lindsay chegou a uma posição de independência política autêntica, mas esforça-se visívelmente por se libertar dos entraves psicológicos decorrentes de uma longa identificação com o Partido Republicano.

Em compensação, Humphrey atingira notável grau de independência psicológica durante os dois anos de afastamento no Minnesota entre a derrota nas eleições presidenciais de 1968 e a reeleição para o Senado. Mas começa agora a dar sinais de perder essa independência — e com ela, talvez, também a sua margem de manobra política.

Isto são apenas conclusões pessoais de um observador, mas a verdade é que se ignorássemos estas lutas internas, a pretexto de que um *outsider* nunca pode saber ao certo em que ponto param as coisas, desprezaríamos a parte mais importante da vida política americana na fase actual.



A DEMOCRÁTICA CORRIDA

LINDSAY

Lindsay assegurou uma base política realmente independente, fazendo-se reeleger *mayor* de Nova York contra os candidatos do Partido Republicano e do Partido Democrático.

Terá de vencer, é certo, sérios obstáculos para conseguir a nomeação do Partido Democrático, mas quase nada o impede de procurar obtê-la — apenas as suas próprias inibições. Logo que se declarasse candidato, teria á sua disposição grandes quantidades de dinheiro, uma legião de colaboradores e farta publicidade: os três elementos indispensáveis para as eleições primárias. O que impede Lindsay de tomar uma decisão é a sua hesitação em se declarar democrático.

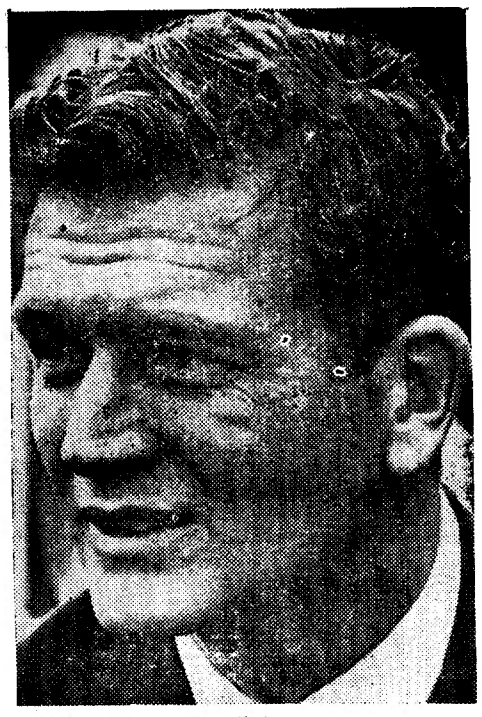
Esta repugnancia tem uma dupla origem: de um lado, a aversão — em parte política, em parte pessoal, em parte social — que Lindsay, durante a sua carreira política, foi ganhando a grande número de dirigentes do Partido Democrático no Congresso, no Estado de Nova York e na sua própria cidade.

Por outro lado — e será este o factor porventura mais importante — Lindsay receia que uma conversão ao Partido Democrático o faça passar por cínico e oportunista. Tem sido este o argumento usado com mais eficácia por certos republicanos que o têm visitado nos últimos tempos.

A posição de Lindsay fez lembrar, de certo modo, a de Robert Kennedy, há quatro anos, quando este hesitou em se agarrar ao problema da guerra e dos seus efeitos sobre a nação americana, convencido como estava de que o seu desafio ao presidente Johnson seria interpretado como uma manifestação de impiedosa ambição pessoal.

Como Kennedy há quatro anos, também Lindsay agora se sente dilacerado entre a certeza de saber como se deve orientar este debate nacional, e o receio das consequências que a sua intervenção no debate poderiam ter para a sua reputação pessoal. E tal como Kennedy, também ele só poderá libertar-se deste dilema mergulhando na acção.

HUMPHREY: recuperada a confiança no seu instinto político



LINDSAY: muito dinheiro para uma campanha

HUMPHREY

O caso de Humphrey é completamente diferente. Porque, até onde um *outsider* pode ajuizar do caso, o seu regresso ao Minnesota permitiu-lhe repousar após o severo *stress* psicológico da sua campanha de 1968, quando se viu incessantemente preso entre a lealdade para com o seu patrono e a necessidade de se dissociar do passivo político da Administração Johnson.

No meio dos antigos amigos, Humphrey recuperou a confiança no seu instinto político, provou as suas qualidades de político, levando os democráticos a uma grande vitória no Minnesota, em 1970, e regressou ao Senado, aparentemente como um homem livre, sem necessidade de justificar o seu passado nem de fazer planos para o futuro.

Mas podemos ver agora — dois meses depois do seu regresso — que a ambição atiçada por esses conselheiros de Washington, em tão boa hora ausentes durante a campanha do Minnesota, está a privá-lo dessa independência tão custosamente adquirida.

Alguém murmurou aos ouvidos de Humphrey que ele poderia — e deveria — ser presidente e logo H. H. reagiu precipitando-se de uma entrevista na TV a outra, desejoso que o considerassem «disponível».

Este estado de espírito tira-lhe o á-vontade que poderia ser de grande valor para os conselhos de que o Partido Democrático irá ter necessidade nos próximos meses e poderá até começar desde já a minar a respeitabilidade da sua eventual candidatura.

E assim: temos Lindsay lutando para salvaguardar a sua independência psicológica e Humphrey sacrificando-a á sua impaciente ambição.

Entretanto o tempo vai passando e 1972 vai-se aproximando cada vez mais.

ACORDO FRANCO-AMERICANO NA LUTA CONTRA OS ESTUPEFACIENTES

NOVA YORK

Por JAMES SARAZIN

JOHN MITCHELL, procurador-geral dos Estados Unidos, e Raymond Marcellin, ministro francês do Interior, assinaram, em 26 de Fevereiro ultimo, o protocolo do acordo franco-americano «o qual estabelece, segundo revelou o estadista francês, uma estreita cooperação entre os serviços especializados na luta contra o tráfico ilegal dos estupefacientes nos dois países».

O acordo, ao qual o Canadá poderá associar-se brevemente, prevê, sobretudo, uma troca de funcionários entre a Polícia Judiciária francesa e a Repartição dos Narcóticos e Drogas Perigosas norte-americana, a fim de que as informações circulem mais depressa entre os serviços e permitam uma acção mais rápida e eficaz contra as redes de traficantes.

Esta disposição apenas torna oficial uma situação já existente: uma dezena de agentes americanos encontram-se estacionados em Paris e Marselha, ao passo que uma «antena» da polícia francesa está instalada em Nova York, desde o Outono passado, contando actualmente dois elementos.

Há, efectivamente, muito tempo, que funcionários da Repartição dos Narcóticos actuam em França, como o fazem práticamente, em todos os países do Ocidente e do Terceiro Mundo.

Há relativamente pouco tempo, a França era apenas um país de trânsito para a droga. Desde que corre o risco de se tornar também um centro de consumo, foi feito um esforço considerável no sentido de reprimir os tráficos, particularmente o da heroína. A partir de 8 de Agosto de 1969, o sr. Marcellin decidiu submeter cerca de 60 mil agentes de polícia dos serviços activos a uma instrução acelerada susceptível de os habilitar a descobrir com mais facilidade os drogrados e identificar os estupefacientes. Simultâneamente, vários agentes da Polícia Judiciária iam engrossar as fileiras da repartição central de repressão do tráfico ilegal dos estupefacientes, da brigada mundana, da Prefeitura de Polícia e dos serviços da Polícia Judiciária nas regiões mais expostas. O S. R. P. J. de Marselha, que nunca tinha destacado mais do que uma duzia de agentes de polícia para os assuntos da droga, viu os seus efectivos aumentarem para esta missão em 65 homens, entre Fevereiro e Dezembro de 1970.

ARQUIVOS COMPLETOS

Ao mesmo tempo, estreitavam-se os laços com a Administração americana. A partir de então, os dois parceiros só tinham a ganhar com uma cooperação permanente. Para os americanos, a França é um elo essencial da cadeia da heroína: dos 3500 a 5000 quilos de droga introduzidos ilegalmente em cada ano na América, 80% são provenientes das dormideiras cultivadas na Turquia (15% vêm lo México e 5% do Extremo-Oriente) seguindo um itinerário cujo eixo principal é a França, enquanto que a Espanha e a Itália asseguram uma parte do tráfico, incomparávelmente menos importante.

A Polícia francesa apenas podia regozijar-se com a ajuda susceptível de lhe ser dada pela Repartição dos Narcóticos, a qual, dispondo de antenas em todo o mundo, possui arquivos extremamente completos. Além disso, em virtude de lutar contra a droga há muito mais tempo do que a Polícia Judiciária francesa, a Repartição dos Narcóticos aperfeiçoam técnicas interessantes: todos os seus homens são, por exemplo, equipados com bolsas que contêm, em forma reduzida, material de identificação das drogas.

Graças á cooperação que se desenvolveu, progressivamente, deste modo, alguns casos importantes foram já resolvidos com pleno êxito.

Entre 1 de Agosto de 1969 e 18 de Fevereiro de 1971, a polícia nacional confiscou 143 quilos de heroina, 616 quilos de ópio, 737 quilos de morfina-base, 837 quilos de morfina-base, 827 empolas de morfina e 5715 doses de L. S. D. No mesmo período, foram detidos 679 traficantes. Na noite de 24 para 25 de Dezembro de 1970, a polícia francesa fazia a sua apreensão mais importante: 52 quilos de heroína escondidos num automóvel.

Foi em fins de 1969 que os responsáveis dos dois serviços decidiram estabelecer um protocolo de acordo ratificando as disposições que já vinham sendo aplicadas. Curiosamente, o que não deveria ter sido mais do que a redacção de um auto revelou-se uma operação longa e delicada. A preparação do texto levou vários meses.

Foi necessário, em primeiro lugar, determinar o alcance do acordo, o qual — não passando nem pelo Quai d'Orsay nem pelo Departamento de Estado — não tinha um carácter diplomático. Assumiu, portanto, a forma de um arranjo administrativo entre dois serviços policiais, cujo objecto preciso era o tráfico internacional dos estupefacientes.

Todavia, as dificuldades surgiram quando se quis traduzir, de modo claro, por escrito, uma situação de facto. Sobretudo, pretendia-se — principalmente do lado francês — que o texto não pusesse em causa o princípio da soberania de cada um dos dois serviços no seu próprio território. Em determinados países onde trabalham (sem qualquer acordo escrito) os agentes da Repartição dos Narcóticos têm, por vezes, tomado certas liberdades relativamente ás legislações locais. Foi assim que se verificaram irregularidades em Itália, na altura em que a sede da repartição regional dos narcóticos para a Europa estava instalada em Roma.

O protocolo franco-americano devia, portanto, ser, no espírito dos seus promotores franceses, uma ocasião para afastar definitivamente todo o risco de «rebarba» deste género. Por essa razão, os funcionários da Repartição dos Narcóticos em serviço em França não possuem qualquer poder judiciário. Não podem proceder a uma interpelação ou levar a efeito uma busca, o que, de qualquer modo, lhes é interdito pelo código de processo penal, em virtude de não possuírem, de maneira alguma, a qualificação de agentes da polícia judiciária. Tão-pouco têm autorização de porte de arma. Quando partem para uma missão, os agentes franceses evitam mesmo convidar os seus companheiros de além-Atlântico, mesmo como espectadores: uma «acidente» que se verificasse em semelhante altura teria, sem duvida, repercussões complexas no aspecto das responsabilidades. Os agentes de polícia franceses estacionados em Nova York estão sujeitos a idêntico regime.

Da Turquia, ao México, ao Extremo Oriente, para um itinerário cujo eixo principal é a França

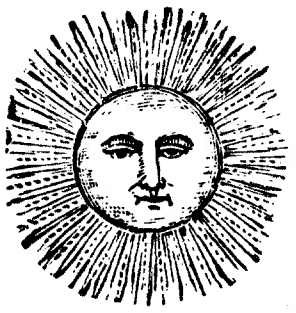
ATRASO NA ASSINATURA

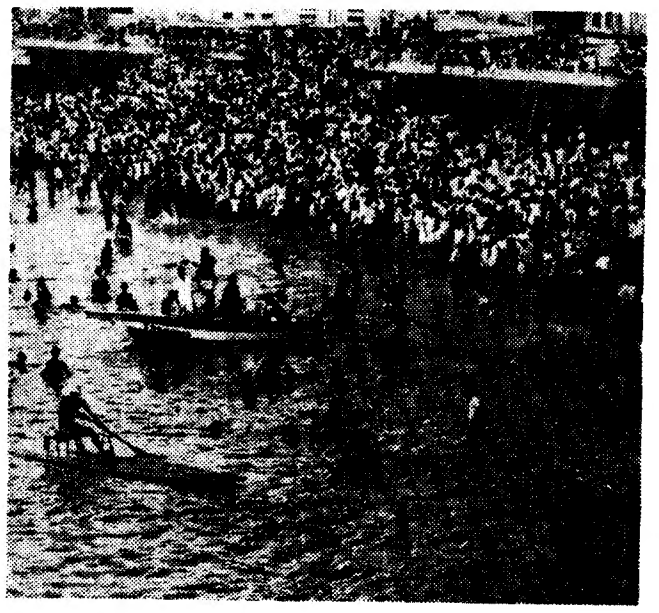
Esta rigorosa limitação das atribuições não agradou certamente a todos nos Estados Unidos, onde repugna, pelo menos nos casos deste género, o encerramento num formalismo demasiadamente rígido. Uma campanha levada a efeito além-Atlântico, no Outono do ano passado, denunciava a «passividade» dos serviços da Polícia francesa. Isto fez nascer o desejo de se conseguir uma maior iniciativa para os agentes americanos em serviço em Marselha e na Côte d'Azur. Esta disputa apenas vinha juntar-se á viva rivalidade que põe, frente a frente, a Repartição dos Narcóticos e a administração federal das alfândegas, da qual dependeu, durante muito tempo, e com a qual continua a partilhar as suas atribuições em matéria de estupefacientes.

Estas dificuldades e estes atritos justificam o facto de a assinatura do texto franco-americano, prevista inicialmente para o fim do ano passado, ter sido sensivelmente retardada. Explicam, igualmente, a discrição de que se fizeram rodear, até ao fim, o sr. Marcellin e o procurador-geral Mitchell. (Nos Estados Unidos, o procurador-geral exerce funções equivalentes ás de um ministro da Justiça em França, mas, além disso, dirige a Polícia, ao passo que em França esta tarefa cabe ao ministro do Interior. A dependência da Polícia relativamente á justiça surge, portanto, de maneira mais nítida nos Estados Unidos. Por seu lado, o secretário americano do Interior apenas tem competência no sector das minas e dos recursos naturais).

Um flagelo de dimensão universal

O GOVERNO DO BRASIL ESTÁ PENSANDO A SÉRIO NA INDÚSTRIA DO TURISMO





Por CHIANCA DE GARCIA

Você, leitor, não é carioca. Ou se é, está longe. Mas, embora de alma e cepa lusitana, talvez já tenha vindo ao Rio de Janeiro. Para negócios, por diversão, ou por curiosidade. Todo português tem (tinha no meu tempo) o desejo de mergulhar nas águas da Guanabara, de subir ao Pão de Açúcar, de chegar pelo menos aos pés enevoados do Cristo do Corcovado, e, acima de tudo, de compartilhar, á temperatura de 40 graus, do Carnaval carioca. Sei de muitos patrícios que já o fizeram. Há os que gostam. Outros, ficam desiludidos. Creio ter dito porquê. O português, de longe, julga que o Carnaval carioca é uma alucinação colectiva. Imagina uma cidade que se arranca do quotidiano para cair na mais desenfreada loucura...

Pura ilusão, porque não é nada disso.

Hoje, para o Rio classe-média (quatro milhões de habitantes) o carnaval não sa. á rua. Passa apressado, e de carro, a caminho dos bailes que vão do esplendor milionário do Municipal, até á folia barulhenta das mais distantes agremiações do suburbio.

O GRANDE CARTAZ

Fora disso só há (heróicas, pacientes, teimosas, e até ás vezes humilhadas) as escolas de Samba. Criadas há decénios nos morros, sózinhas, vivendo por si próprias, sua festa era sambar. Seu prazer a fantasia. Ser rei ou rainha. Imperador ou imperatriz, quando não escrava que, pelos seus próprios encantos, tivesse *escravizado* o seu dono e senhor E lá iam elas, com a maior dignidade, desfilando sestrosas ao bater consoante das baterias...

Mas o negócio tornou-se tão vibrante, tão vivo, tão colorido e autêntico que toda a cidade começou falando no assunto E quis ver. E foi. E viu. E admirou. E aplaudiu.

Para seu azar. Porque foi aí que um organismo chamado Secretaria de Turismo, resolveu (por falta de imaginação) apoderar-se do êxito das escolas. E desde então tomou conta delas, dominando-as, criando dificuldades, exigências, usando-as como trunfo, para fazer do desfile o seu próprio triunfo. E o cerco cada vez se aperta mais...

Agora as escolas não desfilam mais para o povo, mas ao longo de arquibancadas quase feudais, onde os lugares são cobrados a preços altos, destinados ao *café-society*, e mais especialmente aos turistas de dólar fácil, atraídos pela certeza de assistir *ao maior espectáculo do mundo.*

Eis, pois, e em resumo, do que tem constado o carnaval carioca nos ultimos anos. Dez ou quinze. Ir pular nos bailes ou ficar em casa diante da televisão, vendo, a preto e branco, por entre as muralhas das arquibancadas, a longa e na verdade admirável rapsódia do samba...

ALGO VIRÁ DE NOVO, E FECUNDO

— Há nisto algo de errado?

Creio que sim: O principal é que o turismo, no Rio de Janeiro, nunca foi nem uma técnica, nem uma opção. O Rio, nascido para o turismo, tem vivido até hoje da sua beleza natural. Mas turismo, já o disse aqui, tem de ser uma espécie de humanismo. Só agora (e penso isto sem vaidade) o facto de existir uma realidade turística em Portugal, é que, creio eu, veio despertar a curiosidade dos brasileiros...

— Mas então o turismo pode ser mesmo uma industria?

E de repente, ou por coincidência, eis que o Governo brasileiro, que se tem justificado e brilhado dentro de uma filosofia de industrialismo e desenvolvimento, desperta para os mil aspectos da industria turística, preparando-se, porém, para estabelecer primeiro, a infra-estrutura necessária ao turismo a partir do ano de 1972.

O BRASIL A VISITAR

Foi então que resolvi ir escutar sobre o assunto, o suiço Roger Schneider, professor em «*comunicação entre os povos*» numa universidade de Lausanne, e que veio ao Rio de Janeiro para estudar a maneira de trazer ao Brasil turistas de todo o mundo, mas especialmente da Europa. — Mas como? — indaguei, curioso...

— Meu caro, o segredo está em plagiarmos o que ontem ouvi de um ministro do Brasil referindo-se á necessidade de um *nacionalismo lucido*. Aí tem. O necessário é criar um *turismo lúcido*...

— Dê uma definição...

— Aí tem: turismo é juntar sete cores e com elas fazer um arco-íris. Compreende?

— Mais ou menos.

— O Brasil vale como um mundo novo. O essencial é levar o turista a consumir beleza, conforto, cultura, imagens, confrontos; sensibilidade e sociabilidade. Faço-me entender?

— Esse turismo tem muito mais de humanismo.

— Mas é o turismo de amanhã, entende? Posso falar a você do muito que há a ver, ao mesmo tempo, de unidade e de multiplicidade, neste grande país. O Brasil do sul ao norte...

— Não vamos tão longe. O que eu queria era ouvi-lo apenas sobre as possibilidades turísticas da Guanabara que é, ao mesmo tempo, uma cidade e um estado: a cidade do Rio de Janeiro...

— Que nada tem a ver com o estado do Rio de Janeiro?

— Exacto.

ESBOÇO DE UM CALENDÁRIO

— Bem, então lá vai. No Brasil, ao contrário da Europa não há quatro estações. A primeira novidade a impor, seria criar, aqui, *quatro estações turísticas*. Nem Primavera, nem Verão, nem Outono, nem Inverno. O ano seria dividido em quatro períodos de três meses. As quatro estações do Turismo, entende? Ao primeiro dariamos o nome de ESTAÇÃO DA MUSICA que corresponderia á PRIMAVERA Está entendendo? Duarte cinte e um dias, o Rio de Janeiro ofereceria ao mundo as divinas flores da musica. Aqui estariam presentes, todos os anos, os grandes maestros, solistas, compositores, bem como orquestras de todos os continentes. Concertos diáriamente.

Em todas as salas disponiveis, ou em auditórios armados ao ar livre, no parque Lage, ou na quinta da Boa Vista. Musica clássica e musica de vanguarda. Até electrónica. O som de todos os tempos. Quem viesse, de longe poderia escutar, numas curtas férias, tudo que há de mais importante na história universal da Musica. Que tal?

A ESTAÇÃO DA UNIDADE

— No Verão, que aqui é Inverno, mas um Inverno delicioso, de céu macio e sol ameno, seriam escolhidos outros vinte e um dias para congregar, numa reunião de alta importancia continental (coisa que espantosamente nunca se fez até hoje) toda a cultura dos países sul e centro-americanos. Seu teatro, seus poetas, seus romancistas, seus artistas plásticos, seu artesanato e até, se quiserem, o seu folclore. E teríamos assim o turismo servindo de elo a um vasto continente que, todo ele, sofre dos mesmos males. A comunhão de vinte e tantos países através da arte e da cultura. Eis a força poderosa do Turismo lúcido.

A ESTAÇÃO DA MULHER

— O Outono europeu que é representado por Outubro, Novembro e Dezembro traria a nova estação a da MULHER. Mulheres de todo o mundo viriam debater aqui os seus problemas Teatro. Conferências. Desfiles. Seus direitos. Seus anseios. Um dos problemas mais discutidos no mundo de hoje é o problema da mulher na sociedade. Pois bem. O Rio de Janeiro conjugaria representantes de todos os países...

— Perdão. Mas com uma idade limite, espero. No Rio de Janeiro mulher além dos trinta e cinco anos é carta fora do baralho...

— Mulher não tem idade, meu caro. Elas viriam discutir por exemplo a seguinte tese: — *Qual é o país onde a mulher é mais livre?* Isso, creio, seria uma atracção turística. Com a vantagem de que o clima perturbador do Rio de Janeiro, iria convencer as mulheres de todo o mundo que a unica coisa que resolve mesmo é o amor...

— Nisso estou de acordo. Mas, e a quarta?...

RIO DE JANEIRO &

A QUARTA ESTAÇÃO

— Bem, essa seria a estação do Carnaval. Mas não com o vosso carnaval apressado e vazio de quatro dias, e poucas atracções. Carnaval com fantasia e imaginação pode dar quinze dias de permanente deslumbramento para o turista...

— Mas como?

— Nisso os cariocas é que podem estabelecer um programa *legal* como vocês dizem...

Alguém o chamava ao telefone.

SONHO OU REALIDADE?

Tive então a ideia de procurar um vidente meu conhecido. E ele, a troco de uma nota alta, e desprezando a clássica bola de cristal logo pôs a funcionar um pequeno computador-falante que, com voz de locutor de futebol, imediatamente começou dando o seu recado entre nuvens de fumaça colorida:

— Este Carnaval de 1971 foi tudo quanto há de mais *off*. Carnaval é, ou não é. Vocês sabem. É óbvio que a moda, o cinema, a literatura, estão voltando ás décadas de 20 e 30. Basta ver o êxito recente desse filme bobo mas triunfal que se chama *Love Story*. Carnaval para ser Carnaval tem de ser o que foi nesses anos felizes. Só isso fará o povo voltar ás ruas, e participar. Sabe o que estou vendo para 1972? Olhe só, durante quinze dias as escolas de samba irão apresentar-se no Maracanã, em grandes espectáculos, sobre um imenso tablado que encobre toda a grama. Duas escolas exibem-se em cada noite. O povo escuta, decide e julga. Porque só o povo é que sabe ser juiz. A apoteose final será o desfile colectivo na Avenida Presidente Vargas. Com, ou sem arquibancadas...

— Bonito...

— Mas não é só. No Maracanãzinho, durante duas semanas, estou vendo uma evocação monumental, com dois mil figurantes, relembrando os carnavais do passado...

— Sentimental...

— Estou vendo mais e melhor. Acabaram as ridículas decorações nas ruas, sempre sem o menor efeito, e que custavam uma fábula. O Carnaval vai ser iluminado com o concurso das forças do Exército e da Marinha, que colocam centenas dos seus poderosos projectores, em pontos estratégicos, de modo a recobrirem a cidade, avenidas e praças, e de movimentados e coloridos jactos de luz.

— Feérico...

— Estou vendo centenas de blocos. Os da zona sul vão desfilar na zona norte. Os da zona norte, na zona sul. E das janelas recebem-nos entre nuvens de *confeti* e serpentinas. A população em vez de ficar diante da televisão, em casa, sairá então para a rua fazendo soar bem alto seus tamborins e reco-recos. E duzentos mil turistas compartilharão da folia geral...

Disse, e calou-se. Estava cumprida a minha missão. Leitor, se assim for, não tenha medo e venha. Venha em 1972 assistir ao novo carnaval carioca. Isto se os burocratas da Secretaria de Turismo não estragarem tudo Porque turismo, já o disse acima: — consiste em juntar sete cores e fazer com elas um arco-íris.

Março de 71, Copa.

★

Respostas aos leitores: Salvador Alexandre, Rua do Pé da Cruz (o nome é lindo!) 22, Faro. Sobre o assunto da sua carta, tão gentil e amável, aconselho-o a dirigir-se ao sr. António Pedro, na casa Livros de Portugal, rua Miguel Couto, Centro, Guanabara.

★

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana, G. B. — Brasil.

NOVA YORK

A TERAPÊUTICA PELA DANÇA PARA DOENTES NEURÓTICOS

Por CHERYL BENTSEN

NUM CRESCENDO, a música dos tambores enche o estúdio. Precisamente antes de os ritmos palpitantes atingirem uma intensidade difícilmente suportável pelo ouvido humano, uma jovem envolvida numa pele de leopardo põe o seu tambor de lado, levanta-se e inicia uma dança girando sobre si própria. Enquanto as outras a observam, a percussão dos tambores diminui gradualmente, até que o grupo se estende no chão, em repouso. Trata-se de uma sessão de terapêutica pela dança, e os dançarinos são todos doentes neuróticos enviados para o Centro de Terapêutica pela Dança, de Blanche Evan, em Manhattan.

Desde 1946, altura em que a terapêutica pela dança foi adoptada pela clínica de saúde mental do «St. Elizabeth's Hospital», em Washington, D. C., o método espalhou-se através de todo o Mundo, ajudando psicopatas, euróticos, cegos, atrasados e toxicómanos, em hospitais e estúdios particulares. Algumas universidades têm, actualmente, cursos de terapêutica pela dança, enquanto que outras, seguindo o exemplo da escola de educação da Universidade de Nova York, projectam possibilitar a formação na matéria. Determinada associação americana de terapêutica pela dança foi constituída com o objectivo de elaborar padrões susceptíveis de acreditar os terapeutas.

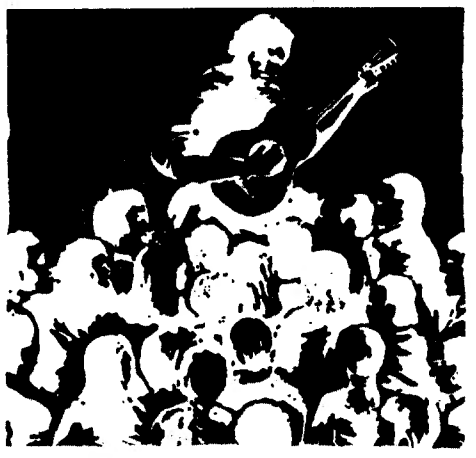
É possível que as técnicas da terapêutica pela dança se sirvam de uma gama de filosofias psicológicas, mas todos os terapeutas da dança concordam com a definição geral em que se baseou a sua criação: a integração de corpo e espírito.

LER OS PROBLEMAS EMOCIONAIS

Encontramos «Miss» Evan, a mulher a quem se deve tudo isto, empoleirada num banco do seu estúdio, a maior parte do tempo, observando os doentes e tomando, por vezes, notas dos seus movimentos. Convencida de que «o movimento não pode mentir», como base da terapêutica pela dança, ela pode ler os problemas emocionais dos doentes na sua posição. «Muitos doentes escondem os seus sentimentos desagradáveis por detrás de uma expressão alegre» — explicou.

Mas, uma vez a dançar, entregam-se completamente. O doente neurótico e deprimido, por exemplo, deixará que o seu corpo caia no chão, a cabeça e os ombros completamente descontraídos. As costas e o pélvis tornam-se estáticos, o que é frequentemente revelador de frustração sexual.

Durante uma improvisação sobre o amor, os braços podem descair desamparadamente para os lados, como se o amor fosse demasiadamente doloroso de exprimir. Os movimentos serão de pequena amplitude, e é possível que eles revelem receio em mover-se através do espaço. Os braços mortos e o pélvis rígido são zonas chave para os olhos treinados de «Miss» Evan. A face, sem expressão, é a última zona do corpo a ser libertado.



Para o psicopata, que, ao contrário do simplesmente neurótico, se encontra muitas vezes desligado da realidade, a terapêutica pela dança pode ser um começo. Lee Strauss, directora do programa da terapêutica pela dança do Hospital Psiquiátrico de Bellevue disse que «há alturas em que a terapêutica pela dança é mais útil do que as palavras».

LIBERTAR-SE DA LETARGIA

As técnicas usadas com os psicopatas são diferentes das que se empregam com os neuróticos. «Mrs.» Strauss toca sempre música para os psicopatas, enquanto que, no caso dos neuróticos, recorre por vezes simplesmente ao tambor. «Os doentes psicopatas necessitam do apoio da música porque as suas defesas estão atentas e a força do seu ego é mínima. «As improvisações não são utilizadas porque necessitam do uso da imaginação, o que prejudicaria os movimentos puros e naturais dos doentes. Aqueles cujo estado é mais grave mal chegam a mover-se, talvez apenas os dedos, mas já significa algo para eles tirarem simplesmente as mãos da lapela. «As sessões ajudam o doente a libertar-se da letargia, bem como da energia excessiva. Para os neuróticos, os tambores podem «disparar» a libertação do corpo das suas inibições.

Os doentes compreendem frequentemente o que os seus movimentos significaram, depois da sessão de terapêutica. Após uma sessão extremamente agressiva com mulheres severamente atrasadas, uma delas pediu para não tomar parte na próxima sessão por se sentir cansada. Mais tarde, ela contou a «Mrs.» Strauss que tinha estado muito caprichosa e agitada nessa manhã, recusando-se a tomar o remédio. Tinham-na posto num quarto separado onde, explicou, ela começou a bater nas paredes Mas acrescentou ter feito isto para se acalmar e libertar os seus sentimentos agressivos, lembrando-se como esse tipo de movimento a tinha ajudado na última sessão de terapêutica. O número de mulheres excede o dos homens nas aulas de «Miss» Evan. «A falsa tradição de homosexualidade na dança impede muitos homens de virem» — declarou ela.

«A VIDA É UM MOVIMENTO»

«Miss» Evan começou a interessar-se pela terapêutica pela dança muito antes de existirem cursos para treino de professores, tal como o que ela principiou em 1958. «A minha ideia da dança foi sempre de carácter psicológico» — disse. — «A minha coreografia sempre teve por tema pessoas que tentam, em campos de concentração, escritórios e bairros miseráveis, ser elas próprias». A sua aprendizagem começou quando desempenhou o papel de uma folha de alface num recital de dança, com a idade de sete anos. Depois de prolongada carreira como dançarina, tornou-se a primeira dançarina a ser aceite no Instituto Alfred Adler de Psicologia Individual.

Para os terapêutas da dança, «a vida é um movimento». Como alguém disse, «é uma coisa contínua. Mesmo quando me sento num autocarro, dou comigo a olhar fixamente para as pessoas, tentando decifrar o significado da boca franzida do homem sentado no banco oposto». É possível que os terapêutas da dança estejam alguns passos à nossa frente.